



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

GÍLIAN GARDIA MAGALHÃES BRITO

CORPO POLÍTICO E JOGO DE LINGUAGEM DE MULHERES CICLISTAS



FORTALEZA - CEARÁ

2019

GÍLIAN GARDIA MAGALHÃES BRITO

CORPO POLÍTICO E JOGO DE LINGUAGEM DE MULHERES CICLISTAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestra em Linguística Aplicada.

Orientadora: Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Brito, Gílian Gardia Magalhães .

Corpo político e jogo de linguagem de mulheres ciclistas [recurso eletrônico] / Gílian Gardia Magalhães Brito. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¾ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 120 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof.^a Ph.D. Claudiana Nogueira de Alencar.

1. Jogos de linguagem. 2. Subjetividades. 3. Mulheres ciclistas. I. Título.

GÍLIAN GARDIA MAGALHÃES BRITO

CORPO POLÍTICO E JOGO DE LINGUAGEM DE MULHERES CICLISTAS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

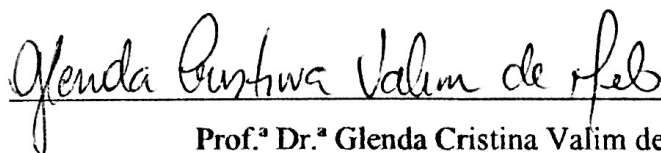
Aprovada em: 16 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



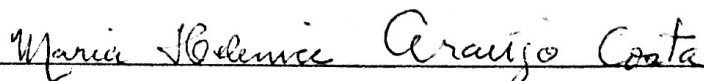
Prof.^a Dr.^a Claudiana Nogueira de Alencar (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof.^a Dr.^a Glenda Cristina Valim de Melo

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO



Prof.^a Dr.^a Maria Helenice Araújo Costa

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Às mulheres que ciclam e (àquelas que)
poemam as cidades.

AGRADECIMENTOS

À grande poesia que chamamos vida!

A minha mãe e pai, Lourdinha e Assis, pelo amor e primeiras lições.

À minha segunda mãe-irmã, Taoda (Marta), à Ligia (irmã gêmea de brincadeira), ao Brito Jr., meu irmão, e à pequena-grande Sofia, minha sobrinha-irmã, pela alegria de compartilhar jogos, sorvetes, dilemas e afetividade.

À Raquel pelo riso-fílmico e criticidade. “O amor é filme, eu sei pelo cheiro de menta e pipoca que dá quando a gente ama”!

Ao querido Ozi, colo-irmão, pela doação!

Aos amigos e amigas do Viva a Palavra, Vanusa, Claudinha, Bruna, Altervir, Stefanie, Dieguinho, William, Tatiane, Miriam, Eilane, Thaís, Ederson, Edvar, pelas lições.

Ao Jony, Jana, Sara, Coelho, Marquinho, Eleildo, Diego Avedano e Reginaldo, pelos saberes-afetos!

A Pool, Cecéu e Drika pelo cuidado e pedaladas como Círculos Populares!

Às mulheres dos Círculo feministas pelo diálogo-luta!

Aos colegas da turma de mestrado, pelos saberes e sabores!

As professoras e professores do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará!

Ao coord. prof. Lucineudo e secretários do PosLA, Jamile e Ismael, pelo carisma.

À professora Dina e ao professor Estênio, que constituíram a banca examinadora do projeto de qualificação, pela impulsão e provocações, por me fazerem repensar as cidades e por me permitir delirar no estilo de escrita.

Às professoras Glenda e Helenice, pela resignação relativa aos prazos e contribuições para essa dissertação!

À Clau, professora-corpo-sem-órgãos, linha de fuga, máquina revolucionária, pela educação “que atravessa a rua”, pelo “Experimente!”

À Lucy, Renata, Suze, Malena, Júlio, Gláucio, Bel, Soraide, Marcos Fábio (*in memoriam*), D. Antônia, Fernanda, Liduína, pela torcida!

A meus alunos Tito e Ítalo por me ensinarem com a beleza de suas vidas!

Ao Governo do Estado do Ceará e Secretaria de Educação-SEDUC, pela licença laboral e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico-FUNCAP, pelo financiamento.

Às minas do *Pedalzinho das Mina*, por serem voz-corpo potente!

"O ser humano é um peregrino. É só na
aparência que ele tem uma geografia."

(Nélida Piñon)

RESUMO

Em “Corpo político e jogo de linguagem de mulheres ciclistas”, busca-se cartografar produções de linguagem de mulheres ciclistas como forma de vida, constituinte e constitutiva de ações que corporificam subjetividades políticas, que reivindicam visibilidade, liberdade. Desse modo, entendendo a linguagem como ação, indaga-se de que maneira as experiências socioculturais, nas vias urbanas, em uma bicicleta, acrescentam significados a uma identidade de gênero sempre em curso. A partir da cartografia, pretendendo produzir rizoma, interessa produzir uma narrativa sobre criação e movimento político nas ciclovias como *agenciamento coletivo de enunciação* que engendra uma luta feminista marcada por simbioses como corpo-máquina-espço (mulher-bicicleta-cidade). Assim, sob uma perspectiva da Pragmática Cultural: 1. Discute-se como a experiência de resistir a formas econômicas capitais, construção de cidades educadoras e educandas, relações opressoras produzidas pelo capital e patriarcado amolam e reprimem não apenas a liberdade pessoal dos corpos de mulheres, mas seu livre acesso às vias urbanas; 2. Produz-se um diálogo a partir de palavras-mundo que se destacam como repetição, estilizações discursivo-corpóreas que apresentam multiplicidades da relação mulheres-bicicletas-cidades em alegorias, ritualizando, performando diferenças de gênero, modal e espaço, performando uma gramática de uso e constituindo formas de vida distintas (mulher-homem, bicicleta-carro, cidade como espaço livre-proibição); 3. Percebe-se a partir dos jogos de linguagem de algumas mulheres ciclistas associações de resistência a outros jogos de linguagem que minimizam formas de vida associadas ao modal bicicleta e seu uso por mulheres. Os jogos de linguagem aqui estudados como ensaio narrativo constituem subjetividades, devir corpo-político-mulher-ciclista, devir que atua corpo-voz e simbioses, por múltiplas rotas de fuga, pelos desejos de felicidade, o desejo de ocupar geografia das cidades de forma simétrica. As subjetividades são produzidas e produtoras, na interrelação cotidiana, no fluxo dos desejos e sensações, nas formas de existir, a partir de agenciamentos constitutivos de linguagem, ação, efeito, relação.

Palavras-chave: Jogos de linguagem. Subjetividades. Mulheres ciclistas.

ABSTRACT

In "Political Body and Language Game of Women Cyclists", we attempt to map language productions of women cyclists as a way of life, constituent and constituent of actions that embody political subjectivities, which claim visibility, freedom. From this and understanding language as action, we ask how sociocultural experiences on urban roads on a bicycle add meaning to an ever-on-going gender identity. From cartography, we intend to produce rhizome, we are concerned with producing a narrative about creation and political movement in bicycle lanes, as a collective of enunciation that engenders a feminist struggle marked by symbols such as body-machine-city (woman-bicycle-city). Thus, from a Cultural Pragmatic perspective: 1. We discuss how the experience of resisting economic forms, building educational and educational cities, producing oppressive relations produced by capital and sponsored, sharpen and repress not only a personal individual of women, but their own. free access to urban roads; 2. We produce a dialogue from world-words, which stand out as repetition, discursive and corporeal stylizations that display multiplicities of the women-bicycles-cities relationship in allegories, ritualizing, executing gender, modal and space differences, executing a grammar of distinct forms of use and constitution of life (woman-man, bicycle-car, city as free space-ban); We realize from the language games of some women cyclists resistance associations against other language games that minimize life forms associated with modal cycling and its use by women. The language games studied here as a narrative essay constitute subjectivities, becoming a body politician-woman-cyclist, a body-voice acting and symbioses, through multiple escape routes, the desires for happiness, the desire to occupy the geography of cities symmetrically. Subjectivities are produced and producing, in daily interrelation, in the flow of desires and sensations, in the forms of existing, from constitutive assemblages of language, action, effect, relationship.

Keywords: Language games. Subjectivities. Women cyclists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Conversa no WhatsApp	47
Figura 2 - Convite virtual de aula de ciclismo para mulheres	52
Figura 3 - Anúncio virtual sobre o Pedalzinho	53
Figura 4 - Anúncio sobre acontecimento de seminário de ciclofeminismo	55
Figura 5 - Mulher ciclista vestindo calça bloomer	61
Figura 6 - Anúncio de aula de bike para mulheres	63
Figura 7 - Evento aula no bairro Benfica	65
Figura 8 - Seis meses de Pedalzinho	65
Figura 9 - Um ano de Pedalzinho	72
Figura 10 - Mapa da malha cicloviária de Fortaleza	76
Figura 11 - Mapa de estações do projeto Bicicletar	76
Figura 12 - Perfil laboral de mulheres entrevistadas	77
Figura 13 - Roda de conversa sobre saúde mental	79
Figura 14 - Roda de conversa sobre empoderamento	79
Figura 15 - Ciclofeminismo em pauta	80
Figura 16 - Sr. Poste na ciclovia da avenida Aguanambi	91
Figura 17 - “Meme” A maldição da bicicleta	92
Figura 18 - Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza – CICLOVIDA	93
Figura 19 - Cuidados e segurança no pedal	96
Figura 20 - Meu corpo, minhas regras	102
Figura 21 - Corpo vigiado	102
Figura 22 – Anúncio “Pedalzinho das Mina: Cidade Ciclável para as Mulheres”	108

SUMÁRIO

1	ENTREMEIO	10
1.1	TERRITÓRIO DE CRÍTICA E AFETOS	10
1.2	PERFORMANCES PARA UM CAMPO DE PESQUISA	12
1.3	UMA MÁQUINA DE GUERRA	17
2	PISTAS PARA UMA CICLOEXPERIÊNCIA	23
2.1	PRAGMÁTICA CULTURAL: PRAXIS E MICROPOLÍTICA SOCIAL	23
2.2	A CONSTITUIÇÃO DE MULTIPLICIDADES RIZOMÁTICAS (OU PESQUISA RIZOMÁTICA)	32
2.2.1	Conexão e heterogeneidade	34
2.2.2	Multiplicidade	35
2.2.3	Ruptura assignificante	40
2.2.4	A cartografia e a decalcomania	45
3	DO PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM AO ATO DE CORPO POLÍTICO	47
3.1	JOGOS DE LINGUAGEM.....	48
3.2	PERTENCIMENTO A UMA REALIDADE GEOGRÁFICA DE FLUIDAS FRONTEIRAS.....	57
3.2.1	Guerra nas pistas: formas de vida em devir luta	60
3.3	FORMAS DE VIDA INSURGENTES: PEDAGOGIA LIBERTÁRIA DE MULHERES CICLISTAS	63
3.3.1	Cidades educativas: território de todas e de todos	71
4	CAPITALISMO E CIDADE: CONFLITOS, CICLOFEMINISMO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	83
4.1	CICLOATIVISMO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	91
4.2	CICLOFEMINISMO, POLÍTICA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES	99
3.4	CORPOS POLÍTICOS E A POLÍTICA DAS RUAS.....	108
5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	112
	REFERÊNCIAS	115

1 ENTREMEIO

“Vem anda andando, ligeiro, cê não vê o vulto com
esses olhos de mecê. [...] Eu sou onça. Eu-onça.”
(João Guimarães Rosa)

Quem já me viu apresentar esse tema sabe – e quem está chegando agora, convido a seguir conosco percebendo – que esse nem é o início, muito menos o fim de uma certa trajetória. Estamos no *entremeio* de uma jornada política, ou de uma geografia social feminista. E esse é nosso lugar de fala: através da minha posição privilegiada de pesquisadora, permitir-nos conduzir pelos espaços ocupados por mulheres ciclistas, em uma tentativa de, para além de uma descrição-relato de sua linguagem e suas formas de vida, multiplicar suas vozes, entendendo-as a partir de suas subjetividades que, no espaço urbano de Fortaleza, reivindicam seu lugar no mundo, uma voz agenciadora e potente.

1.1 TERRITÓRIO DE CRÍTICA E AFETOS

Ensejando situar nosso empreendimento reflexivo dentro de uma “certa” geografia (e não de uma geografia certa) dos estudos sobre a linguagem, sob um viés da Pragmática Cultural, crítica, portanto, poderemos destacar a linguagem como algo que, deslocando-se de normas essencialistas, ganha “força e vida” nas práticas sociais diárias verbais e não verbais.

Primeiramente, retomamos a ideia de um empreendimento crítico nas acepções reverberadas por Ferreira e Rajagopalan (2016), cuja visão moderna de ciência refrata (em nós, por exemplo) não um *desencantamento*, mas uma “*desconfiança* no uso do manto de ciência e de certa visão”, considerando, sobretudo, entre tantas, duas noções – *crise* e *critérios* – como atributos de uma atitude crítica, de um devir sujeito analista que, ao perceber uma situada *crise*, busca estabelecer *critérios*, como leis e princípios gerais capazes de explicar os fenômenos do mundo (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 20, grifo nosso). Pois bem, nossa atitude crítica aqui reside, sobretudo, em reconhecer as falhas possíveis de nosso percurso e sobre as condições múltiplas dos possíveis jogos que façamos nas relações performativas-afetivas pesquisadora-e-seus-pares, pesquisadora-ciclistas-mulheres.

Em segundo lugar, esse projeto reflete um lugar de paixões e desejos. Paixão pela *bike*, desejo de construir uma cidade onde mulheres possam ciclar tranquilamente. Assim, fui afetada pelas palavras-ação de mulheres ciclistas.

Havia tempo que eu não ciclava. No encontro com outras mulheres que ciclavam e ao performar um devir-pesquisadora, redescobri-me ciclista. Esse trabalho constituir-se-á um pouco dessa narrativa do encontro com esses devires, na constituição do meu corpo e da minha fala, a partir de agenciamentos na e pela linguagem que permitiram me performatizar como tal.

Eu nunca havia pedalado em uma cidade tão modificada pelo processo de urbanização como Fortaleza. Sou de um município do interior, Senador Pompeu, e passei metade da minha vida na zona rural, onde eu tinha certa liberdade para pedalar. Havia algumas proibições; na época, percebia pais de amigas que rechaçavam que elas pedalassem.

Minha irmã Lígia conta que nós ganhamos bicicletas muito cedo. Era início da década de 1980. Era “fartura”, ela brinca, contrariando os anos 1970, que foram desoladores para quem vivia da agricultura, pois foram anos de seca. Ela conta também que amigas dela, meninas, mulheres, eram coibidas de andarem de bicicleta porque essa era considerada “perigosa à virgindade das moças”.

Eu, pelo contrário, assim como minhas duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo, tínhamos acesso à bike. Ganhei uma, bem nova. Já no fim da infância e início da adolescência, meu pai, meu irmão e eu pedalávamos cerca de dez quilômetros até um sítio onde meu pai cultivava, sobretudo, algodão. Achava lindo, do alto, avistar aquele “tapete”, o ouro branco, como era chamado. Era fins da década de 1980 e início da década de 1990. Tínhamos apenas que tomar cuidado para não cair quando descíamos o alto barrento, como aconteceu algumas vezes comigo, mas esse trabalho era também divertido.

Uma terceira questão que situamos nessa devir-geografia diz respeito a uma ética. Entendemos a nova pragmática não apenas no sentido que Rajagopalan (2010) clama para lermos um *Austin não enviesado por Searle* - ou ao que o linguista indiano, naturalizado brasileiro, chamou de *sacralização* do texto austiniano, constituindo uma leitura obtusa ou, no mínimo, ortodoxa, desconsiderando possíveis

reverberações outras do texto do autor dos *performativos*¹. Entendemos por nova pragmática, também, uma linguística política de uma agenda compromissada com os sujeitos – e sua linguagem – situados histórica e socialmente.

1.2 PERFORMANCES PARA UM CAMPO DE PESQUISA

A partir do crescente debate sobre a linguagem como forma de ação, sobretudo no que diz respeito às práticas discursivas, indagamos de que maneira as experiências socioculturais, nas vias urbanas, em uma bicicleta, acrescentam significados a uma identidade de gênero sempre em curso². Na mesma via, questionamos, ainda, de que forma tais práticas discursivas podem se constituir em discursos transformadores e colaborar para um redimensionamento das relações de poder no espaço urbano.

Em meio a um contexto de implicações sociopolíticas e culturais nos estudos críticos sobre linguagem, identidade e gênero, a pesquisa em pragmática vem ganhando forma e *corpo*. Diante disso, pensamos em realizar um estudo sobre as práticas sociodiscursivas de mulheres ciclistas do coletivo *Pedalzinho das Mina*, mas sem optar, *a priori*, por um caminho que sublima o posicionamento da construção das identidades de gênero (feminino-masculino). Pretendemos aqui, construir um elo entre aspectos de análise que se referem à construção das subjetividades de gênero dentro das acepções *performativas* (AUSTIN, 1990; BUTLER, 2018a/b) e *jogos de linguagem* (WITTGENSTEIN, 2017).

A escolha do grupo se deu por afetividade. Pelas redes sociais, comecei a acompanhar dois grupos de ciclistas, o *Pedalzinho das Mina* e o *Ciclanas*. Na página do *Pedalzinho* no *Facebook*, vi um convite para participar do grupo de *WhatsApp*. Foi a partir desse fato que me aproximei do grupo, o que, por sua vez, não foi ainda o que me motivou a pesquisá-lo. Ali fui percebendo narrativas de quem são essas minas e

¹ Searle, aluno de Austin, seduzido pelo academicismo da época, apropriou-se ou, para eufemizar, domesticou, a obra do mestre, enfatizando a existência de “instâncias seguras de constatividade em meio à plethora de performativos.” (RAJAGOPALAN, 2010, p. 16).

² Ao pensarmos o sexo, poder-se-ia a pensar apenas a relação binária macho-fêmea. Em decorrência disso, o gênero pode ser pensado como territorializações ou atos repetidos e regulados por máquinas opressoras para imprimir um caráter essencialista de um ser. Lutamos contra isso! Pensamos as subjetividades como produções revolucionárias (mente-corpo), desterritorializações, que podem lutar contra associações territorializadas e territorializantes, incapazes de desvelar singularidades.

mulheres por conta de suas *bikes*, do tipo “com a *bike*, sou uma pessoa livre”; “Não sei o que seria de mim sem minha bicicleta”; etc.

Sobre o início de nosso *devir*³ como pesquisadora se deu em face de um primeiro contato, presencial, em um *devir*-ciclista, com o coletivo *Pedalzinho das Minas*, em cuja companhia pudemos observar um seguinte enunciado proferido por uma das ciclistas, enquanto percorríamos um trajeto dentro do espaço urbano de Fortaleza: “Andar em filinha indiana, não. Isso é o que eles querem”. Sim, eu pedalando com as “minas”.

A partir de então, foi-nos possível refletir, ainda que superficialmente, sobre a subjetividade relativa e a noção de alteridade: como se resignificasse a subjetividade de ciclistas-mulheres (ou mulheres-ciclistas) a partir da noção de alteridade (quem são essas meninas frente a “eles”? Quem são “eles”?). Ademais, a ideia de que “andar em filinha indiana” poderia “ganhar” sentido a partir das práticas discursivas de um cotidiano no trânsito, esse “andar em filinha” poderia ser entendido como um espaço *limitado* que as ciclistas deveriam ocupar, contrapondo-se ao espaço relativamente *maior* que um(a) condutor(a) de carro, por exemplo, ocupa?

Os valores hierarquizantes desse discurso, por sua vez, poderiam desencadear uma reflexão sobre um *locus* privilegiado pelo desenvolvimento, generalização e manutenção de relações de poder no trânsito, daí residindo a mulher-ciclista o lugar mais baixo de uma espécie de pirâmide hierárquica da qual, somado às relações de gênero, advém o espaço ocupado no trânsito pela condução de objeto de *status* “subalterno”, a bicicleta (em contraposição ao veículo de maior porte, automóvel).

Assim, performava-se um possível campo de pesquisa, também uma possível pesquisadora. Nesse sentido, era profícuo construir releituras (decoloniais) sobre a reflexão tradicional em torno das identidades de gênero, que as entende bem mais como oriundas de uma objetividade natural e/ou ideológica do que de relações sociais, através das quais os sujeitos, principalmente as mulheres, puderam se reinterpretar (VARIKAS, 1994).

³ *Devir* pode ser compreendido como um ponto de partida em um campo de multiplicidade. Isso requer que pensemos que os devires não são estanques e que, a partir das nossas relações com o mundo, atuamos de modos diversos, produzindo novas subjetividades ou modos diversos de ser. Em uma relação de padrão-poder-e-dominação, os devires se estabelecem como linhas de fuga, o que foge à regra, as chamadas minorias, por exemplo (mulher, criança, negros e negras, trabalhadores/as do campo, homossexuais etc.).

Por conseguinte, performamos verificar, com a curiosidade de quem se propõe à ciência e não a um cientificismo, de que maneira as experiências socioculturais, nas vias urbanas, especificamente, acrescentam significados às subjetividades sempre mutáveis, como subjacente à historicidade e da natureza social das relações. Outrossim, pretendemos observar e analisar de que forma as práticas discursivas de mulheres ciclistas podem se constituir em discursos transformadores e colaborar para um redimensionamento das relações de poder no e do espaço urbano de Fortaleza.

A relevância de nosso trajeto de reflexão e análise reside na abordagem da Pragmática Cultural, que postula uma transformação nas relações sociais, estas que são consolidadas e/ou contestadas a partir dos *jogos de linguagem*, dos jogos de vida, portanto. Assim, esperamos que, com nossa proposta de análise dos jogos de linguagem de mulheres ciclistas, possamos, conforme dizia João Cabral de Melo Neto (1965), “[apanhar] esse grito que ele / e o lance a outro; de um outro galo / que apanhe o grito de um galo antes / e o lance a outro; (...) para que a manhã, desde uma teia tênue, / se vá tecendo, entre todos os galos.” Que a luta contra a hierarquização de poderes, ou contra a hegemonia de discursos, ganhe novos rumos e sentidos, traçando percurso para a emancipação sociopolítica e solidária, ou, como requerem as ciclistas: uma cidade ciclável para mulheres.

Para chegarmos à delimitação do tema, partimos de algumas leituras e conversações do grupo de pesquisa Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade, da Universidade Estadual do Ceará – UECE, por meio do qual nos foi oportunizado redescobrir percursos dos estudos críticos sobre a linguagem e pragmática (SILVA; FERREIRA; ALENCAR, 2018; RAJAGOPALAN, 2003 [2016], 2010; FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016), numa visada antropológica simétrica e da Pragmática Cultural (VIVEIROS DE CASTRO, 2002; ALENCAR, 2014a) e do encontro com mulheres ciclistas. E, assim, a partir de leituras sobre produção de subjetividade (DELEUZE; GUATTARI, 2011a/b) e gênero (BUTLER, 2018b; PINTO, 2007, 2014), construímos a seguinte delimitação do problema: performatividade e produção de subjetividade: cartografia dos jogos de linguagem do coletivo de mulheres ciclistas *Pedalzinho das Mina*. O título construído CORPO POLÍTICO E JOGO DE LINGUAGEM DE MULHERES CICLISTAS reflete a discussão política sobre as subjetividades de mulheres-ciclistas e sua preocupação para tornar vivências no espaço público mais harmoniosas para elas. Além do mais, a especificidade de

apresentar as práticas do coletivo de ciclistas, *Pedalzinho das Mina*, como jogos de linguagem.

O percurso epistemológico do conceito de subjetividade perpassa vários campos do saber, estando a filosofia e a psicologia como os primeiros na forma de pensar os sujeitos. Estudiosos como Garcia (1988) e Soares e Miranda (2008) dizem que é possível traçar, sob a ótica de Deleuze e Guattari, não só uma história, mas uma geografia do pensamento e acontecimento ocidentais, sob dois eixos: um vertical e um horizontal.

Verticalmente, seria possível localizar a episteme, ou as formas reconhecidas de saber. No sentido para cima, estaria a tradição platônica, constituindo tarefa do filósofo encontrar a essência, o modelo, a ideia das coisas, a racionalidade, o estado de coisas sem sua materialidade própria; e, para baixo, as tradicionais escolas pré-socráticas e sua busca pela substância, a coisa em si, materializada. Para cima, situa-se o inteligível, para baixo, o mundo sensível: dicotomizam-se *conceptus* e *perceptus*.

Observa-se, a partir da visão dos filósofos do pensamento vertical, sobretudo a ascendente, uma noção de universalidade e totalidade do ser que, dotado de Razão, representa o mundo no pensamento. Essa forma de racionalizar o mundo e as coisas, por meio da representação, vai mobilizar o pensamento moderno, residindo a

René Descartes formular pela primeira vez a questão da subjetividade como objeto de meditação filosófica. Será justamente esta concepção representacional do conhecimento do mundo [...] que será profundamente abalada pelas investigações sobre a natureza humana de David Hume. (SOARES; MIRANDA, 2008, online).

Assim, assimila-se a subjetividade à consciência e, conseqüentemente, a derivações como sujeito racional, autônomo e individualizado. Esse sujeito terá garantia a direitos, virtude e verdade, bem como será paulatinamente capaz de narrar sua história a partir da sua relação de saber com o mundo e será também objeto, ainda que dado *a priori*, esperando ser desmistificado por outrem. (SOARES; MIRANDA, 2008).

Ao passo que a psicologia, no século XIX, reclama para si o estatuto de ciência – até então circunscrita à filosofia – reivindica também a subjetividade como objeto peculiar das suas formas de saber. Soares e Miranda (2008) assim indicam que

o surgimento das instituições de ensino, a invenção do Estado, as transformações socioeconômicas ocorridas a partir do desenvolvimento da economia liberal, a produção de conhecimento médico e psiquiátrico e seu caráter cientificista, matemático, propiciam um terreno de concepção de sujeitos singulares.

Até esse aspecto da história-geografia da subjetividade, no eixo vertical, reside o problema da representação. Por outro lado, “para os filósofos da ‘horizontalidade’, porém, a ‘verdade’ não residiria nem no céu platônico nem nas profundezas pré-socráticas, mas, antes na superfície do acontecimento” (SOARES; MIRANDA, 2008, online). Sobre estes, interessa-nos discutir um pouco mais.

Entendemos até aqui a subjetividade como substância regida sob um modo essencialista de ser. Um sujeito da razão podendo constituir objeto ou matéria de estudo das próprias ciências. Saindo da orientação vertical, cujos valores são fundacionais e hierarquizantes, vamos à orientação horizontal, cujos valores estão relacionados à associação, aliança e conexão: uma filosofia do *acontecimento*⁴. (SOARES; MIRANDA, 2008). É uma mudança paradigmática entre os modos de saber tradicionais e formas sistêmicas ou complexas de conceber a natureza relacional entre sujeitos-e-mundo; sujeitos-linguagem-pensamento. (VASCONCELLOS, 2015).

A crítica advém de Hume. Segundo os autores Soares e Miranda (2008), Hume teria problematizado sobre relações e associações, observando principalmente que “a lógica identitária dos termos é substituída pela lógica do encontro, que substitui o verbo ‘ser’ (A é B) pela conjunção ‘e’ (A e B)”.

Nessa perspectiva, o conceito de rizoma é crucial para compreender o eixo do acontecimento, o eixo horizontal, conectivo (A e B, ou E... E...). Radicalizando as ideias de hierarquização, estabilidade de identidade, consciência e poder, o rizoma:

[...] conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos. [...] não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões, sem sujeito nem objeto. [...] Oposto a uma estrutura [...], o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização. [...] O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede

⁴ Deleuze e Guattari (2011a/b) entendem a natureza como fábrica que produz as coisas reais, a si mesma e tudo que lhe envolve. Assim, as subjetividades são produzidas, são reais. Ademais, a realidade é entendida como produto de uma potência absoluta de acontecer. O acontecimento existe ainda que em potência.

por variação, expansão, conquista, captura, picada. [...], o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. [...] unicamente definido por uma circulação de estados. O que está em questão com o rizoma é uma relação com a sexualidade, mas também com o animal, com o vegetal, com o mundo, com a política, com o livro, com as coisas da natureza e do artifício, relação totalmente diferente da relação arborescente: todo tipo de “devires”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 43-44).

Pensar a subjetividade sob forma de conexões rizomáticas importa para pensar os sujeitos em seus modos de existir, sua relação consigo e com o mundo, a partir dos diferentes devires, que se perfazem nas relações com outros corpos, sejam de outros sujeitos da mesma espécie ou não, na multiplicidade de ser e atuar, ser afetado no e pelo mundo, seja por regime de signos significantes ou assignificantes.

As subjetividades são produzidas e produtoras, na inter-relação cotidiana, no fluxo dos desejos e das sensações, nas formas de existir, a partir de agenciamentos constitutivos de linguagem, ação, efeito, relação. Dos tipos de agenciamentos, apenas mencionamos para esse momento, de modo genérico, os agenciamentos maquínicos, os agenciamentos coletivos de enunciação e os processos de territorialização e desterritorialização.

1.3 UMA MÁQUINA DE GUERRA

Podemos relacionar máquina não simplesmente a objeto, mas a desejos e paixões. Segundo Deleuze e Guattari (2011b), esse tipo de agenciamento confere não a produção de bens ou representação de coisas, mas simbioses engendradas na relação ou amálgama Natureza-Sociedade. As subjetividades estariam, então, relacionadas, rizomaticamente, à relação dos sujeitos (sociedade) com natureza, mundo, cultura, linguagem, meios de produção.

Há quatro formas de estabelecer agenciamento no *Pedalzinho das Mina*. O primeiro, *agenciamento maquínico* (de corpos, de ações e de paixões), por associação à máquina-corpo, à máquina-mulher, à máquina-linguagem, à máquina-desejo, à máquina-discurso-de-resistência, à máquina-luta, à máquina-bicicleta, à máquina-ciclista, à máquina-meio de transporte. Ainda em relações relevantes a esse trabalho: à máquina-automóvel, à máquina-rua, à máquina-condutor/conduutora de automóvel etc.

O segundo agenciamento diz respeito aos jogos de linguagem aos quais nos deteremos ao longo da pesquisa: são os *agenciamentos coletivos de enunciação*. Estão relacionados, segundo os autores de *Mil Platôs*, não à “produtividade de linguagem, mas a regimes de signos, a uma máquina de expressão cujas variáveis determinam o uso dos elementos da língua” (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, p. 33). Ambos os agenciamentos, *maquínicos* e *coletivos de enunciação*, estariam entre si, inseridos, sob forma de plano de força de modo horizontal, isto é, no plano de acontecimento, um agindo sobre o outro: desejos, máquinas, atos corpóreos, numa perspectiva, linguagem (ou atos incorpóreos), n’outra.

Sobre tais regimes enunciativos e corpóreos, vistos em uma perspectiva horizontal, atuam *agenciamentos de territorialização e desterritorialização*, em perspectiva vertical. Esses últimos, fechando a tetravalência do agenciamento, quantificam as formas dos dois primeiros agenciamentos (conteúdo-corpo e expressão-enunciados).

Podemos entender a territorialização como regime de força que, em um sentido genérico, atuam sobre os discursos, sobre as coisas, territorializando, isto é, modulando operações mais fechadas, ortodoxas, ou desterritorializando, abrindo, expandindo discursos, podendo voltar a estabilizar sob novas formas, reterritorializando. Bem geográfico, não é?! As linhas que compõem um rizoma estão constantemente sob processo de desterritorialização, reterritorializando aqui, ali, sempre, como linhas de fuga, múltiplas.

É a relação entre os quatro agenciamentos que nos interessa contextualizar a cena nas cicloviárias, como agenciamento coletivo de enunciação que engendra a luta de máquinas-corpos, em espaços geográficos e semióticos, na máquina-território-urbano-ciclável e jogos de linguagem, e seus agenciamentos de des- e territorialidade, posto que “uma sociedade se define por seu amálgama (da relação sociedade-natureza e linhas de fuga), não por suas ferramentas”. (DELEUZE; GUATTARI, p. 33).

Um jogo de linguagem interessante observado durante minha existência/vivência entre as mulheres do coletivo de ciclistas *Pedalzinho das Mina* foi perceber que, mesmo sem combinação prévia, o pronome “ele” foi entendido sem uma referência concreta, mas talvez não tão abstrata. Vamos explicar melhor. Em um dos

*pedals*⁵, foi combinado que as ciclistas deveriam guiar as bicicletas sob um determinado agrupamento: éramos um total de oito mulheres, nesse dia, e deveríamos nos agrupar em parcerias de 3, 3, 2, lado a lado, de forma que, conforme explicou uma das meninas, mesmo que mudássemos as parcerias, era importante que não desfizéssemos os agrupamentos. Entendi a “coisa mesmo” na prática, quando saímos a pedalar, em um circuito dominical, de “ida e volta”, cujo percurso compreendia saída da praça da Gentilândia com destino ao Parque do Cocó, perpassando por ruas e avenidas ora tranquilas, ora apresentando um trânsito amedrontador. Pus-me confiante naquela *forma de vida* organizada entre nós.

Em determinado momento, com o trânsito – para lá de perturbador –, no frêmito e caloroso momento, eu nem percebia que os grupos se desfaziam. Cada uma tentava, sozinha, defender sua própria vida ao largo da pista agora famigerada e repleta de outras *formas de vida* sob outros modos de organização, a dos condutores de veículo automotor.

Nem sei se foi nesse momento ou *a posteriori* que me dei conta das *palavras de guerra*⁶, locucionadas por uma das companheiras “Filhinha indiana, não! Isso é o que eles querem”. Agenciamento que anteciparia atos corpóreos. Atônita, não me recordo se conseguimos nos reorganizar a contento⁷. Talvez, satisfaça dizer sobre o *efeito* ou *ato perlocucionário*⁸ imanado em mim ao tentar retomar a posição bélica instaurada no início do percurso. Poxa, como teríamos sido mais felizes se não tivéssemos “baixado a guarda”, se tivéssemos permanecido todo o tempo na “formação de guerra”. “Eles” eram o iminente inimigo, a máquina-automóvel. Nós, éramos a resistência. E a formação da “máquina de guerra” fora nossa melhor estratégia, então!

A exemplo dos antigos romanos⁹ e suas estratégias de guerra, as *minas* performatizam, na linguagem e nos atos corpóreos, agenciamentos de guerra, para

⁵ Denominação atribuída pelas *minas* como o passeio ciclístico do coletivo. Em outro jogo de linguagem, pedal pode ser entendido como parte da bicicleta onde se apoiam os pés durante a atividade ciclística, como vimos anteriormente.

⁶ O termo diz respeito à relação palavras de ordem, que compõem, num regime de forças discursivas, palavras que estabilizam atos corpóreos, como que comandados poderes hegemônicos. (DELEUZE; GUATARRI, 2011b).

⁷ Na época, eu, por ainda não performatizar o *devir*-pesquisadora, não conduzia meu diário de observações.

⁸ Simplificando: efeito produzido por algo que é dito (AUSTIN, 1990), conceito que será explicado mais profundamente à frente.

⁹ Agradeço ao *insight* favorecido pelo professor Kanavillil Rajagolan, professor da Universidade de Campinas, após me ver apresentar uma comunicação sobre esse trabalho durante a Semana de Letras

permitir que, estrategicamente, mantenham-se equilibradas no fluxo das ruas, na atividade ciclística. As *minas*, como máquinas de guerra, constituem-se não pela guerra ou pelo horror e pela destruição, mas pela *aesthetica*: percepção e produção, pelo modo inventivo de ocupar e de inventar novos blocos espaço-temporais.

Os agenciamentos, de uma forma geral, compreendem as relações semióticas de produção de sentido dadas não somente por uma natureza individual, intrapsíquica, tampouco pela exclusividade da natureza coletiva. Eles são:

[...] duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, intrapsíquica, intrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia (sic), sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 31).

Em síntese, os agenciamentos constituem negociações de sentido. Isso implica dizer que os sentidos não existem nas palavras em si, mas nas relações entre as pessoas, entre as pessoas e o mundo; assim, eles vão significando e ressignificando, como jogos de linguagem. Nessa perspectiva, o devir mulher-ciclista, os efeitos desse enunciado-subjetividade se perfazem não apenas na nomeação, mas na força de sentido que estabelecemos não individualmente ou coletivamente, mas nas relações (mulher e bicicleta, corpo e cidade, corpo e política, linguístico e não linguístico, mulher e outras mulheres, pesquisadora e outras participantes da pesquisa, estruturas significantes e assignificantes) estabelecemos os sentidos no jogo da vida.

É sob esse contexto que nos propomos a investigar os processos de subjetivação da mulher no espaço urbano como ciclista, a partir da análise dos jogos de linguagem como forma de vida, em seus devires jovens da periferia, do centro urbano, estudantes, trabalhadoras, entre outras formas de subjetividades que constituem o coletivo *Pedalzinho das Mina*, a fim de analisar de que maneira elas se utilizam da linguagem nas diversas situações em que se encontram inseridas e se os

da FECLESC/UECE, em Quixadá, no ano de 2018. Na oportunidade, o professor nos lembrou dos antigos romanos, famosos por suas táticas de guerra, o que me levou a considerar os atos de fala-corpo do *Pedalzinho das Mina* como uma *máquina de guerra*.

agenciamentos produzidos por elas geram, em contrapartida, subjetividades e devires políticos, capazes de transformar outros agenciamentos entendidos como hegemônicos.

Em virtude da problematização, formulamos a seguinte questão de pesquisa: Quais são os modos de produção de subjetividades de mulheres ciclistas?

Dessa pergunta mais ampla, advêm três questões específicas, a saber:

a) como as experiências socioculturais podem acrescentar significados às subjetividades de mulheres ciclistas?

b) poderíamos pensar na produção de subjetividades de mulheres ciclistas a partir de seus atos de fala como uma espécie de produção de gramática cultural de resistência?

c) de que forma os jogos de linguagem de mulheres ciclistas são entendidos por elas (como transformadores e colaborares para um redimensionamento das relações de poder no espaço urbano)?

Será constitutiva, pois, de nosso percurso metodológico a descrição de aspectos da interação entre mulheres ciclistas do coletivo *Pedalzinho das Mina*, como modo de seguir pistas para o processo de produção de subjetividades. Por isso, a fim de conduzir esse empreendimento investigativo, construímos os objetivos que seguem, do mais amplo aos específicos:

Objetivo Geral: realizar cartografia dos jogos de linguagem como modos de subjetivação de mulheres ciclistas. Seguem os objetivos específicos:

a) analisar a influência das experiências socioculturais na produção de subjetividades de mulheres ciclistas em espaços públicos;

b) descrever-narrar práticas discursivas de mulheres ciclistas como forma de explorar uma espécie de gramática sociocultural que lhes é peculiar construída a partir das relações entre si e com os diferentes;

c) investigar, entre os jogos de linguagem, relatos e postagens virtuais de mulheres ciclistas com fins de compreender, a partir de suas perspectivas, tais jogos como subversivos às práticas discursivas dos jogos de linguagem constitutivos histórica e socialmente hegemônicos nas relações estabelecidas a partir do e no espaço urbano.

Dito isto, apresentemos como estão organizadas as seções. Na seção vindoura, descreveremos detalhadamente os processos teórico-metodológicos que

compreendem a cartografia, os elementos constitutivos do rizoma, as participantes, o processo de geração de dados, a produção-multiplicidade de análise narrativa.

Na terceira seção, apresentamos uma perspectiva pragmática da linguagem, sua compreensão como ação e forma de vida. Em seguida, apresentamos, com exemplos, jogos de linguagem como agenciamento coletivo de enunciação. Por fim, discutimos sobre cidades educativas e educandas, projeto de cidade ciclável para mulheres.

Na quarta seção, discutimos como o capitalismo e o patriarcado contribuíram para a formação de cidades que inviabilizam as mulheres e como estas, por sua vez, a partir da atividade ciclística, atuam na resistência e na busca de sua liberdade e visibilidade.

Clamando corpo e voz a uma certa geografia, pretendemos estabelecer uma relação entre os *devires* da pesquisadora, mulher, ciclista, com ênfase a enunciar e performatizar um lugar a/de/em seus/nossos atos de fala, em um jogo de relações com seus/nossos próprios *devires* e na possibilidade de multiplicar as vozes de outros sujeitos, mulheres, ciclistas, na constituição de múltiplos *jogos de linguagem* como *forma de vida* (WITTGENSTEIN, 2017).

2 PISTAS PARA UMA CICLOEXPERIÊNCIA

“Faz parte da natureza do coelho farejar ideias
com o nariz [...] Cada natureza tem suas
vantagens.
(Clarice Lispector)

A fim de elucidar os rumos de nossa trajetória, situamos essa pesquisa no campo da Linguística Aplicada, vista como uma “Linguística [in]disciplinada”, para usar o termo de Moita Lopes (2006, p. 26), atribuído em circunstância da leitura de Aronowitz e Giroux (1991), quando postulam que “há novos objetos de conhecimento socialmente construídos, e novos modos de vê-los, que radicalmente transgridem os limites disciplinares” (ARONOWITZ; GIROUX, 1991, *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 26).

Além disso, esse trabalho situa-se nos estudos em Pragmática Cultural (ALENCAR, 2014a, 2015) que, ao dialogar com outras áreas do conhecimento (tais como a Sociologia, a Psicologia, a Filosofia e a Antropologia), entende a linguagem como prática social e a cultura como forma de vida. A linguagem é, pois, vista sob seus aspectos múltiplos, “como vários jogos verbais e não verbais que se realizam no cotidiano” (ALENCAR, 2014a, p. 92).

2.1 PRAGMÁTICA CULTURAL: PRAXIS E MICROPOLÍTICA SOCIAL

Alencar (2014a, p. 87), configurando a Pragmática Cultural como estudo das “práticas culturais como jogos de linguagem”, considera o uso de formas verbais e não verbais, a experiência *na* e *pela* linguagem por pessoas em contextos reais de interação, estando os sentidos constituídos no amálgama de diferentes fatores constitutivos nas relações sociais, culturais, econômicas, políticas etc.

Em termos epistemológicos, a Pragmática Cultural (ALENCAR, 2015) vem se constituindo como uma perspectiva crítica dos estudos da linguagem. Nesse sentido, conectamo-nos à perspectiva de Emanuel Gomes (2018):

torna-se no mínimo ingênuo acreditar tão-somente que nosso uso da linguagem faça parte apenas de um único jogo de linguagem, o designativo, pois, do contrário, estaríamos sempre à mercê de disputas – disfarçadas com uma capa a-ideológica, a-política – sobre quem pode oferecer uma descrição *fiel, certa, objetiva, racional*, do que ocorre no mundo. (GOMES, 2018, p. 27, grifos do autor).

Ora, situados no mundo, fazendo uso da linguagem, interagimos, atuamos e afetamos pessoas, coisas, estados de coisas, relações. Dessa forma, nossa fala não somente pode constituir designações, descrições no mundo, mas, ao estar nele, pode agir, inclusive na e pela linguagem (AUSTIN, 1990), realizando mudanças que podem afetar de modo construtivo ou destrutivo, intencionalmente ou não.

Nessa perspectiva, podemos inferir que, quando Alencar (2015) propõe a Pragmática Cultural como proposta de pesquisa-intervenção, ela o faz multiplicando a noção performativa de uso da linguagem. Quando alguém se propõe a fazer pesquisa, o faz usando linguagem sobre sujeitos que também fazem uso da linguagem. Dessa forma, o compromisso ético e político de quem faz pesquisa em linguagem se torna crítico no sentido de assumir uma postura responsável com o que se faz com o que se é dito, já que dizer também é fazer (AUSTIN, 1990).

Ao estabelecer mudanças na e pela linguagem, afetamos pessoas por conexão em redes. Pesquisadores e pesquisadoras, se tomados por uma “crítica” da neutralidade, do distanciamento entre si e o campo-sujeitos que pesquisa, com sua “objetividade” ensaiada, pode incorrer na omissão de se perceber como copartícipe e construtor do *status quo* e deixar de inscrever-se como possível operador de um sistema obtuso, opressor e construtor de desigualdades.

Podemos exemplificar esse fenômeno por meio da hegemônica fala-ação de quem pesquisa, cuja representação de institucionalidade historicamente preservada reflete a assimetria entre as vozes dos sujeitos que pesquisam e daqueles ou daquelas que são pesquisados, pesquisadas. Nas redes sociais virtuais, por exemplo, tendo a escrever “pesquisades”, ao invés de “pesquisados e pesquisadas”. Vindo refletir agora essa atitude que me é afetada por enunciados *coletivos de enunciação* veiculados em páginas virtuais que acompanho pela internet refletem muito mais a necessidade de evitar discursos que naturalizam discursos com concepção binária sobre gênero que economia de palavras.

A academia me permitiria acessar a minhas prováveis leitoras e leitores usando essa terminologia, será, “querides leitores”? Desculpem-me as aspas, são afetos demais, intervenções demais, para serem acessados, desterritorializados e reterritorializados. Ficarei feliz com o riso que alguém compartilhar, depois, em um encontro menos virtual do que o que esse texto se performatiza entre leitores e essa que vos fala-provoca.

Dito isso, dialogamos novamente com Emanuel Gomes (2018, p. 145-146) quando discute a postura moderna de fazer ciência, e talvez da “percepção ingênua da possibilidade de engajamento e emancipação sociais” e as próprias noções de verdadeiro e falso. Multiplicando o assunto, Paulo Freire (2001, p. 8-9) discute a prioridade que temos dado em fazer cientificismo ao invés de ciência e declara que o primeiro está muito mais relacionado a metodização e segmentarizações de “objetos”, “sujeitos” e saberes do que a experiência no mundo.

Da curiosidade ingênua que caracterizava a leitura pouco rigorosa do mundo à curiosidade exigente, metodizada com rigor, que procura achados com maior exatidão. O que significou mudar também a possibilidade de conhecer, de ir mais além de um conhecimento opinativo pela capacidade de apreender com rigor crescente a razão de ser do objeto da curiosidade. Um dos riscos que necessariamente correríamos ao ultrapassar o nível meramente opinativo de conhecer, com a metodização rigorosa da curiosidade, era a tentação de supervalorizar a ciência e menosprezar o senso comum. Era a tentação, que se concretizou no cientificismo que, ao absolutizar de tal maneira a força e o papel da ciência, terminou por quase magicizá-la. É urgente, por isso mesmo, desmitificar e desmistificar a ciência, quer dizer, pô-la no seu lugar devido, respeitá-la, portanto. O corpo consciente e curioso que estamos sendo se veio tornando capaz de compreender, de inteligir o mundo, de nele intervir técnica, ética, estética, científica e politicamente. Consciência e mundo não podem ser entendidos separadamente, dicotomizadamente, mas em suas relações contraditórias. Nem a consciência é a fazedora arbitrária do mundo, da objetividade, nem dele puro reflexo. (FREIRE, 2001, 8-9).

Aí revela-se, mais uma vez, a postura de perceber o discurso acadêmico, seus jogos de linguagem, cientificistas, como uma forma de vida, e a forma de vida de mulheres ciclistas, outro. Seria possível uma pesquisadora não se afetar pelos jogos de linguagem que aprende usando, vivendo com outras mulheres ciclistas virtual-ou-fisicamente, mantendo seu trabalho “objetivo”, “transcendental”¹⁰? Seria ingenuidade achar que sim. Parto, pois, do princípio de que minha linguagem de pesquisadora é afetada não somente pelas leituras acadêmicas que tenho feito, tendendo a leituras com tom de militância, mas também por aquilo como venho me percebendo, isto é, como forma de vida em devir mulher-motorista-ciclista, porque nessa trajetória me vejo e me construo assim (e muito mais). Esses são agenciamentos que poderão se multiplicar em nossa performance, nesse descobrir de possibilidades, de devires.

¹⁰ Para lembrar a crítica que E. Gomes (2018) faz a Roy Bhaskar, cuja concepção das relações entre causa e efeito fossem possíveis de se constituírem condições *sine qua non* para a existência de um realismo transcendental e crítico.

Ainda sobre a perspectiva intervencionista da Pragmática Cultural, poderíamos invocar e multiplicar o seguinte trecho de Emanuel Gomes (2018, p. 270) quando interpõe uma crítica a algumas posturas críticas nos estudos sobre linguagem:

[...] não mais em termos realistas críticos, mas em termos latourianos: não como o discurso manifesta discursos econômicos e sociais em voga na sociedade e nas práticas de que participa e transforma significados acionais, representacionais e identitários em nome de uma luta hegemônica por representações mais democráticas, igualitárias e simétricas, e sim como o discurso, de um lado, enquanto actante, elabora e sedimenta, nas redes de práticas em que é acionado e que aciona, as realidades sociais, políticas e econômicas pelas quais é corresponsável **como construtor, sem transcendê-las, ao mesmo tempo em que a elas purifica nessa construção**, e, por outro, enquanto técnica (quando discurso do analista crítico sobre o discurso criticamente analisado), tanto enceta novos programas de ação que alterem os resultados de cursos de ação que o discurso-técnica traduz, quanto **se inscreve como actante-inscrição disponível a novos cursos de ação** que, por sua vez, ontologizem, objetifiquem e naturalizem novas realidades. (GOMES, 2018, p. 270, grifos nossos).

Devemos reconhecer, amiúde, seria ingênuo que certas formas de vida com seus jogos de linguagem fossem capazes de modificar a macroestrutura que engendra a *máquina abstrata*, “que opera a conexão de uma língua com os conteúdos semânticos e pragmáticos de enunciados” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 22), e consequentemente com tudo aquilo que ela afeta, modifica, é afetada e modificada. Modelos estruturalistas, formalistas, representacionistas, transcendentalistas, são insuficientemente abstratos, como a crítica que Deleuze e Guattari (2011a) fazem à gramaticalidade arborescente de Chomsky, incapaz de modificar qualquer máquina abstrata. E qual seria? É, talvez (porque aqui é o que desejamos possível), na microestrutura que *máquinas desejantes*¹¹ – nós – podemos afetar outras máquinas-pessoas, máquinas-coisas-que-compõem-estruturas, produzir subjetividades *máquinas revolucionárias* e modificar, por proximidade-conectividade, quem sabe gerando uma rede de afetos, um rizoma social, uma micropolítica.

¹¹ O cerne do pensamento de Deleuze e Guattari é a *produção*. Linguagem, por tanto, é produção, não representação. Os desejos, as paixões, as subjetividades são também produção e tudo que produz é *máquina* interconectada a outras máquinas, em constante movimento de produção, em arranjos e desarranjos, territorialização, des- e reterritorialização. Há máquinas sociais, que nos agregam, há máquinas nômades, que produzem intensidades, subjetividades. Conhecida como esquizoanálise, o modo de (im)produção dos autores é: não interpretar, mas experimentar, descobrir nossas próprias *máquinas desejantes*, inconsciente produtivo, passando de *máquinas entorpecentes*, alienadas, a *máquinas revolucionárias*. Ao criticar a psicanálise freudiana como único modelo palpável de indivíduos, os autores nas obras *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*, criticam o ideal de identidade, de sujeito, como se o mito de Édipo fosse capaz de explicar a “experivivência” de todos os sujeitos (ainda que sejam todos homens, brancos, héteros, classe etc.).

Vamos a um exemplo de *máquina desejante*, mais ainda *máquina revolucionária*¹². Certa vez, na comunidade da Serrinha, bairro localizado bem em frente aos muros do maior *campus* da Universidade Estadual do Ceará, *campus* do Itaperi, no dia 12 de setembro de 2019, estávamos “representantes dos movimentos sociais, associação de moradores, sindicatos, escolas e universidade”. Assim, executam melhor o jogo descritivo do ato, os moradores do bairro:

EM DEFESA DA LAGOA | A Lagoa da Itaperaoba, situada no bairro da Serrinha, comunidade da Vila Garibaldi, sofre mais uma ação criminosa pelo setor do capital imobiliário dessa cidade. Há décadas que sai prefeita e entra prefeito que os moradores da comunidade do Garibaldi, sofre com a falta de políticas estruturais básicas, tais como saneamento básico e moradia digna, que lhes são negados pelos poderes públicos. Para ampliar ainda mais essas negações de direitos, temos os impactos socioambientais com a comunidade e a relação com o último ecossistema de lagoa da região do bairro da Serrinha.

O descaso e a demora em regulamentar um plano de manejo dentro de um projeto de decreto, favorece a especulação imobiliária que invade terra pública, desmata áreas que eram para ser de preservação ambiental, garantida por lei, mas que não há nenhuma efetivação concreta das gestões municipais em tornar de fato a lagoa um espaço de lazer, gerando renda para a comunidade e melhorando a qualidade de vida do território como um todo. No dia 12 de Setembro, os movimentos sociais, associação de moradores, sindicatos, escolas e universidade, realizaram uma manifestação para denunciar todos os impactos sócio-ambientais, assim também como exigir celeridade na revitalização e plano de manejo do parque Lagoa de Itaperaoba, assim também como fiscalizar os especuladores e as construção irregulares dentro da área de proteção ambiental.

Assim **ocupamos as ruas e exigimos a presença** da prefeitura e os devidos órgãos para resolver essa problemática.

Seguem registros do ato:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=960321214331141&id=603180760045190¹³

Esse ato constitutivamente político nos lembra o que Judith Butler (2018a) chamou de *corpos em aliança*, como notas para uma teoria performativa de assembleia. Os corpos que ali, na Serrinha, ocupavam as ruas produzem, como máquinas, *agenciamentos coletivos de enunciação* (DELEUZE; GUATARRI, 2018a/b), esses corpos-máquinas exigem direitos de quem não pode clamar por eles:

¹² Desejar não é querer para si, produtos, mas querer estar em movimento, sempre. As grandes máquinas ou máquinas sociais, por meio de agenciamentos coletivos de enunciação, são capazes de produzir efeitos “modeladores”, “alienantes”, mas também seu contrário. Esse contrário é possível através do que os autores chamam de *esquizoanálise*: descobrir as máquinas desejantes, experimentando outros territórios, analisando-os. Essa produção (das *máquinas moleculares*, *máquinas revolucionárias*) atualizam novas territorialidades (formas de saber, por exemplo), em desfavor do controle de *máquinas sociais* estruturantes (*máquinas molas*).

¹³ Texto divulgado em grupos de *whatsapp*, mas que é veiculado também no endereço de internet indicado na citação junto com fotos.

a lagoa e tudo que compõe seu entorno. Os atos de fala ali proferidos foram mais que atos de fala-cantiga, eram atos de corpo (PINTO, 2007).

Imagine a cena: nós (estudantes, professores da UECE, moradores do bairro etc.), de braços dados, performatizando uma corrente, com cartazes e faixas, competindo como máquinas-corpos o espaço de máquinas-carros, máquinas-motos, máquinas-caminhões-ônibus. Vislumbram? Imaginem a sensação de quem compunha a máquina-corpos-do-ato-político. Imaginem a sensação de quem compunha a máquina-motores.

Agora, imaginem um motoqueiro que passando afetado, transtornado (efeito possível causado nele com nossa ação, porque falávamos-agindo-máquinas) com o problema que causamos no trânsito que, embora constituísse para nós pequeno, pareceu para ele, grande. Isso ficou comprovado quando ele falou: “saiam daí, estão atrapalhando. Tem carro até o castelão”. Para ele, causávamos um transtorno. Era essa “a sua verdade”. Para nós, era uma conquista, paramos o trânsito e fizemos com que alguns nos ouvissem enquanto entoávamos: “Lagoa fica, muro cai! Lagoa fica, muro cai”. Uns homens e, sobretudo, umas mulheres balbuciavam as palavras dos cartazes e faixas (eu estava atenta ao meu entorno). Geralmente, algumas delas (poucos deles) aplaudiam ou faziam algum outro gesto de apoio, como um sorriso ou um movimento afirmativo (para cima e para baixo) com a cabeça. A maioria expressava indignação por meio das expressões em seus olhos e cabeça (de um lado para o outro). Muito do que fora dito por eles e por elas que passavam por nós não era compreensível, devido ao barulho ou talvez devido à nossa memória que, seletiva como ela é, segmentou as partes proeminentes dessa narrativa.

Muitos dos motoristas que guiavam seus carros sozinhos, pouco ou nenhum gesto faziam em favor da aprovação ou não do ato. Um, que estava acompanhado de um passageiro também homem a seu lado, balbuciou algo ininteligível, enquanto o que estava no banco de passageiro gritou: “isso aí não vai dar em nada”. Incomodada com a fala-máquina que tendia a produzir um efeito de invalidade a nosso ato, uma pessoa ousou devolver a provocativa mais ou menos assim: “Pode não dar muita coisa, mas pelo menos vai fazer cócegas no capitalismo”. Esse ato-corpóreo fora produzido pela Professora Claudiana Alencar, que levantava

uma das mãos, punhos fechados, como quem produzia o ato de lançamento de um coquetel-molotov¹⁴.

A fala da professora em devir *máquina-revolucionária* multiplicamos com Deleuze e Guatarri (2011a, p. 32): “É por rizoma que o desejo se move”. Não fosse a situação, o ato não teria “sentido”, não existiria fora dele. Daí o contexto ser atual e não produção *a priori*. O que constituiria o “capitalismo” ou outras “formas de poder” fora ou antes dessa cena? Mais importa observar ou, ainda, experimentar “um acontecimento microscópico estremece(ndo) o equilíbrio do poder local” (DELEUZE; GUATARRI, 2011a, p. 34). Uma haste para o rizoma, uma linha que conecta e mobiliza práxis linguísticas: é assim que se aprende o fazer pragmática, fazendo, experimentando. Tem sido essa grande lição.

E como haste, sem criar raiz, fazemo-nos nômades. Experimentadoras e experimentadores desse fazer. A linguagem sendo produzida por *máquinas desejantes* e perfazendo mundos, *palavras-mundo-ação*. Isso baseia nossa concepção de linguagem: uso e ação, experiência e nomadismo: práxis e micropolítica social. Uma pedagogia não nos moldes tradicionais, enraizados, mas numa perspectiva freireana, politizada, na qual se aprende para além das salas de aula, uma educação que é feita transpondo, derrubando muros¹⁵.

Na Pragmática Cultural, mobilizam-se teorias dos jogos de linguagem e forma de vida de Wittgenstein (2017), a teoria dos atos de fala de Austin (1990) e as noções de palavra-mundo de Paulo Freire (2013), denotando a noção de práxis na linguagem, a linguagem como ação-reflexão-ação.

Linguagem, para Wittgenstein (2017), compreende uma atividade comum, situado como *forma de vida*. Os *jogos de linguagem* compreendem uma concepção processual da linguagem, por usarmos as palavras no dia a dia cujos sentidos não se dissociam de outras práticas sociais cotidianas. Assim, falar é como jogar.

¹⁴ “Trata-se de uma bomba incendiária de fabricação caseira: uma garrafa cheia de combustível com um pavio no gargalo. Esse tipo de arma existe desde que se descobriram os poderes inflamáveis da gasolina, mas o nome surgiu na Segunda Guerra Mundial. Os guerrilheiros soviéticos utilizavam armas domésticas como essa para atacar o exército alemão e resolveram prestar uma homenagem ao chanceler (ministro das Relações Exteriores) e então presidente do Conselho de Ministros da antiga União Soviética: Vyacheslav Mikhailovich Molotov (1890-1986). O próprio chanceler chegou, inclusive, a encomendar uma grande quantidade de garrafas para atacar os invasores”. (Extraído de Redação Mundo Estranho. Como funciona e onde surgiu o coquetel-molotov? Super Interessante. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-funciona-e-onde-surgiu-o-coquetel-molotov/>>. Acesso em: 2 nov. 2019).

¹⁵ No ato, na Serrinha, como *ato perlocucionário* de vozes-locucionárias-proféticas, o muro caiu. Ver mais sobre ato perlocucionário no quadro 1.

Os *atos de fala* de Austin (1990), por sua vez, são concebidos como a consolidação da relação entre aspectos verbais e não verbais de práticas ou atos produzidos por sujeitos participantes em um determinado jogo de linguagem. Os atos se articulam de modo integrado, mas poderiam ser abordados sob três formas, como mostra o quadro a seguir, na tentativa de ilustrar o ato de fala *Eu prometo que estarei em casa hoje à noite*.

Quadro 1: Atos de fala

Atos de fala	Descrição do ato	Modo de realização
Locucionário	Ato <i>de enunciar</i> cada elemento linguístico que compõe a frase.	Realização fonética e semântica de: <i>Eu prometo que estarei em casa hoje à noite</i>
Ilocucionário	O ato que <i>se realiza na</i> linguagem.	Realiza-se o <i>ato de promessa</i> .
Perlocucionário	O ato que <i>se realiza pela</i> linguagem.	O <i>resultado</i> pode ser de ameaça, de agrado ou de desagrado.

Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, mobilizam-se as noções de palavra-mundo e palavra-vida de Paulo Freire (2013) para multiplicar e reverberar insurgentes e epistêmicas vozes e modos de fazer e ser no cotidiano das pessoas comuns. Diz respeito à práxis cogitar ações performatizando posturas transformadoras (ação-reflexão-ação) de modo dialógico entre atores e atrizes envolvidos. Para tanto, pensar uma metodologia militante é basilar.

Essa abordagem de pesquisa vem sendo experimentada por membros do Grupo de Estudo em Pragmática Cultural, Linguagem e Interdisciplinaridade, da Universidade Estadual do Ceará¹⁶ e do Programa de Extensão Viva a Palavra, coordenados pela Professora Claudiana Nogueira de Alencar. Integram os grupos estudantes de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada – PosLA, estudantes da graduação dos cursos de Letras, Filosofia, Pedagogia, Serviço Social, Psicologia e voluntárias e voluntários.

O Programa de Extensão Viva a Palavra, por exemplo, trabalha na perspectiva de extensão, pesquisa e ensino. Atuou, inicialmente, na Cidade de Deus, comunidade pertencente ao bairro São João do Tauape, depois nas comunidades da Serrinha e, agora, conecta-se a outros bairros e atividades de Fortaleza. Desde seu

¹⁶ O projeto originalmente chama-se “Por uma pragmática cultural: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano – PRAGMACULT” e está registrado sob o parecer 459.008, sob o qual essa pesquisa de mestrado se submete como integrante.

início, pretendia, de modo interventivo, cartografar práticas de letramentos, que foram percebidos como práticas sociais de luta e resistência contra o genocídio da juventude, sobretudo da periferia.

Nessa perspectiva, o Programa de Extensão Viva a Palavra se constitui de atividades como: mediação de leitura, sarau, contação de histórias, cenopoesia, oficinas das mais diversas linguagens artísticas, cursinho popular preparatório para o vestibular, bibliotecas, entre outras que se aglutinam sob três projetos: Palavras de Paz, Palavras de Esperança e Palavras de Resistência.

A pesquisa com ciclistas vem se configurando, a partir dos jogos de linguagem de mulheres ciclistas e seus modos de vida constitutivos como obstinação e luta, corpo político, integrante do Projeto Palavras de Resistência. É o que se pretende apresentar nesse texto.

Para tencionar os estudos da linguagem de mulheres ciclistas e apontar as suas relações com subjetividades e ação política, discutiremos questões de gênero, feminismo, lugar de fala e a relação da linguagem, do corpo, e a relação das mulheres com a bicicleta como ato político. Assim, as discussões de Butler (2018a/b), Ribeiro (2017), Alves e Pitanguy (1981), Deleuze e Guattari (2011a/b), dentre outras, serão pertinentes.

Para produzir as subseções, pensei nas palavras-mundo de Paulo Freire. Na medida em que palavras-do-mundo-das-ciclistas apareciam e se repetiam, giravam, conectavam-se a outras, fui colhendo pistas e deixando o mapa se performar. São exemplos: mulher, cidade, aprendizagem, empoderamento, violência etc. Como modo de produção esquizoanalítica¹⁷, fui tentando perceber as conexões, mas também foi preciso segmentá-las, destituí-las de locais originários, bem como, algumas vezes, até deixá-las seguir linhas de fuga, nômades, fluidas.

Finalmente, pretendendo uma investigação pautada na complexidade dos fenômenos relacionados à linguagem, apresentaremos indícios de nossa experiência como ciclistas e também como pesquisadora, considerando a linguagem e essa pesquisa, por sua vez, como rizoma.

2.2 A CONSTITUIÇÃO DE MULTIPLICIDADES RIZOMÁTICAS (OU PESQUISA RIZOMÁTICA)

¹⁷ Para Deleuze e Guattari, em *Anti-Édipo*, a esquizoanálise diz menos respeito a uma postura interpretativa que a uma postura de interferência pela experiência. Testar a micromecânica, testar a funcionalidade das coisas e dos desejos.

Esse texto pretende abordar questões que perpassam o tema subjetividades. Abordando possíveis experimentações de sentido sobre identidade de mulheres ciclistas, não poderia deixar de abordar a construção dessa que vos fala, mulher-ciclista-pesquisadora. Primeiro, porque esse texto necessita de seu contexto, o mundo lá fora, a única coisa que poderá fazer essas linhas de palavras que se contorcem causar alguns efeitos. Segundo, porque, mesmo fazendo algum sentido, não remete (ou não pretende remeter) ao seu exterior por semelhança, talvez por algumas contiguidades, aproximações. Suponhamos uma metáfora da realidade (não é isso que a ciência faz?), não uma reprodução. Vamos experimentar. Nesse sentido, falar de subjetividade, implica construir relações de contingência, possibilidades, multiplicidades. Tentarei mobilizar “jogos” na linguagem performatizando uma político-ética para uma linguagem-corpo. Tenciono aqui fazer rizoma.

O rizoma pode lembrar bem o aspecto de um manguezal¹⁸. Imaginemos por baixo, por cima, por todos os lados, pelo barro (que já não é água, nem terra, mas uma conjunção de ambos, incluindo ar...), como as plantas-mangues se conectam entre si e entre os ambientes (terrestre, marinho, aéreo). Imaginemos, porém sem desenhar, congelar! Conseguiríamos desenhar? E se desenhássemos, o resultado ficaria semelhante ao Manguezal do Rio Cocó, por exemplo? Desenhar, talvez, trouxesse-nos a má sorte de reduzir múltiplas formas de ver a diversidade desse bioma. Experimentemos imaginar o manguezal. Vamos tentar produzir pensamento-rizoma. Construir mapa, e não decalque.

“Um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais”, assim nos apresentam Deleuze e Guattari (2011a, p. 23) o conceito de rizoma. O rizoma reflete soma, constituição: não uma soma finita, mas de vastas possibilidades, de

¹⁸ Manguezal é uma zona úmida, definida como “ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, característico de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés” (SCHAEFFER-NOVELLI, Y. Manguezal ecossistema entre a terra e o mar. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, p. 7). Deleuze e Guattari atribuem o pensamento rizomático como algo que não tem início, nem fim, é meio, *intermezzo*. Partindo disso, Daniel Lins, analisa uma escola em sua perspectiva de uma pedagogia rizomática ou *mangue’s school*. A metáfora foi baseada em um diálogo que o autor teve com um pescador, na Ilha do Pinto, Fortim-CE: – Seu Pedro, onde começa o mangue? – Professor! Olhe o mangue! Não tem nem começo, nem fim: o mangue só tem meio!” (LINS, Daniel. *Mangue’s school* ou por uma pedagogia rizomática. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27277.pdf>>. Acesso em: 01 dez. 2019).

multiplicidades. No caso de pensar uma pesquisa em linguagem, implica pensá-la pragmaticamente, ou seja, a existência em um real possível: refletindo questões que lhes estão imbricadas, mas não atribuindo valor ou princípio: quem vem primeiro: linguagem ou sujeitos? Natureza, cultura, sociedade? Um pensamento rizomático seria possível refletindo as relações entre linguagem, política, economia, ciclismo, literatura, ética, estética e tudo o mais possível de estabelecer conexão (que, no nosso caso, está sendo mediado por uma pensamento-linguagem, ou um gênero acadêmico: dissertação).

Imaginemos, agora, uma cidade, com os fluxos possíveis de sua movimentação, não paisagem. É possível focar o tráfego? Consegue pausar essa imagem? Pausando ou não (porque é uma escolha), tente avançar, ande ligeiro, corra! Imagina-se movimentando tão rápido quanto uma onça, um leopardo? Consegue não perder o foco, ao correr? Quando você corre, o que você vê? Seu corpo, correndo, deve ficar vulnerável, assim como deve colocar em perigo outras pessoas que porventura atravessem seu caminho, não é? Imagina você, em um carro. Imagina você de bicicleta.

Eu sonhei, em uma ocasião, atropelar uma ciclista, uma mulher ciclista, friso! Isso me silenciou durante meses. Pensei: “um problema ético!”; não apenas porque me doeu o peito, mas porque mirei com criticidade meu lugar nessa pesquisa. Que lugar eu reivindicaria ser o meu lugar, em termos de subjetividade: pesquisadora, pesquisadora-ciclista, pesquisadora-ciclista-motorista? Reivindicar sim, porque milito. Não poderia simplesmente ser sem escolha? Mencionei os exemplos acima com o propósito de apresentar algumas subjetividades possíveis que esse trabalho em específico poderia vir a suscitar, porque poderia trazer outros: campesina ou urbana, mulher, feminista...

Em consequência disso, um outro problema que um modo mais logicista de fazer ciência me irromperia: qual seria meu grau de envolvimento com outras participantes da pesquisa? Qual o limite entre quem pesquisa e quem é pesquisado ou pesquisada? Eu diria que esse silêncio evocado pelo problema ético não foi improdutivo porque ele se apresentou, performatizou-se (eu, na verdade, porque eu sou a agente), como guia da experiência de fazer pesquisa. Uma perspectiva reflexiva experimentada com perspectiva de um pensamento e construção de multiplicidades e percepção a partir de outros agenciamentos (outras leituras, por exemplo).

Foi assim que quase sufoquei em teorias, complexas, fluidas. Precisei de um pouco de experiência. Precisei multiplicar-me e adentrar com olhos de onça no circuito do trânsito. Farejando uma ideia, fui! Se você é capaz de imaginar isso, está no caminho! Segue as pistas. Constrói comigo uma tal possibilidade de fazer pesquisa, essa possibilidade de vida, de-vir mulher-ciclista-pesquisadora. Fugi do meu mundo (de pesquisadora) – ou tentei – e ciclei! “Experimente!”, anunciou a orientadora desse trabalho!

Deleuze e Guattari (2011a), construindo um jogo irônico sobre a possibilidade de serem desacreditados pelos críticos (no masculino)¹⁹, elencam algumas características que podem se relacionar ao rizoma, chamando-os de princípios de: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania. Preferirei chamá-los de “elementos”, já que princípios encerraria sentido de fundamentos, algo sem o qual não se existe ou é atribuído a *priori*. Elementos porque compõem, caracterizam!

Portanto, farei uso desses elementos relacionando-os ao modo de produzir subjetividades de mulheres ciclistas, com seu jogo de linguagem e modo de agir no mundo. Tais construções, como pontuamos anteriormente, não as pretendemos verdadeiras, mas possibilidades de sentido.

2.2.1 Conexão e heterogeneidade

A escolha por um tipo experimental de metodologia, ou seja, esse modo rizomático de fazer pesquisa em Linguística Aplicada, implica perceber a linguagem e suas características de *heterogeneidade* e de *conexão* a diversas estruturas que extrapolam aspectos meramente linguísticos. Aqui, importa perceber a linguagem como código interligado a outros modos de codificação tais como políticos, econômicos, sociais, biológicos etc. Não nos satisfaz, em decorrência disso, pensar a linguagem dissociada do que ela pode produzir no corpo: dor, alegria, compreensão, compaixão, ameaça, dentre outras sensações.

Para Deleuze e Guattari (2011a, p. 23), “um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras

¹⁹ Faço uso do masculino para também criticar modelos hegemônicos de fazer ciência, marcadamente constituído por homens, europeus, de bases teórico-metodológicas de tendência positivista e a clássica valoração de princípios ou regimes matemáticos nas análises ou proposições discursivas.

dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha em si mesma senão em função de sua impotência”. Pode-se contemplar a natureza pragmática do rizoma, no sentido de estabelecer, a partir da heterogeneidade linguística, a sua conexão com elementos historicamente construídos como extralinguísticos, “com toda uma micropolítica do campo social”.

Se situamos as relações de mulheres com suas *bikes*, pretendemos pensar a linguagem de seus corpos, a linguagem de suas palavras, as queixas sobre violência e assédio, expressões críticas sobre patriarcado e suas associações com a economia moderna, a linguagem de ocupar as cidades como potência vetorial, como força significativa. Assim, o que não significa também pode significar: um rizoma.

Aos aspectos cadenciados pela estrutura linguística, Deleuze e Guattari (2011a) denominam *agenciamentos coletivos de enunciação*, porque não são produtos de uma realização individual, subjetiva, mas uma soma de possíveis elementos na interação entre indivíduos, de modo que compreendem, portanto, o plano do conteúdo. Tais agenciamentos, constituídos por (atos e) enunciados, palavras ditas, aglutinam-se a outros tipos de agenciamentos, os *agenciamentos maquínicos* de corpo. Estes, por sua vez, são constitutivos do plano da expressão, corpos reagindo uns aos outros, afetando-se por ações, paixões e desejos. Pedalar produz-se como *agenciamento maquínico*, cuja ação pode estar imbricada a aspectos linguísticos, isto é, *agenciamentos coletivos de enunciação*. Haja conectividade nessa heterogeneidade. Vamos multiplicá-la.

2.2.2 Multiplicidade

O outro elemento componente do rizoma é a *multiciplicidade*. Falamos de força, anteriormente, ou seja, a linguagem como vetor e de como ela afeta ações. Pois bem, o rizoma não é centro, é multiplicidade. A linguagem o é. “Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 23).

Desse modo, podemos inferir como a relação com os sujeitos da pesquisa (pesquisadora e pesquisadas) se afetam. Eu, por exemplo, demorei a me perceber parte do processo. Primeiro porque acreditava que quem pesquisa deveria manter um certo distanciamento do que, no jargão científico, chamamos de objeto da pesquisa.

Ora, os objetos dessa pesquisa são pessoas, como ordená-las objetos? A pesquisadora e sua relação com a *bike*, de que modo seus desejos e suas paixões não afetariam a pesquisa? Como descartar essas questões de um modo rizomático de escrita? Não se fará descarte. A relação da pesquisadora com o “objeto” amplia as possibilidades de leitura, um modo perceptivo: para além de uma perspectiva interpretativa de dados, um modo experimental, de *escrevivência*²⁰, cuja unidade de sujeito é irrompida: um livro de guerra.

Poderei narrar, sim narrar, uma forma de vida, experimentada, acessada, todavia com o olhar, com afeto, com tato, com alegria, com dor. Em determinada ocasião, Walter Benjamin (1994) disse que a arte de bem narrar tem a ver com tempo e espaço, de sorte que os melhores narradores são (ou foram) aqueles que viveram muito (camponês sedentário) ou viajaram muito (marinheiro). Assim, não me proponho produzir um grande empreendimento narrativo: faço uso do ato-fala de Benjamin não de modo constatativo, mas porque, ao narrar, enfatizo marcas políticas, estéticas, potencializo intensidades e multiplicidades: análise e narrativa, ciência e estética.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de adesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do barro. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Desse modo, narrar com ênfase na experiência não se constituirá desvelar a realidade com algo *a priori*. Nessa perspectiva, conhecer é viver, conhecer é fazer. Maturana e Varela (2003) concordam que não é possível conhecer “objetivamente” o mundo quando o pesquisador está envolvido diretamente no universo do que se pretende conhecer. A histórica e política postura de cientistas desconsiderarem isso fez com que inevitavelmente não se “conhecesse” a complexidade dos fenômenos sociais, mentais e culturais.

O entendimento não pode entrar no recinto das ciências sociais com segurança se pretende fazê-lo sob a concepção de que conhecer é um conhecer “objetivamente” o mundo e, portanto, independente daquele(s) que

²⁰ Termo utilizado por Conceição Evaristo para se referir a uma forma de escrita que se baseia no cotidiano, lembranças e experiências, suas e de seu povo (ITAÚ CULTURAL. *Escrevivência*. **Itaú Cultural**. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>>. Acesso em: 01 dez. 2019.

faz(em) a descrição de tal atividade. Não é possível conhecer “objetivamente” fenômenos (sociais) nos quais o observador-pesquisador que descreve o fenômeno está envolvido. Há sido precisamente essa noção de “conhecer” que bloqueou firmemente o desenvolvimento do conhecimento humano à compreensão de seus próprios fenômenos sociais, mentais e culturais. (MATURANA; VARELA, 2003, XI, tradução nossa²¹).

Considerar as narrativas da pesquisadora como estética de comunicação é considerar produção de subjetividades. Em consequência, busca-se aproximação com as participantes, na produção e compartilhamento de um mesmo território, ou seja, um plano comum. “O acessar esse plano comum é o movimento que sustenta a construção de um mundo comum e heterogêneo” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264).

Pluralizando experiência, podemos cartografar produção de subjetividade a partir dos jogos de linguagem de mulheres ciclistas. Consequentemente, é possível multiplicar que (nós) mulheres ciclistas pensam(os) um mundo de modo peculiar, um mundo em que as relações no trânsito convergem para sua(nossa) resistência às formas capitalistas e patriarcais de produção de subjetividades. Nossa performance situa um mundo a partir da linguagem como forma de vida que não uma sociedade alienada pelo capitalismo, além disso, formas criativas de experiência fecundam o campo da linguagem ou constituem a própria linguagem-corpo.

É também pela dinâmica de multiplicar rotas, linhas, que a internet, através de suas possibilidades moventes de híbridas conexões, levou-nos a acompanhar, a partir do linguístico e não linguístico, como a subjetividade mulher ciclista pode se perfazer, de várias formas, mas ainda como uma forma de vida compromissada consigo, com o outro, com as outras, com o espaço. As cidades se tornam um espaço de criação e ética: a cidade é construída por mulheres ciclistas.

Buscando o grupo *Pedalzinho das Mina* no *Instagram*, pude encontrar outros grupos, mistos e exclusivos de mulheres, ciclofeministas e não ativistas, competitivos, tanto de Fortaleza como de outras cidades brasileiras. Diante dessa heterogeneidade, apresentaremos algumas que convergem, outras que divergem sob

²¹ No original: “No puede el entendimiento entrar con paso seguro al recinto de las ciencias sociales si pretende hacerlo bajo la concepción de que el conocer es un conocer ‘objetivamente’ el mundo y, por tanto, independiente de aquel (aquellos) que hace la descripción de tal actividad. No es posible conocer ‘objetivamente’ fenómenos (sociales) en los que el propio observador-investigador que describe el fenómeno está involucrado. Ha sido precisamente esta noción del ‘conocer’ la que ha bloqueado firmemente el paso del conocimiento humano a la comprensión de sus propios fenómenos sociales, mentales y cultural.” (MATURANA; VARELA, 2003, XI).

formas de vida, multiplicando rizomas, articulando entre si, afetando-se, corroborando produção de subjetividades, linguagem como ação, processo, e não produto. Desse modo, a dicotômica tradição de articular pesquisador(a) e objeto/sujeitos como polos distintos concerne muito mais a uma visão representacionista de mundo e linguagem que produzem seus projetos de unicidade identitária (SILVA, 2015).

Para relacionar os conceitos de identidade, a dicotômica relação pesquisador-objeto, Jony Silva (2015) associa-os à visão representacionista da linguagem, segundo a qual ela seria capaz de verdadeiramente representar o mundo. Vislumbrar a linguagem como rizoma, implica, por outro lado, continua o autor, privilegiar os planos de imanência, jogos de linguagem como forma de vida, posto que a linguagem está submersa em formas de vida, em planos de imanências, afetada e não em si mesma. É pragmática: linguagem e não linguagem! Na perspectiva freireana: ler palavras é antes ler o mundo, as vidas, o fora!

Segundo uma visão representacionista (ou essencialista: universalismo) da linguagem, busca-se uma verdade universal, um produto. Uma perspectiva em pragmática cultural articula uma aproximação ao campo, aos sujeitos, seus usos e suas formas de saberes sobre práticas discursivas, sociais, sua metapragmática, uma perspectiva antropológica sobre seus jogos de linguagem (ALENCAR, 2014a).

Rajagopalan (2014) questiona a visão representacionista da linguagem, ponto de vista segundo o qual linguagem é estrutura, sistêmica, cujo objeto é idealizado e abstraído da vida (estrato, segmento), não havendo possibilidade de construir uma *episteme* complexa, circundada ética e politicamente. A neutralidade argumentativa do pesquisador é considerada por Rajagopalan como um construto de isenção utilizada por alguns linguistas ainda hoje, lamentavelmente. Essa ideia de que o pesquisador tem de falar de “algum” lugar distinto e sua capacidade de “descrever”, “explicar”, como uma espécie de autoridade privilegiada do assunto, quando não (a exemplo dos tradicionais manuais) “prescrever” modos específicos de uso da linguagem, reforçam sua crítica à intromissão que inevitavelmente os pesquisadores fazem a despeito da sua imparcialidade.

Isso diz respeito ainda ao que o autor reivindica por uma pesquisa política e socialmente compromissada, que a neutralidade se constituiu como uma boa investida em um dado momento histórico, mas certas posturas cientificistas podem dar vazão aos regimes opressivos de verdade, como menciona Cameron e demais autores.

Além da visão representacionista sobre a linguagem, Jony Silva (2015) multiplica mais duas formas: a relativa e o perspectivismo. Sob orientação da primeira, a identidade pode ser problematizada como uma construção, o que implica que, considerando aspectos de um dado contexto social e histórico, a identidade é significada a partir de usos que se faz da linguagem. Assim, haveria múltiplas visões de mundo: uma verdade relativa ou, em outras palavras, haveria “um” mundo e inúmeras percepções sobre ele. O multiculturalismo seria um exemplo de como ver, a partir de diversas culturas, um mesmo mundo. Há uma natureza e várias culturas; um sujeito fixo; e o ponto de vista desse sujeito é o que constitui o objeto. Assim como no representacionismo (ou universalismo), no relativismo, o mundo ainda constituiria uma substância (a partir da qual se busca uma essência), uma natureza.

O perspectivismo fundamentou epistemologicamente os pensamentos de Nietzsche, Wittgenstein, Deleuze e Viveiros de Castro (para citar alguns). Trataremos do pensamento desse último a partir de observações antropológicas que vêm construindo na sua relação com povos originários, assim constituindo o *perspectivismo ameríndio*. No perspectivismo, não há uma verdade relativa, mas uma verdade do relativo, observada, por sua vez, sob o plano do multinaturalismo e atualizada nas formas de vida de povos ameríndios. O conceito de ponto de vista dos povos ameríndios é dado a partir da sua perspectiva sobre si e sobre os outros. Assim, não apenas humanos são vistos com características humanas, como essas características são também atribuídas a bichos, plantas, espíritos; e o seu contrário também é válido: considera-se que animas, plantas, espíritos etc. também veem a si mesmos e aos outros com características humanas. Finalmente, as subjetividades são percebidas como produção de agenciamentos de enunciação.

Os processos de subjetivação, de semiotização – ou seja, toda a produção de sentido, de eficiência semiótica – não são centrados em agentes individuais (no funcionamento de instâncias intrapsíquicas, egóicas, microssociais), nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados. Implicam o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extra-pessoal, extra-individual (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, icônicos, ecológicos, etológicos, de mídia, enfim sistemas que não são mais imediatamente antropológicos), quanto de natureza infra-humana, infrapsíquica, infrapessoal (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de representação, de imagens, de valor, modos de memorização e produção de idéia (sic), sistemas de inibição e de automatismos, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos, etc.). (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 31).

Assim, trazendo narrativas do meu corpo ou (en)corporando as multiplicidades que me são possíveis serem atualizadas, mulher, pesquisadora, ciclista, multiplico uma escrita esquizoanalítica. Em suma, uma narrativa de um corpo político, ética e esteticamente envolvida.

2.2.3 Ruptura assignificante

Falemos de outro elemento característico: a *ruptura assignificante*. A partir dele, justificaremos as necessidades de extrapolação de nosso caminho metodológico, indicando as circunstâncias que nos levaram a sair de um plano a outro, de ir por linhas retas e tomar rotas de fuga, porque, além de linhas de segmentaridade (por onde o rizoma pode ser estratificado, analisado, organizado, territorializado, “domesticado”, significado), também as linhas de fuga compõem o rizoma.

Linhas de segmentaridade, como componente de um rizoma, compreendem, por exemplo, as subdivisões que fazemos nesse trabalho, dividindo-os em partes, de modo que nossos pretensos leitores e leitoras encontrem os objetivos em tal parte, a metodologia em outra, a análise e a conclusão, cada um em seu compartimento, de modo organizado, cada qual em seu *território*. Vez ou outra, é possível encontrar, em um texto-escrita que se propõe rizoma, a fuga à regra. A *desterritorialização* por rotas de fuga e a também possível *reterritorialização* também são concebidas como elementos constitutivos de um mapa rizomático.

Segundo Deleuze e Guattari (2011a, p. 25), tal ruptura se trata de uma necessidade de subverter “cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam as estruturas”. Trata-se, no nosso caso, de irromper a subordinação de critérios de pesquisa que, à guisa de um método tradicional, não nos permitiria observar os descaminhos.

Inicialmente, o projeto que norteou esse trabalho objetivava construir um tal plano comum com o grupo de ciclistas, o *Pedalzinho das Mina*, que conheci pela internet. Havia um convite para um passeio ciclístico, então fui, porém, na época, não imaginei que ali nasceria um projeto de pesquisa. Dias depois é que percebi a potencialidade de um *ato performativo*. Vamos primeiro à experiência com as *mina*.

“Em filinha indiana, não. Isso é o que eles querem” – pronunciou uma das *mina*. A partir de então, foi-me possível refletir, ainda que superficialmente, sobre a subjetividade relativa e sobre a noção de alteridade: como se ressignificasse a

subjetividade de ciclistas-mulheres (ou mulheres-ciclistas) a partir da noção de alteridade (quem são essas meninas frente a “eles”? Quem são “eles”?). Ademais, a ideia de que “(andar ou pedalar) em filinha indiana” poderia “ganhar” sentido a partir das práticas discursivas de um cotidiano no trânsito, esse “andar em filinha” poderia ser entendido como um espaço *limitado* que as ciclistas deveriam ocupar, contrapondo-se ao espaço relativamente *maior* que um(a) condutor(a) de carro, por exemplo, ocupa? Os valores hierarquizantes desse discurso poderiam desencadear reflexões sobre um *locus* privilegiado pelo desenvolvimento, generalização e manutenção de relações de poder no trânsito, daí residindo à mulher-ciclista o lugar mais baixo de uma espécie de pirâmide hierárquica da qual, somada às relações de gênero, advém o espaço ocupado no trânsito pela condução de objeto de *status* “subalterno”, a bicicleta (em contraposição ao veículo de maior porte, automóvel).

Pois bem! As hierarquizações que mencionamos não estão preestabelecidas: elas são *performatizadas* (AUSTIN, 1990), *estilizadas* (BUTTLER, 2018b, PINTO, 2007) nas falas e nos corpos como certas “verdades”. “Ser mulher é ser assim” – falou-se por um tempo, sob palavras de ordem. “Não! Mulher pode ser assim ou assim, como ela quiser”. Tempo e espaço marcam generalizações em agenciamentos *coletivos de enunciação e maquínicos de corpo* (DELEUZE; GUATTARI, 2011a/b). Subjazem, a partir de jogos de linguagem, formas de vida (WITTGENSTEIN, 2017). Eis aqui, algumas categorias estratificadoras que ora territorializarão, ora desterritorializarão “objetos”, performatizando (AUSTIN, 1990) pautas para nosso percurso teórico-metodológico-narrativo-analítico.

É também importante relatar que, ao final do passeio ciclístico, reunimo-nos sob forma de círculo, compartilhamos alimentos – conforme combinado previamente em um grupo de interação virtual coletiva por meio do uso de aparelho móvel de telecomunicações (*WhatsApp*) – e relatamos nossas histórias de vida, nossas paixões, bem como o uso que fazíamos da bicicleta. Recordo-me, por exemplo, de haver mencionado que a bicicleta não era meu meio principal de transporte – ao contrário do que a maioria das outras afirmaram –, e sim o transporte coletivo, ônibus, e que a *bike* era utilizada para passeio. Por esse motivo, não me via como ciclista, não me nomeava como tal, ainda que, no interior, na zona rural, usasse esse meio de transporte para idas e vindas aos campos de agricultura com meu pai e meu irmão mais novo – prática que foi abandonada quando viemos morar na cidade de Senador Pompeu, interior do Ceará.

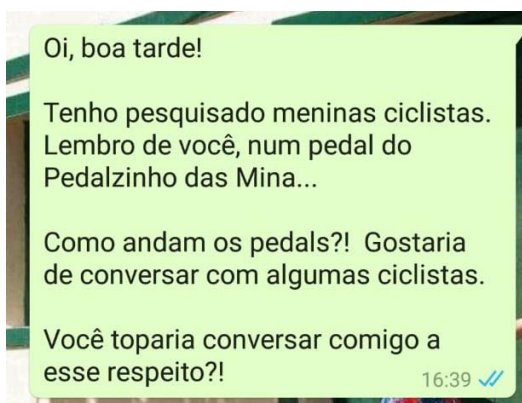
Essa forma de relatar a si mesmo (tanto das *mina*, no coletivo, quanto a política de uma narrativa de mim mesma que se performatiza aqui, nesse texto), lembrando Judith Butler (2017), parecia-me uma forma de ética (Por que não dizer estética?): quando se relata a si mesmo, gera-se um compromisso consigo e para quem você relata. Esse relatar de nós mesmas, mulheres ciclistas (independentemente do uso que se faz da bicicleta, seja como modo de vida, seja para passeio, seja para locomover-se ao trabalho etc.) integraria a forma segmentarista de construção e seleção de dados relevantes à pesquisa. “Segmentarista” porque, como cientista, eu precisaria elencar, selecionar, estratificar, dentre as multiplicidades que me apresentariam o campo, um “*corpus*”, isto é: elementos que se constituíssem. Eu precisava de um método e mais precisamente de uma técnica de pesquisa. Esse seria meu trunfo!

Segundo Severino (2017), as técnicas de pesquisa constituem procedimentos operacionais que visam mediar a práxis pesquisadora. A técnica *história de vida* constituiria, nesse sentido, importante procedimento para expressão das trajetórias de vida das participantes como mulheres ciclistas. Não obstante, vários elementos inviabilizaram a execução desse projeto, de modo como planejara: linhas de segmentaridade não eram possíveis ser construídas, então eu via meu plano se dissipando. Uma das circunstâncias que o justificavam era o fato de que o coletivo *Pedalzinho das Mina* não se restituiu mais como grupo. Apesar de ser um grupo de autogestão, isto é, de organização sem uma liderança fixa, busquei conversar com uma das integrantes que deram início à formação do grupo e à constituição dos passeios, os “pedais”.

Pelo menos três tentativas de conversa foram frustradas. Inicialmente, nas primeiras tentativas, a moça com quem havia tentado esse diálogo demonstrou-se receosa. Na segunda, embora já se mostrasse solícita, o encontro não ocorreu. Na terceira, ela justificou que não daria sequência ao projeto do coletivo de ciclistas porque faltava interesse de algumas das *minas* e porque tinha projetos à parte, além disso, a morte de uma pessoa mui querida a abalara. Essas foram suas justificativas. Recordo-me ainda que, no grupo do *WhatsApp*, ficamos sabendo do roubo de uma de suas *bikes* em um período em que ficara desempregada. Logo em seguida, essa mesma moça destitui o grupo virtual, endereçando postagens apenas no grupo do *Facebook*, onde não havia conversação fluida como a do *WhatsApp*.

Plano destituído. Tive de pensar outra forma de construção. Tentamos construir um projeto baseado em entrevistas, sugestão oportuna que surgiu nos diálogos com a orientadora. Em virtude da desativação do grupo, ficou inviável estabelecer contatos, no entanto, devido a um pouco de sorte, eu havia salvo uma conversa, o celular fez *backup* e, a partir de então, consegui visualizar três números de telefone para os quais enviei mensagens que diziam o seguinte:

Figura 1 – Conversa no WhatsApp



Fonte: Elaborado pela autora.

Eu havia registrado os contatos como “Bike 1”, “Bike 2” e “Bike 3”, pois, ao salvá-los, não visualizei os nomes das *minas*, pois aparecia apenas o número telefônico. Bike 1 me respondeu que teria disponibilidade e perguntou se o contato seria feito virtualmente. Como a ideia inicial era empreender um encontro fora das redes sociais, argumentei em favor de conversarmos pessoalmente. Por fim, indicou-me ainda mais três jovens. Ao entender que elas pertenciam a outros grupos, mistos (compostos por homens e mulheres), não fui adiante.

Ao enviar a mesma mensagem (figura 1) para Bike 2, percebi que ela visualizou, mas não respondeu. Com Bike 3, um encontro foi possível, de modo que agendamos dia e hora na universidade em que ela estudava. Assim, tivemos dois encontros que se configurariam como *entrevista*.

A entrevista, para Severino (2017), caracteriza-se como um procedimento de coleta de informações a partir da interação direta entre pesquisadora e participantes da pesquisa. Para o autor, a entrevista pode ser dos tipos: não diretiva, em que a pesquisadora observa atentamente o discurso livre da participante e, eventualmente, direcionando-a a partir de um diálogo descontraído; e estruturada, quando as questões são anteriormente organizadas. Para o encontro, levei algumas

indagações de interesse prévio para a pesquisa e, ao longo da conversa, intervi motivando a participante a falar mais sobre temas que a própria interação oportunizara e, também, falando da minha relação com a *bike*, minha história de vida. O diálogo estava tão produtivo que abandonei as perguntas preliminarmente selecionadas, deixando a fala fluir. Assim, o que seria uma entrevista estruturada desterritorializou não diretiva, reterritorializou diálogo.

A entrevista não diretiva, também conhecida como entrevista antropológica, conforme esclarece Rosana Guber (2001), constitui um importante procedimento de coleta e se adequa a um tipo de pesquisa interpretativa – como a observação participante – em decorrência de seu valor não referencial, mas performativo. Em uma perspectiva construtivista, a autora afirma que a entrevista não diretiva se constituiu uma ação social e os dados são construídos no momento do encontro. Constitui metacomunicação, porquanto as participantes do ato comunicativo articulam jogos de linguagem de sua própria experiência.

Severino (2017) argumenta que uma pesquisa, a depender de seus propósitos, pode utilizar uma abordagem de coleta e mesclá-la a outras, ainda que sejam oriundas de metodologias distintas. Como nosso corpo teórico contempla uma visada antropológica e performativa da linguagem, a entrevista não diretiva torna-se importante procedimento, dado que a relevância dessa técnica, nessa pesquisa que se performatiza rizomática, diz respeito à possibilidade de multiplicar dialogicamente discursos, histórias, temas.

Marcamos, então, nossa primeira fonte de dados pertinentes à investigação. Importante dizer que Doroteia²², fora a mina que proferiu aquelas primeiras palavras de ordem sobre a “fila indiana”, do dia do encontro com o coletivo *Pedalzinho das Mina*. Mais que uma coincidência maravilhosa, linhas nômade nos conectaram platôs.

Cumpra ainda importante papel de geração de dados para essa pesquisa as fontes virtuais de comunicação em plataformas como o *Facebook* e o *Instagram*. A partir do primeiro, coletamos informações relativas ao coletivo *Pedalzinho das Mina*, constitutivo de mulheres ciclistas em Fortaleza. Através do segundo, acessamos

²² Nome fictício em virtude da preservação da identidade das participantes da pesquisa. A escolha é aleatória e se deu por ocasião da leitura de *Cidades invisíveis*, de Ítalo Calvino (São Paulo, Companhia das Letras. 1990. p. 98). No romance de Ítalo Calvino (1990), Doroteia é a cidade cuja estrutura social está ligada aos portões, às pontes e a seus canais.

informações referentes a outros grupos mistos de ciclistas da cidade de Fortaleza, aos grupos *Ciclanas* e *Katrankas Matrankas*, ambos formados por mulheres ciclistas da capital cearense, assim como a outros grupos também de mulheres, porém de outras cidades brasileiras, como o *Pedala Mana* e o *Terça das Manas*, constituindo reverberações de encontros e agenciamentos em torno das subjetividades de mulheres ciclistas em rede.

Finalmente, participamos de uma conversa com ciclistas urbanos. As observações realizadas sobre o “bate-papo” foram registradas em caderno de anotações, um instrumento de coleta de dados cuja perspectiva antropológica permite fazer uso da técnica observação participante.

2.2.4 A cartografia e a decalcomania

Ao utilizarmos o manguezal como uma possibilidade de perceber um rizoma²³, pedimos que nosso leitor ou nossa leitora o imaginasse sem tentar desenhá-lo, pois, ao fazê-lo desta maneira, devimos decalque, estabelecemos raízes. O manguezal é bem mais que raiz. É raiz e bulbos e água e terra e ar e lama e... e... e... movente. Assim, a cartografia dista da decalcomania: enquanto desenhar está para o decalque, cartografar está para mobilidade.

Para Deleuze e Guattari (2011a), um rizoma não está para modelo nem para um método. Em relação à linguagem, um rizoma não se justifica pelos modelos estrutural ou gerativo, pois pensá-los em termos linguísticos é pensar em decalque, raiz, reproduzíveis ao infinito (a linguagem é assim?). Um modelo estrutural justificaria um binarismo entre uma parte estratificável e outra, uma unidade, transformacional e objetiva; já um modelo gerativo (ou genético) se constitui de uma origem, um pivô de onde advêm estados sucessíveis (é como pensar na árvore genealógica, na qual se justifica a sucessão dos familiares a partir de um(a) de seus antecessores). Dessa forma são conhecidos os modelos saussureano e chomiskiano de abordagem de estudo sobre a língua, ambas formas representacionais.

Cartografar é fazer mapa, não decalque. O mapa constitui multiplicidades ancoradas no real para um plano de consistência. Mapa não reproduz, constrói. Por isso é também estético, criação, vida pulsante, linguagem movente, cuja fluidez

²³ Assim como o fez Daniel Lins (2005).

escapa aos dedos, aos olhos de quem não o experimenta no real. Mapear é ação, mobilidade, abertura. Dizem Deleuze e Guattari (2011a, p. 30):

[O] mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de possuir múltiplas entradas; a toca, neste sentido, é um rizoma animal, e comporta às vezes uma nítida distinção entre linha de fuga como corredor de deslocamento e os estratos de reserva ou de habitação. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 30).

Nessa concepção, acessamos o campo assumindo a postura de produção, isto é, a linguagem como ação, processo, e não produto. A perspectiva de análise se constitui pragmática, haja vista que perpassamos teorias e posturas epistemológicas que não visam o universal, “mas de uma pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 33).

Um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 30).

Cartografar é uma questão de performance, pragmática.

3 DO PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO DA LINGUAGEM AO ATO DE CORPO POLÍTICO

“Vou mostrando como sou / E vou sendo como
posso, / Jogando meu corpo no mundo, / Andando
por todos os cantos / E, pela lei natural dos
encontros, / Eu deixo e recebo um tanto”

(Antônio Pires e Luís Galvão)

É possível que pensemos a linguagem como modo de representar as coisas e o mundo. Não obstante, *percebemos* todos nós o mundo e as coisas da mesma forma? Será que, ao usar os sentidos (*perceptus*), todos o fazemos igualmente, isto é, todos “operam a máquina-corpo” de modo similar? É bem possível que reflitamos sobre a premissa em questão (a linguagem como modo de representar as coisas e o mundo) problematizando que, mesmo que fosse possível à linguagem apresentar tal caráter representativo, desconsideremos, talvez, que essa representação não poderia se dar a partir de uma visão social da língua, ou como função social da língua, tendo em vista que as representações formuladas por um dado indivíduo bem provavelmente não seria a mesma para outro, muito menos para todos os indivíduos de uma específica comunidade de falantes; ademais, quando assim o fazemos, é por hábito, agenciamento.

Representar constitui, pois, apenas um dos *jogos de linguagem* possíveis, como descrever, perguntar, denominar, retificar, reiterar, designar, instruir, traduzir, pedir, ordenar, agradecer, relatar etc. Podemos compreender que os *jogos de linguagem* não têm uma natureza tipológica ou arborescente, mas rizomática²⁴, ou mesmo de *agenciamentos coletivos de enunciação*²⁵. Rizomática porque a linguagem está inter-relacionada a outros fatores, sejam sociais, históricos, políticos etc .e, a partir de certos contextos, os significados variam porque se dão conforme certas regras de enunciação as quais, por sua vez, produzem novos efeitos sob novas agências, isto é, sob novas forças e formas de significar.

Ao mencionar alguns jogos possíveis, também como *atos de fala*, não implica dizer que eles acontecem de modo isolado, *per si* (quando relato, apenas relato?), nem sempre da mesma forma em todos os contextos (relatar é *sempre* relatar? Para todas as pessoas, relatar é a mesma coisa? Elas relatam algo da mesma

²⁴ Deleuze e Guattari, 2011a.

²⁵ Deleuze e Guattari, 2011b.

forma?). Por isso, quando anteriormente mencionamos “representar” como um jogo de linguagem, estamos aludindo a uma forma ou a um *jogo* que muito se fez (ainda se faz) nos estudos sobre linguagem, como se o *modus operandi* da linguagem constituísse simplesmente em representar a realidade, como se fosse possível representá-la “fielmente”.

Autores como Wittgenstein e Austin, por exemplo, são reconhecidos ambos por trilharem seus empreendimentos investigativos sobre questões da linguagem ordinária, entendendo a linguagem como prática social, e não desmerecendo usos cotidianos como formas menores de saber ou de uso da linguagem. São partidários também de uma política linguística múltipla, cujo uso da linguagem não prescreve ritos e atitudes, mas performatizam a partir das formas de vida comuns. O significado, temática muito discutida nos estudos sobre linguagem, não é perene, inesgotável, mas mediado, construído pelas relações dos sujeitos inseridos em dados contextos históricos e sociais, geográficos portanto. Tempo e lugar são aspectos fundantes para as relações simbólicas.

Wittgenstein (2017), depois de sua obra dita logicista pela crítica, preocupa-se não mais com a representação das palavras, mas direciona sua atenção para questões que compartilham da ideia de significado situado, que, nas práticas diárias, vai construir significados diversos, a partir de *jogos de linguagem* como forma de vida. Austin (1990), por sua vez, para além do problema dos significados (questionado por Wittgenstein, 2017), teoriza que *dizer é fazer*, o que nos remete a uma questão de ética: linguagem como uso e ação, e não representação; ou ainda, em outras palavras, a linguagem como causadora de efeitos sobre o outro e o mundo.

3.1 JOGOS DE LINGUAGEM

Gostaríamos muito de poder falhar, na dinâmica científica, ao jogar o jogo *conceituar os jogos de linguagem*, devido ao receio de que nossa leitura do autor austríaco, naturalizado britânico, devesse a performatizar uma leitura exorcizada de sua metapragmática. Ora, como então definir *jogos de linguagem* se as proposições wittgensteinianas tendem a romper, assim como o fez Rorty (MEDOUX, 2009), com uma tradição filosófica pautada na representação e no essencialismo, a partir de análises logicistas (BRITO, s/d). O que fez Ludwig Wittgenstein, em *Investigações Filosóficas* (2017 [1953]), senão jogar um/uns *jogo(s)*, assim, prosaico(s), ilustrando,

talvez, – e não conceituando à maneira dos logicistas – o que deviriam *performatizar* os *jogos de linguagem*. Daí advém nosso receio de sacralizar *jogos de linguagem* e *formas de vida*. Assim sendo, em uma tentativa de definirmos o que deviriam se constituir os *jogos de linguagem* – ou mesmo linguagem, sob a perspectiva wittgensteiniana –, devemos ter cautela ao não lançar mão do essencialismo, assim o próprio autor o adverte:

Ao invés de indicar algo que seja comum a tudo o que chamamos de linguagem, digo que não há uma coisa sequer que seja comum a estas manifestações, motivo pelo qual empregamos a mesma palavra [jogos] para todas, – mas são *aparentadas* entre si de muitas maneiras diferentes. Por causa desse parentesco, ou destes parentescos, chamamos a todas de “linguagens”. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 51, §65, grifo do autor).

Em vias de contraposição a um *essencialismo* filosófico²⁶, remanescente do que ficou conhecida como a primeira fase de Wittgenstein (*Tractatus philosophicus*, 1999), a teoria dos jogos de linguagem nasce como “visão múltipla da linguagem como vários jogos verbais e não verbais que se realizam no cotidiano” (ALENCAR, 2014a, p. 92). Disso compreende-se que as formas de falar do cotidiano constituem-se de “fazer” sem uma necessária compreensão essencialista e ainda de “prática social entre outras, abordável do ponto de vista antropológico” (CHAUVIRÉ, 1991 *apud* ALENCAR, 2014a, p. 92).

É neste aspecto, portanto, que reside a relevância dos jogos de linguagem em nosso trabalho: a natureza social dos atos de fala, constitutivos das práticas discursivas do cotidiano. Além do mais, os jogos de linguagem passam a ser vistos enquanto são realizados e inseparáveis das ações dos indivíduos, constituindo-se de um fazer, como lembrado acima. Dessa forma, concebem-se como indissociáveis de outras formas históricas e sociais de atividade humana.

Enfatiza-se aqui a leitura de que, ainda que haja familiaridade, isto é, semelhanças entre tais manifestações chamadas de jogos, há diferenças entre elas, tornando-as únicas, ou melhor: múltiplas, posto que a unidade remete a um descarte da familiaridade que deviria absoluta, universal. Um paradoxo? Poderíamos falar em dialética: nem os jogos se caracterizam por um devir universal, nem o são pelo que

²⁶ Ou uma forma de ver o mundo em si mesmo, destituída da dialética relação do mundo e outras questões situadas, como jogos de poder, história, aspectos sociais e políticas na constituição do pensamento sobre o mundo. (CEIA, C. “Essencialismo”. E-dicionários de termos literários. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/essencialismo/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

os diferem. Isso significa que não é definindo um padrão nem excluindo suas diferenças que podemos tentar definir um jogo/linguagem.

Um exemplo disso pode ser multiplicado a seguir. Antes, imagine-se coberto por folhas de árvore. Muito provavelmente imaginamos folhas verdes. Logo, que cor é o verde, como saber quais distintas tonalidades são consideradas também verde? Sigamos com as reflexões:

Aqui se insere também o pensamento de que quem vê esta folha como padrão “de forma em geral”, a vê diferentemente de quem considera talvez um padrão para esta forma determinada. Ora, se isto poderia ser assim, – embora não o seja –, pois significa apenas que, de acordo com a experiência, quem vê a folha de algum determinado modo, emprega-a deste e daquele modo ou de acordo com tais e tais regras. Há, naturalmente, um ver *assim* e um ver de *outro modo*. E há casos em que quem vê um padrão *assim*, em geral irá empregá-lo *deste* modo, e quem o vê diferentemente, de outro modo. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 56, §74, grifos do autor).

Algumas questões a considerar: regras, imagem do mundo e experiência. Como participantes de comunidades sociointerativas, somos incitados à comunicação, à significação. Embora as relações significativas aconteçam no espaço público de uso da linguagem, por sistema de regras, convenções, as experiências sensoriais são individuais, mas as formas de ver o mundo são, portanto, similares. Não obstante, entende-se aqui os jogos de linguagem como processo dialético entre as associações perceptivas individuais e a compactação das experiências na e pela própria linguagem. A linguagem constitui-se como prática pública, requer *aceitação* popular, *correção*, *utilização* (AUSTIN, 1990), assim se estabelecem os jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 2017): nas praças, nas ruas, nas escolas, nos seios familiares etc. Os usos “individuais” que fazemos da linguagem só são possíveis porque são usos aceitos por comunidades e suas práticas semióticas.

Para pensar um pouco mais sobre os usos que fazemos com as palavras, pensemos no aforisma 193, de Wittgenstein (2017), em sua obra *Investigações filosóficas*: A proposição d“A máquina como símbolo de seu modo de operar”.

“A máquina parece trazer em si seu modo de operar” significa: somos inclinados a comparar os movimentos vindouros da máquina em sua determinação com objetos que já se encontram numa loja e que vamos apanhar. – Mas, não falamos desta maneira quando se trata de prever o real comportamento da máquina. Em geral, não esquecemos a possibilidade de deformação das peças etc. – Mas, sim, quando nos admiramos do modo em que podemos empregar a máquina como símbolo de um movimento – uma vez que ela se pode mover também de um modo bem *diferente*. (WITTGENSTEIN, 2017, p. 109, §193, grifos do autor).

Ora, vejamos: o caso posto é que até podemos supor possibilidades de defeito da máquina e essa não poder operar mais a contento. É o uso de certas palavras, por exemplo, não serem mais usadas ou serem modificadas, como o pronome “vosmecê”. Mas fazer o uso diferente da mesma palavra? Que regras poderiam modificar os usos? Sob que contextos?

A partir desse exemplo, podemos considerar o seguinte: supondo que a máquina nunca apresente problemas, nunca quebre. Suponhamos que à máquina seja dado um uso bastante inusitado. Assim, imaginemos um ferro de engomar sendo usado para limpar o chão, para lavar pratos ou para segurar livros na estante. Alguns desses empregos podem até parecer inusitados, como o caso de lavar pratos, mas os outros, ainda que não o façamos no dia a dia, seriam possíveis. Com as palavras, na perspectiva dos *jogos de linguagem*, é um tanto assim: as palavras são usadas e de tanto que são usadas nos acostumamos com esses usos e com os significados que vão sendo construídos ou produzidos. Além disso, isso não impede que novos significados emergjam de novos usos, ainda que inusitados.

Nos jogos de linguagem de mulheres ciclistas, por exemplo, como elas “definiriam” o *pedal*? Não tenhamos pressa, vejamos! Suponho que você, leitor, leitora, imagine por *pedal* a palavra que designaria uma determinada parte da bicicleta – penso isso porque o processo de leitura já vem se construindo, ou o leitor está sendo “conduzido” (para usar um termo de Mey, 2001)²⁷ pela autora desse trabalho a imaginar um *certo contexto ciclístico*. Isso constitui um jogo, um *jogo de linguagem*, que está acontecendo desde o início da leitura desse texto, que vem sendo verbalizado em apresentações orais e, agora, performatizando outro *jogo*, sob a modalidade escrita que, no contexto da academia, denominamos *dissertação*, a partir da qual os pretensos leitores que performatizam uma certa subjetividade de prestígio, através de cujos atos de fala, definirão se minha pesquisa está apta a ser rejeitada, corrigida ou aprovada para publicação.

Antes mesmo de realizar uma tentativa de multiplicar vozes das ciclistas, performatizando uma possível resposta para a pergunta “como elas definiriam

²⁷ Em *As vozes da sociedade*, Jacob L. Mey apresenta o conceito de *ato pragmático*, que relacionando-se à leitura, denomina-a (a leitura) como um *ato cooperativo*, constituindo-se de condições colaborativas entre autor-texto-leitor “sem o qual o texto não existiria propriamente como tal”. (MEY, ano, p.)

pedal?”, gostaria de apresentar os seguintes *jogos de linguagem* para o verbete “pedal”, apresentado no Dicionário Online de Português (2018):

Pedal.

Significado de pedal.

Substantivo masculino.

Mecanismo que permite obter com o pé um movimento de rotação ou um movimento alternativo de transmissão.

Ciclismo: os entusiastas do pedal.

Música: Som abafado ou repetido, muitas vezes empregado no tom grave, e que pertence ou não aos acordes que se sucedem durante sua duração.

Teclado de pedais, conjunto de teclas de madeira (em número de 32 geralmente), colocado embaixo do consolo do órgão, que se abaixa com a ponta do pé ou com o calcanhar para que os tubos graves do órgão emitam sons.

Definição de Pedal

Classe gramatical: adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino

Separação silábica: pe-dal

Plural: pedais

Observe-se que o *referente* para pedal não é *um* único. O referente *deviria*²⁸ a situar-se em, pelo menos, dois amplos contextos: ciclismo e música. Em uma primeira ocasião, o verbete se refere a: um “mecanismo” com dois possíveis movimentos, um de *rotação*, outro, *alternativo de transmissão*. Na ocasião seguinte, ao incluir as palavras que oportunizam contextualização, “ciclismo” e “música”, podemos inferir que o mecanismo cujo movimento é o de *rotação* se refere a um pedal de uma bicicleta, por exemplo, e o *movimento alternativo de transmissão*, ao mecanismo musical que se localiza abaixo de um órgão²⁹.

Para as meninas, mulheres, do coletivo *Pedalzinho das mina*, pedal, no diminutivo *Pedalzinho*, *denomina* o grupo. É, conseqüentemente, usado como substantivo próprio, sujeito da oração que introduz o enunciado demonstrado na figura a seguir:

²⁸ Verbo *devir*.

²⁹ Fico imaginando aqueles antigos instrumentos em igrejas. Em outros jogos de linguagem, poderíamos, ainda relacionado à música, considerar os pedais de guitarra.

Figura 2 – Convite virtual de aula de ciclismo para mulheres



Fonte: Pedalzinho das Mina (2017)

Não obstante, no mesmo texto, performatizando outro jogo – ou fazendo outro uso da palavra –, *pedal* devem verbo: *pedalar*, constituindo uma atividade-alegre da/s ciclista/s voluntária/s ou da/s aprendiz/es. O *jogo de linguagem* “convite”, apresentado na plataforma do *Facebook* como caracterização de um *jogo de linguagem* “evento”, por sua vez, performatiza-se no jogo de apresentar encontros entre mulheres que ensinam-e-aprendem o *jogo de pedalar*³⁰, constitutivo de alegria. *Pedalar* é, ainda, emancipatório, capaz de transformar vidas, ao propiciar a possibilidade de “ganhar o mundo”.

Outro uso da palavra *pedalzinho* se performativa quando este é empregado no sentido de “passeio ciclístico”. Vejamos:

³⁰ Utilizo-me aqui da ideia de *jogo de linguagem*, considerando o *pedalar* e os *jogos de linguagem* de mulheres ciclistas como atividades que se performatizam em mútua relação.

Figura 3 – Anúncio virtual sobre o *Pedalzinho*



Fonte: Pedalzinho das Mina (2017)

Notem-se algumas formas de *devir o jogo* “Pedalzinho”:

- a) Como passeio ciclístico: “Hoje temos pedalzinho para a Vila do Mar.” Há um itinerário e o compreendemos assim não apenas pelos recursos linguísticos (a preposição “para” anteposto a um adjunto adverbial), mas também pelos recursos referenciais, contextuais (local que compreende a orla litorânea fortalezense, “Vila do Mar”);
- b) Como partilha e diálogo. Nem todas essas informações estão no texto acima, como perceberão: ao participar de um dos *pedalzinhos*, no ano de 2017, pude observar que, na hora do piquenique, cotextualizado acima, não apenas se partilham alimentos (comida e bebida), mas, sobretudo, histórias de vida e debate de temas relevantes às *minas*³¹ – como em um banquete ateniense³², só que esse com a participação exclusiva de mulheres.

Note-se ainda que não apenas recursos linguísticos – verbais – perfazem a construção de sentidos ou significados de uma palavra/um texto. Há elementos que

³¹ Forma como se denominam as participantes da pesquisa.

³² Aqui, refiro-me ao termo banquete em se tratando da obra homônima de Platão, na qual o autor clássico mencionaria uma festa na propriedade de Agatão, poeta ateniense e seu contemporâneo, cujos convidados, homens, incluindo Sócrates e o meu preferido, Aristófanes, conversam sobre temas como amor, ética e beleza. (PLATÃO. *Apologia de Sócrates e O banquete*, São Paulo, Editora Martin Claret, 2001).

multiplicam os sentidos e valores das palavras-texto, como se ilustrou no item A, por exemplo, ainda que tenhamos partido de elementos verbais para explicar o que para nós seria *um Pedalzinho*. *Um* porque é apenas como o pedal se constitui para mim, nos pedais, como ciclista, como pesquisadora, visto que há outras tantas formas de *devir* o pedalzinho nos jogos de outros sujeitos, ainda que compartilhemos ideias em comum a partir de *agenciamentos coletivos de enunciação*. Outrossim, elementos outros são articulados em favor da performatização de *um/ns* possível/veis *jogo/s de linguagem/ns*.

Assim, entendemos os *jogos* na multiplicidade de *devires*, de usos *performativos* e constitutivos de *formas de vida* nos e pelos *jogos de linguagem*, numa rede de subjetividades (*um*, *devir eu*, multiplicado na totalidade, a qual, por sua vez, não é considerada una) e *agenciamentos coletivos de enunciação*, que *territorializam*, *desterritorializam* e *reterritorializam* significados e subjetividades³³.

Além dos diversos usos da palavra *pedal*, *performatizados* em *jogos* sociais de uso da linguagem ou por *agenciamento coletivo de enunciação*, outro uso que tem consigo uma relação de proximidade são os “coletivos ciclofeministas”. Percebe-se uma construção de uma rede de grupos de ciclistas com preocupação acerca da temática feminista ou pela ocupação dos espaços urbanos por mulheres. E o ciclismo é entendido, assim, como uma forma de vida, um modo como mulheres podem ocupar melhor as cidades. Vejamos um texto exposto nas redes sociais como forma de divulgar uma participação de algumas ativistas em debates sobre o tema. Vamos aos usos de “coletivos ciclofeministas”.

³³ Haverá oportunidade de aprofundar esses conceitos mais à frente, ainda nessa seção. (DELEUZE; GUATTARI, 2011b).

Figura 4 – Anúncio sobre acontecimento de seminário de ciclofeminismo



Fonte: Pedalzinho das Mina (2017).

Destacam-se os usos de: a) “Movimentos e Coletivos Ciclofeministas”, que podemos, sem muitas delongas, associar, por aproximação ou familiaridade, a movimentos e coletivos feministas vinculados às formas de vida ciclista; b) “ciclofeminismo”, a um feminismo ciclístico; e, finalmente: “cicloviagem”, relacionada à ideia de viagem de bicicletas. Multiplicando os significados à existência, a palavra “bicicleta” não representaria a mesma coisa para todas as pessoas, usuários ou não, nem mesmo para todas as cicloativistas. As experiências constituem uma forma de ver especial, subjetiva, ainda que agenciada na linguagem pública ou por meio de agenciamentos coletivos de enunciação.

Helena Martins (2016) amplia a ideia dos jogos de linguagem como “mitologias”, sob as quais não as vê como visões de mundo simplesmente sem as quais sobreviveríamos, trocaríamos por outras visões, mas porque “respondem [...] pela própria consistência da nossa vida”. Eis porque “bicicleta” pode performatizar para essas mulheres, mais que um objeto ou ferramenta de locomoção, mas direitos à liberdade, às alegrias.

3.2 PERTENCIMENTO A UMA REALIDADE GEOGRÁFICA DE FLUIDAS FRONTEIRAS

Aqui nos interessa abordar a questão dos processos de objetivação e subjetivação de identidades. Para isso, recorreremos a autores que, de uma forma ou de outra, entendem identidade como produção ou performance. Como são construídas nossas identidades? Será possível dizer ou sob que forma é possível dizer que mulheres ciclistas produzem ou performatizam identidades?

Em passagem acima, falávamos sobre nossas falas-ação, sob certas regras de jogos que fazemos a partir da inter-relação com outros sujeitos, pertencentes a uma certa geografia e compartilhando das mesmas ou de outras formas de vida, na e pela linguagem. Assim, por exemplo, o que remete a palavra “ciclista” para ciclistas, é o mesmo que significa para condutores de automóveis ou para um vendedor de bicicleta? Que relações são construídas entre pessoas pertencentes a uma mesma “identidade” e como ela se performatiza também com outras identidades?

Na perspectiva de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2011a, p. 18), quando atribuímos autoria a um livro, ou o entendemos como *uno*, ou produto (*opus operatum*), estamos negligenciando o “trabalho das matérias e a exterioridade de suas relações”. Isso pode ser multiplicado da seguinte forma: um livro é produto de vozes sociais (MEY, 2001)³⁴ que constituem não apenas o que devesse seu autor, mas a sua inter-relação *com* e *no* mundo de sua produção, bem como dos processos possíveis de distribuição e consumo. De outra forma, um livro constitui-se não de um sujeito apenas (*devindo*, ele também, *múltiplo*), mas de múltiplas vozes constitutivas nas relações de sujeitos historicamente situados.

Nas palavras de Mey (2001, p. 80): “Os personagens sociais juntos formam o ‘tecido’ da sociedade. O texto societal é o resultado mais ou menos bem-sucedido da representação do entendimento do personagem acerca dessa organização societal.” Entendamos, à guisa dessas questões, que a identidade dos sujeitos – a exemplo do livro, sua autoria – é constitutiva em seu *modus operandi*, e não como *opus operatum*. Há processos, portanto! As identidades não se constituem em um fim

³⁴ Para Mey uma voz que se ouve não é de seu produtor imediato, mas de “um membro de uma sociedade informado por ela e pertencendo a uma classe societal por ‘predeterminação’” (MEY, 2001, p. 81)

em si mesmas, mas nas relações, no meio e na multiplicidade, a partir de textos, entendidos por Mey (2001) como organização coletiva das vozes sociais, em padrões de produção e reprodução, de expressão e recepção, de opressão, repressão e emancipação.

Assim, por nos entendermos como sujeitos com uma certa geografia (ser fortalezense, ser mulher, ser ciclista, ser negra, ser na periferia etc.) estamos constantemente *perspectivando* nossas formas de vida pelas geografias “cercanas”, em relações de propagação: “linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também em linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e desestratificação.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 18).

Quando enunciamos algo, não o fazemos apenas com palavras, fazemos com o corpo que concerne a um sujeito com história(s), pertencente a uma esfera social que interage, forma-se e articula-se a partir de sua relação com outras pessoas, com outras sociedades, e tem uma geografia cuja fronteira, fluida, é capital e política. Se enuncio *palavras de ordem*, um enunciado “autoritário”, por exemplo, não o faço apenas com palavras, estendo o braço e incorporo uma atitude cujo uso, no *jogo de linguagem* em que se realiza, performatiza-em-agenciamento, a compreensão por meu interlocutor que, em algum momento anterior, participou de um jogo similar.

Assim, nossos corpos, constitutivos de identidades de homem, mulher, cis, *trans*, *queer*, através de jogos linguageiros, performatizam, agenciam e são agenciados por enunciados corpóreos, situados, porém de fluidos fronteirismos, por *linhas de fuga*, como por opressão, resistência ou luta, tensionam (de modo mais ou menos consciente) formas de vida várias.

As identidades são, assim como *rizoma*, “mapa e não decalque [...] experimentação ancorada no real” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 30), além disso, são constitutivos por: familiaridade, fronteiras, mas também, por distinção, linhas de fuga, subjetivação, mobilidade. O decalque implica “impressão”, “adesivação”, “rotulação”. Mapa constitui cruzamento, relação, multiplicidade, instabilidade, divergência. Ao ligar um ponto qualquer a outro, uma voz social a outra, um corpo a outro, esse ponto ou essa voz ou esse corpo já não são mais os mesmos, não é “Uno que devem dois [...] três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 43). Não se trata de unidades que se somam, e sim de elementos que se transformam, sem começo nem fim, em direções movediças.

São os agenciamentos coletivos de enunciação, no entanto, ou as formas de vida, sob sistema de “doxas”³⁵ que engendram na maquinaria dos *jogos de linguagem*, sob padrões e linhas de fuga, territorializam, sob formas ortodoxas de enunciar, mas também desterritorializam, sob atos de fala e formas de vida heterodoxos³⁶, podendo *reterritorializar* sob outras formas, novas, múltiplas.

Ainda sobre as subjetividades: são acontecimentos pertencentes aos sujeitos! Qual o problema de dizer que são acontecimentos individuais? Esse último enunciado suporia que os acontecimentos são assituados, não acontecem em redes fluidas de desejos ou de sistemas reguladores. Ora, toda atividade, ainda que “individual”, está situada em uma rede de outros fatores, de linhas de causalidade possíveis, da sua relação com os objetos da atividade que ele realiza, da sua relação e visão de mundo atravessada por outras formas mais ou menos parecidas de ver e agir no mundo.

Para esclarecer, vamos a um exemplo. No dia 15 de agosto de 2017, no grupo de interação social virtual do coletivo *Pedalzinho das Mina*, no *WhatsApp*, Clarisse³⁷, uma das articuladoras do grupo, ao divulgar um debate a ser realizado pelo coletivo Roda de Mulheres, do qual também participa como organizadora, escreve os seguintes textos:

15/08/17 17:17 - Clarisse: “O patriarcado é um sistema social, político e econômico, no qual os homens controlam, individual e coletivamente, o trabalho, o corpo e a sexualidade das mulheres. [...] Este sistema consagra o poder masculino, engendra violências e exclusões, e imprime ao capitalismo atual um viés extremamente sexista. Assim, capitalismo e patriarcado se alimentam reciprocamente e se fortalecem mutuamente para manter a grande maioria das mulheres em uma situação de inferioridade cultural, desvalorização social, desigualdade econômica, invisibilidade de sua existência e de seu trabalho, mercantilização de seus corpos”.

Fonte:

https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao_uma_abordagem_feminista.pdf.

A prostituição, apesar de ser bastante marginalizada, é uma profissão que está na mesma perspectiva capitalista, porque todo trabalho é exploração da “força de trabalho”. O feminismo como uma luta política tem um papel fundamental na defesa e luta em favor da mulher, para que estigmas em relação à prostituição sejam quebrados e que paremos de marginalizar a mulher que se prostitui.

³⁵ “Doxa é aquilo aceito sem comprovação, que é evidente a ponto de o fato de submetê-la à dúvida constituir um crime social.” (MEY, 2001, p. 83).

³⁶ A ortodoxia, conforme Bourdieu (*apud* MEY, 2001), é contrapartida dialética da heterodoxia, entendida como aquilo que se origina na sociedade como uma reação à intromissão dos elementos externos, desconhecidos.

³⁷ Os nomes de todas as ciclistas e demais entrevistados estão preservados com pseudônimos baseados na obra de Calvino.

A Roda de Mulheres, mais uma vez abre espaço para um tema polêmico, não na intenção de se posicionar a favor ou contra a prostituição, mas, mostrar que esse espaço continua sendo um espaço de acolhida, de debate e principalmente, de luta em favor da mulher.

A prostituição foi – e ainda é – significada por uma *voz sobredeterminada*³⁸, resultante de discursos social e historicamente constitutivos como hegemônicos³⁹, compreendida como atividade marginal, desvalorizada por tais discursos que criminalizam e repudiam os sujeitos que atuam no campo. É, nesse texto, também, significado sob *outra voz*, mais lúcida sobre o plano de exploração retroalimentado pelo capitalismo e sexismo patriarcais, uma voz que pluraliza os sentidos agenciados por forças discursivas hegemônicas. Essa nova voz “mapea” (não “decalca”, como faz a voz *sobredeterminada*), multiplica para além da geografia dos valores ortodoxos que significavam a prostituição como ação marginal de mulheres, agora como uma heteroglossia, que explica o fenômeno da prostituição como resultante do sistema capitalista e do patriarcado, a partir da associação da natureza de exploração entre “força” e “trabalho”.

Assim, a partir do exemplo exposto, territorializar constituiria ação significativa “fechada”, ortodoxa, de marginalização da subjetividade de prostituta. Essa territorialização se faz de modo ortodoxo, fechado. As formas de vida de cotidiano podem tornar esse discurso dóxico, isto é, sem reflexão, situá-lo como uma “verdade”. Desterritorializar devém do ato de construir novas formas, “abertas”, de ser e significar, individual ou coletivamente, as subjetividades, nesse caso, do sujeito prostituta. Tal subjetividade, a partir de práticas reflexivas, podem ser ressignificadas, como o faz a voz de Clarisse, que reverbera, multiplica outra voz, a do enunciador “entre aspas”, fazendo agência para um novo discurso, crítico. Reterritorializar deveria agenciar essas novas formas de significar como formas de resistência e luta como forças contra-hegemônicas.

3.2.1 Guerra nas pistas: formas de vida em devir luta

Ainda que sejam as pistas, as ciclovias, o “espaço de guerra declarado” das mulheres ciclistas, por enfrentarem não os mesmos desafios que homens, posto

³⁸ “A voz sobredeterminada é a única a ser ouvida na cacofonia social.” (MEY, 2001, p. 82).

³⁹ Hegemonia, segundo Gramsci, é a aceitação incondicional e não condicionada do sistema de valores das classes superiores da sociedade por parte das classes inferiores. (MEY, 2001).

o agenciamento sobre suas identidades como frágeis e, assim, mais suscetíveis à violência urbana, uma guerra nas pistas se constitui como um prolongamento da luta cotidiana das mulheres nos mais diferentes espaços que ocupam – ou lutam para ocupar com isonomia.

Em uma época anterior ao surgimento dos automóveis, paulatinamente às lutas pelo voto e igualdade salariais, a bicicleta contribuiu para a emancipação de mulheres. Foi considerada pelas feministas sinônimo de liberdade e autonomia. No século XIX, por exemplo, na Europa, influenciou formas de ocupar a rua, ir trabalhar, entreter-se, modos de reunir-se (CRUZ, 2015). Cruz (2015) destaca as seguintes falas de feministas sobre a bicicleta e seu poder emancipatório:

“Andar de bicicleta fez mais pela emancipação da mulher do que qualquer outra coisa no mundo”, dizia a feminista americana Susan Anthony, no final do século XIX. [...] Elizabeth Staton, que trabalhou com Susan Anthony pelos direitos das mulheres por mais de 50 anos [...] chegou a dizer que “a mulher está pedalando em direção ao sufrágio”. Maria Pognon, presidente da Liga Francesa de Direitos da Mulher, afirmava que a bicicleta era “igualitária e niveladora”, ajudando a “libertar o nosso sexo.” (CRUZ, 2015, *online*).

A mudança no vestuário constituiu mais que uma necessidade e comodidade para guiar uma bicicleta. As *spencers* (espécies de casacos) e calças *bloomers* (criadas na metade do século XIX, por Amélia Bloomer, editora de um jornal voltado às mulheres. Ver figura 4), deram não só mais alvedrio ao movimento dos corpos das mulheres ciclistas, como também ajudaram-nas a se libertarem da opressão dos espartilhos (CRUZ, 2015).

Figura 5 – Mulher ciclista vestindo calça bloomer



Fonte: Cruz, 2015

Para uma narrativa da história das mulheres, há a necessidade de uma leitura sobre a identidade de gênero como uma possível subjetividade a ser mencionada como um elo entre essas múltiplas identidades reunidas entre as *minas*. Então, consideramos um percurso realizado com ênfase na história das mulheres, a partir da compreensão de uma subjetividade com implicações sociais:

A utilização das abordagens da antropologia cultural na análise das práticas sociais e das representações, dos rituais de sociabilidade e de trabalho; [...] a interrogação da dinâmica social e da polissemia destas significações desenvolveram-se amplamente no processo de reconstituição histórica da riqueza e da complexidade das experiências históricas das mulheres. Não se trataria simplesmente de “torná-las visíveis” na história, [...] mas, sobretudo de reafirmar, a propósito delas, que a história não é o resultado de leis impessoais agindo pelas costas dos seres humanos, mas o resultado, sem dúvida enviesado e freqüentemente [sic] incontrolável, de ações humanas providas de sentido. (VARIKAS, 1994, p. 72).

A reflexão crítica de Eleni Varikas transborda a leitura estruturalista e imutável das identidades sob o binarismo feminino-masculino, marcadamente dicotômica, que sublima a importância das representações e dos sistemas simbólicos na análise e na compreensão da construção do gênero e das relações sociais que as sustentam. A autora francesa reporta-se ainda à importância de estudos da chamada “guinada linguística” na história, cujo interesse na ampla concepção sobre sistemas

de significação contribuiu à refutação da divisão de papéis sexuais como natural, permitindo às mulheres, a partir de suas experiências reais, ressignificarem-se.

Na geografia de nosso *Pedalzinho das Mina*, é uma luta pela ocupação do espaço urbano ciclável, em criar espaços para o ciclismo, em possibilitar relações de simetria entre os muitos que transitam o espaço urbano e muitas vezes não o cuidam como seu. Da relação com a bicicleta, da relação com o corpo “feminino”, da relação com o espaço urbano e o que ele multiplica em jogos semióticos é que advêm seus principais atos de fala-corpo-político.

3.3 FORMAS DE VIDA INSURGENTES: PEDAGOGIA LIBERTÁRIA DE MULHERES CICLISTAS

Aprender a pedalar pode não ser uma tarefa fácil para quem já não é mais criança, não porque se acredite que crianças aprendam com mais facilidade, mas porque, para uma mulher adulta, pedalar pode constituir também sua própria independência, a sua liberdade. Isso era para ser bem quisto, mas, pasmem, para alguns, não é! A naturalização de que as cidades são mais perigosas para mulheres pode não apenas constituir uma constatação, mas fortalecer essa narrativa que se performa no cotidiano. Assédio, preconceito, dentre outras formas de exercer poder contra as mulheres em vários âmbitos de nossas vidas, têm exigido de nós, mulheres, uma luta contra-hegemônica, no sentido de desestabilização de narrativas, cujas *máquinas-desejantes* percebam e ganhem novas territorialidades e empoderamento.

Dessa forma, estratégias que fortaleçam narrativas-attitudes de mulheres insurgem como possibilidade e novas formas de vida. No *Pedalzinho das Mina* e em outros coletivos que acompanhamos pelas redes sociais, temos experimentado ações que visam fortalecer processos de resistência e de convívio no trânsito. Encontram, em uma pedagogia libertária, solução para alguns desses enfrentamentos.

Observemos as três imagens a seguir. O *Pedalzinho das Mina*, que surgiu em junho de 2016, realiza, além dos chamados pedais, aulas para mulheres aprenderem a pedalar. Vamos observar, a partir das imagens e textos a seguir, que pedalar é bem mais que ciclar pelas ruas. Experimentemos ler cada convite como se o visualizássemos em uma página virtual, assim como o foram! Postaram-nas na plataforma do *Facebook* como jogo de linguagem “evento” (é o que mostra a imagem logo abaixo). As leitoras, ao lerem o jogo postagem, podem marcar se apenas têm

interesse no evento ou se comparecerão. As ferramentas *online* dirigirão informações de atualização para quem tiver acionado uma das opções, mantendo-as inteiradas do evento: a aula de pedal.

Figura 6 - Anúncio de aula de bike para mulheres



Fonte: Pedalzinho das Mina (2017)

A imagem é direcionada às mulheres e as apresenta em estado de espírito elevado, descontraído, remetendo a ideia de que pedalar é prazeroso. Essa mesma imagem aparece em mais de uma postagem e, geralmente, vem acompanhada de algum texto verbal, como veremos a seguir. Nas próximas amostras, não exibiremos mais a guia que solicita marcar se a leitora tem interesse ou não no evento. Seguem-nas:

O PEDALZINHO DAS MINA **não para** mais, a tendência é **crescer** a cada encontro e **conquistar** todos os espaços dessa cidade. Vamos **desbravar** tudo, meninas e encher essa **cidade de mulheres** pedalando. Vamos entrar no QUARTO MÊS do PEDALZINHO DAS MINA com a mesma proposta de **empoderar** as mina a usar a bike como modal, fazer amizades nos encontros e **fortalecer o CICLOFEMINISMO** dessa cidade. Domingo dia 25 de setembro, íamos para o PARQUE ADAHIL BARRETO, mas, devido a troca de algumas bikes nas estações do Bicicletar, não conseguimos chegar ao Parque, por isso, sairemos mais cedo para fazer acontecer dessa vez. Bora **somar** com a gente e tornar esse projeto **mais** lindo ainda ♥ (PEDALZINHO DAS MINA, grifos nossos).

Temos a tendência, no cotidiano, de usar a expressão “engatinhar” quando um determinado processo está no início, mas esse não é o caso do *Pedalzinho das Mina* apresentado na citação acima. A escolha das expressões “não para”, “crescer”, “somar” e “tornar mais” evidenciam a potência que essa máquina de guerra tem

produzido em um estágio de ascensão, crescimento. Tal crescimento ocorre não somente em função do – mas para o – “fortalecimento” e “empoderamento” das mina que, merecem e devem “ocupar as cidades” tendo a escolha de modal de transporte a bicicleta, “desbravando” os espaços para uma “conquista” plena.

Ensinar mulheres a empoderarem-se constitui realizar uma pedagogia libertadora e igualitária. A *bike* tem sido, nesse coletivo de ciclistas, uma máquina-pedagógica, cuja lição é o fortalecimento e a igualdade. Cristina Gomes (2017), advogada e idealizadora de um projeto chamado “Mulher Líder”, menciona que “empoderar”, do inglês *empowerment*, significa “fortalecer” e continua:

Empoderar o gênero feminino significa superar falsas diferenças enraizadas na sociedade, e que por muito tempo não foram questionadas. Essa abertura dá margem para que outros questionamentos surjam, e para que a sociedade se torne cada vez mais igualitária como um todo. (GOMES, 2017, *online*).

As diferenças tornadas raiz precisam criar bulbos, hastes, fazer rizoma, desterritorializar pseudohegemonias e construir novos territórios ocupáveis e ocupados por todas e todos. Mulheres empoderadas são mulheres fortalecidas que, por sua vez, constroem-se como produtoras de um mundo menos injusto.

A tarefa de empoderar mulheres não é algo simples. Multiplicando Paulo Freire (2013), a liberdade é algo que se constrói em comunhão. Assim como ninguém educa ninguém nem se aprende sozinho, a liberdade se performa na união de todas e todos. Fortalecer essas mulheres é uma tarefa de muitas e significa fortalecer toda a sociedade. O projeto de libertação constitui um projeto de união, de sorte que encorajá-lo é preciso, como anuncia o evento a seguir, configurando o gênero aula de pedalar como um jogo de linguagem constitutivo de modo de vida de mulheres ciclistas do *Pedalzinho das Mina* com todas as implicações que são produzidas por conexão.

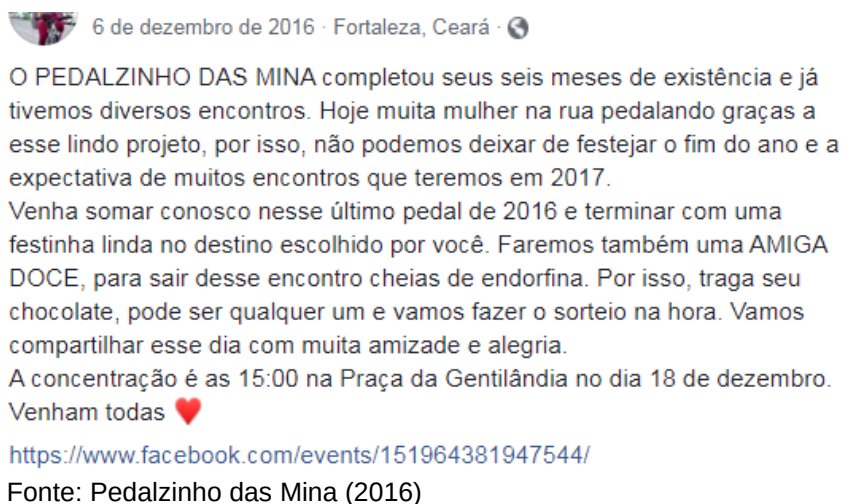
Figura 7 – Evento aula no bairro Benfica



Fonte: Pedalzinho das Mina (2016)

Após alguns encontros, após os seis primeiros meses de existência, as *minas* do *Pedalzinho* criam um evento para congratular a conquista de ter mais mulheres pedalando nas ruas.

Figura 8 – Seis meses de *Pedalzinho*



Fonte: Pedalzinho das Mina (2016)

Doroteia (2019), umas das participantes do *Pedalzinho das Mina*, diz que houve dois momentos de aprendizagem como ciclista. O primeiro foi na infância:

[...] quando eu fiz 10 anos de idade a minha mãe me deu uma bicicleta, só que aí foi uma briga porque ela queria que eu pedalasse só dentro de casa né [...] e ainda disse assim: é sua e do seu irmão. Meu irmão era três anos mais novo que eu, acho que tinha uns 7, 8 anos, na época [...] aí quando permitiram a gente pedalar na rua de casa que ainda era uma ruazinha de

calçamento e tal, aí eu podia... eles diziam assim “é de cinco em cinco minutos”. Aí eu podia dar a volta na rua e quando eu voltava da volta aí diziam: “pronto, entregue pro seu irmão”. Aí ele ia até a esquina, dava a volta no quarteirão, aí subia, ia lá num sei aonde, aí voltava [...] me entregava a bicicleta. Aí eu podia dar só uma volta na rua.

Qual menina, moça, mulher não tem uma história parecida com essa?! Um irmãozinho que, por ser homem e por haver um senso naturalizado (que vem sido histórica e permanentemente combatido) de que mulheres devem ter mais cuidado com o mundo (e não o contrário), há a generalizada tendência de pais ao superprotegerem suas filhas, tirarem muito do seu espaço no mundo, limitando, na infância, seu espaço à rua de casa (e, quando menos, ao lar). As cidades parecem se constituir um espaço público masculino.

No meu caso, ao contrário, que vivi minha infância na zona rural de um município do interior do estado, Senador Pompeu, compartilhei com Doroteia (2019) o seguinte:

[...] é... eu, pelo contrário, como era criada em sítio, tive toda uma liberdade assim... e eu era muito danada, eu acho da turma da minha idade eu era, deveria ser, a mais atrevida mesmo. [...] só que eu fui notando que depois a... a *bike* se torna apenas um instrumento de trabalho, meu pai tinha uma roça [...] um pequeno plantio, assim... e a gente ia pra lá. Então, assim, eu fui me distanciando da *bike* assim como passeio, eu não queria mais andar porque eu ficava cansada de ir trabalhar. Aí ia pra escola e comecei a... a estudar em um horário também que... que... praticamente não me dava folga e as atividades de casa... você vai crescendo e vai se tornando a... a... sua mãe começa a trabalhar fora e você passa a ser a... a dona casa né [...] e aí as atribuições vão aumentando e... aquelas atividades ditas “de mulher” é o que vão se construindo como atividade de mulher, né? passaram a tomar meu tempo assim... e aí quando vim andar de bicicleta de novo foi praticamente assim quando eu vim morar em Fortaleza [...] praticamente foi assim...

“É negado pra gente o tempo de brincar, né?” Contesta Doroteia. Sim! É negado o direito de brincar a crianças cujas famílias se esforçam muito para sobreviver em uma sociedade capitalista, cuja minoria de pessoas explora uma maioria de trabalhadoras e trabalhadores dia a dia. A rotina de algumas mulheres constitui, no mínimo, uma jornada de trabalho não assalariado em casa, porque a ela, historicamente, atribuiu-se a dimensão do cuidado do lar. Outras mulheres disputam os cuidados que a ela continuam sendo direcionados com relação à família e a seu lar e uma outra jornada de trabalho – ou estudo, fora de casa. São lições que aprendemos a duras penas.

Sobre isso, Doroteia (2019) menciona as dificuldades que encontra no dia a dia e como a bicicleta a ajudou a enfrentá-las, deixando de ser um instrumento de lazer e se constituindo uma ferramenta de locomoção ao trabalho e à faculdade:

A minha primeira graduação foi arquitetura e urbanismo. E aí foi nessa época que comecei a entender o que é cidade mesmo, a pensar como Fortaleza era feita e também foi minha primeira experiência de morar muito longe. Porque eu moro no jardim Iracema, ali perto da Barra do Ceará e a minha faculdade era na água fria, ali perto da UNIFOR. [...] E nessa época eu ia de ônibus mesmo. Depois, cheguei a me mudar para (o bairro) Cidade Dois Mil e ficava um pouco mais perto. Mas, ainda era muito difícil usar transporte coletivo porque meu curso era noturno, né?! E, aí, ou eu passava muito tempo rodando de ônibus pra descer perto de casa ou eu fazia um trajeto que era mais perto de chegar mas que era perigoso porque eu ia a pé, eu ia sozinha. E aí, foi nessa época que eu comecei a pensar em pedalar tanto por entender a bicicleta como um meio de transporte um tanto mais sustentável e também por querer um meio de transporte que me desse mais agilidade que o ônibus. Mas também sem querer me implicar nos custos que é ter um transporte motorizado. É muito caro ter um transporte motorizado. Aí, eu, enquanto estudante, estagiária, que vivia com 400 reais por mês comecei a pensar a bicicleta como opção mesmo. Só que nessa época eu não sabia pedalar. Da época que pensei em começar a pedalar até a época que efetivamente comecei a pedalar, rolaram uns dois anos aí.

As dificuldades não param na infância. Vamos ao segundo momento de aprendizagem com a *bike* na narrativa da ciclista Doroteia:

[...] e foi nesse esquema que eu mal aprendi a pedalar, eu fui aprender a pedalar mesmo com o pedalzinho. Aprendi rápido né porque já tinha tido essa experiência quando criança. [...] pois é né, mas... eu não sabia, tanto que quando eu quis começar a pedalar eu demorei ainda uns dois anos pra conseguir... pegar o ritmo de... aprender a pedalar, aprender a pedalar direito, criar resistência. Conseguir uma bicicleta, foi... foi um processo bem demorado porque eu não tive essa brincadeira enquanto criança, assim de... pedalar pelo bairro [...] Da época que pensei em começar a pedalar até a época que efetivamente comecei a pedalar, rolaram uns dois anos aí. Foi o tempo em que me aproximei do Pedalzinho das Mina. Aí eu aprendi a pedalar com elas... [...] Aí usei aquela... eu ia... eu trabalhava, nessa época, na Aldeota. Aí, eu saía do trabalho, descia pra Beira Mar. Aí, pegava a bicicletinha do Bicicletar e ficava indo de um lado pro outro (risos bem longos), na ciclo-faixa da Beira Mar. Até eu pegar um pouquinho mais de segurança. Eu lembro até que na primeira vez eu bati num taxi (risos que me pareceram envergonhados). E o cara me viu batendo no taxi. E aí ele chegou perto de mim e disse: “arranhou o carro?” E eu caída no chão, assim (risos que pareceram de tristeza). “Pô, se preocupa comigo um pouquinho vêi” (disse isso como quem pensara, mas quisera dizer ao moço. Seu corpo no chão falara). [...] comecei a pegar a bicicletinha da prefeitura, ia da Aldeota pro Centro. Só que nessa época eu tinha tanto medo, tanto medo, tanto medo, que eu ia pelas ruazinhas (pensa um pouco) locais, sabe? Eu não pegava avenida de forma alguma. Aí, eu ia morrendo de cuidado, morrendo de

medo... isso antes de voltar pro Pedalzinho. E aí, teve outro dia que ia ter um evento do Pedalzinho e eu decidi que ia pra ensinar porque tinha essas oficinas de ensinar a pedalar, né? E aí, eu fui lá pra ensinar. [...] E aí no dia seguinte ia ter um passeio e uma das meninas do Pedalzinho me emprestou uma bicicleta [...] o passeio que eu fiz com elas, nesse dia, a Catarina já puxou pra avenida, né? (riso de quem é desafiada) (Mais risos...) Rapidão, assim... (continuou rindo). Porque foi pouca gente. Pouca gente apareceu. Aí, a gente decidiu que a gente só ia só à praia curtir, então. Éramos quatro pessoas. Aí, foi nesse dia que eu perdi o medo de avenida, só por andar em conjunto, assim. Só por ter alguém puxando o caminho e fazendo me arriscar por aquele caminho. Porque sozinha não tinha coragem.

“Palavras machucam”, já dizia o ditado popular. Um dos modos de multiplicar a teoria austiniana é percebendo os atos performativos dizendo respeito ao efeito causado por certas palavras a um dos interlocutores ou interlocutoras. Na narrativa acima, Doroteia fica em estado de aborrecimento, não apenas pela colisão que teve ao cair próximo ao veículo, mas, sobretudo, sua fala enfatiza a preocupação do possivelmente transeunte que a interpela indagando: “Arranhou o carro?”.

Muito mais que os desafios para se equilibrar entre veículos velozes (e furiosos) no trânsito, a aprendizagem para quem pedala é um desafio que se enfrenta melhor em grupos. “Rapidão” é uma palavra-mundo-ação que se aprende ouvindo, como forma de incentivo, e seguindo em frente, dando ritmo, não necessariamente velocidade, a quem enfrenta os desafios de ser mulher, ciclista, pobre e lésbica, como se declara Doroteia. A solidariedade do grupo, ao pedalarem juntas, ao compartilharem saberes-ação, ao comungarem territórios novos de experimentação (físicos e epistêmicos), vai produzindo palavras-mundo, uma política-ética-estética de cuidado com os corpos, e se configuram jogos de linguagem, formas de vida dessas *mina*.

E o que elas aprendem de mais importante? A consciência de existir e o direito de ser igual, ainda que diferente, constitui matéria de reexistência, empoderamento!

Mas, aí, o que eu aprendi nesse dia foi a me impor mesmo. Tipo: esse espaço é meu também. E ele vai ter que esperar. Se ele não esperar, ele quem tá errado. Aí, eu comecei, a partir desse dia, a me impor mais. A andar em avenida. E se o carro buzinar, ele vai me esperar a passar. E é isso. E foi um processo muito... foi aos poucos, sabe, não foi de uma vez. E até hoje eu tenho medo. Até hoje eu ando no acostamento. Até onde eu puder eu vou de ciclofaixa. Hoje mesmo eu quase fui atropelada (risos tímidos). Mas, é isso. É muita resistência o processo: de você não aceitar que eles lhe expulsem do espaço. Que ele é seu também. (DOROTEIA)

Como empoderar é fortalecer em prol da igualdade, fortalecer a luta das mulheres contra opressores é uma questão de modo de vida. Opressões e objetificação do corpo da mulher são comumente observados em fatos do cotidiano, na mídia, no comércio e outros campos da sociedade. A linguagem afeta de modo diferente formas de vida distintas. Se, para homens, é natural observar um corpo de mulher sensualizado, objetificado, para mulheres, isso pode ser uma agressão a seus corpos. Um episódio que foi registrado pelas mulheres do *Pedalzinho* e motivou um evento-escracho foi uma sequência de publicações de matérias jornalísticas por um jornal de circulação no estado do Ceará que, na perspectiva das participantes do coletivo Pedalzinho das Mina, contribui para o desrespeito de motoristas de carro contra pessoas do modal bicicleta. Segundo as Mina, como se poderá observar na publicação do Facebook, de 10 de outubro de 2016, as reportagens sujeitam o corpo feminino de modo apelativo.

Há muito tempo que o Tribuna do Ceará tem dado close erradíssimo. Primeiro, perseguindo xs ciclistas, a ponto de colocar motoristas de carros contra a categoria, agora, objetificando o corpo feminino com uma reportagem que traz a mulher como Fotossensor sensual, para atrair a atenção dos homens forçando-os a parar. Essa reportagem gera uma enorme ânsia de vômito, que nem vou postar o link para não dar ibope a esse jornaleco. “Segundo a mídia e suas terríveis publicidades, o corpo da mulher é de livre acesso pra qualquer um”. Nós, do PEDALZINHO DAS MINA, queremos convidar vocês para fazer um grande ESCRACHO em frente a sede da Tribuna do Ceará. Vamos mostrar que essa cultura machista há muito tempo ultrapassada, não mais será tolerada. NÓS MULHERES, NÃO SOMOS OBJETOS SEXUAIS! Convidamos todxs a somar conosco nessa BICICLETADA com caixas de som, cartazes, apitos e muito barulho, gente! Chame geral, mulheres, homens, toda a galera que vocês conhecem que lutam contra a CULTURA MACHISTA. Vamos nos encontrar às 17:00 na PRAÇA DA GENTILÂNDIA e de lá, sairemos para o TRIBUNA DO CEARÁ. Divulguem geral! (PEDALZINHO DAS MINA, 2016).

O convite é dirigido não somente a mulheres. Acredita-se que essa luta é uma luta de comunhão entre os diferentes, é a retomada de um direito à individualidade, à propriedade do corpo: pela não objetificação sexualizada e capitalista dos corpos femininos. A repulsa (ânsia de vômito) gerada pela matéria do jornal nas mulheres ciclistas performatizam efeitos em seus corpos (AUSTIN, 1990; PINTO, 2007) efeito de aversão a um discurso que retroalimenta a cultura machista, símbolo de uma desigualdade que marca a luta pela libertação histórica das mulheres.

Sobre isso, Freire (2013) expõe que a teoria da ação antidialógica produz a coisificação da parte oprimida pela parte opressora. A problematização por parte de quem sofre a opressão é um caminho para a ação de se ver como sujeito, e não como

objeto. Enojar-se com os atos antidialógicos promovidos e incitados pelo jornal constitui primeiro plano para o vislumbre da desobjetificação. Contrária à ação antidialógica, a ação dialógica, problematiza que sujeitos não devem se opor, mas unir-se aos seus e também a seus diferentes, no sentido de investir em uma colaboração mútua. Assim, o evento da bicicletada propaga um convite às mulheres que são alvo dessa sujeição a incidir dialogicamente, com outros homens, “quem conhece quem luta contra a cultura do machismo”, posto que não é uma luta contra máquinas-pessoas, mas máquinas-sociais.

Não se configura, pois, uma luta contra todo um sistema ou toda uma cultura, mas contra atos de fala (AUSTIN, 1990) que sujeitam mulheres, oprimindo-as. A luta dessas mulheres, seus jogos de linguagem e formas de vida (WITTGENSTEIN, 2017) produzindo atos corpóreo-políticos (PINTO, 2007, BUTLER, 2018a/b), por outro lado, configuram-se pela ação dialógica, comprometida com a libertação (FREIRE, 2013). Constitui “cócegas” no sistema, “um acontecimento microscópico [que] estremece o equilíbrio do poder local” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 34).

Essas formas de vida insurgentes que promovem uma educação libertadora de mulheres, por meio da ocupação das cidades, podem produzir uma máquina-mundo menos desigual, uma cidade educativa.

3.3.1 Cidades educativas: território de todas e de todos

Em uma perspectiva freireana, não há sujeitos neutros, muito menos uma educação neutra. Corpos que lutam pela liberdade são corpos políticos, desejam espaços e territórios que podem ser comuns a todos os corpos. Para a conquista desse espaço, usa-se a linguagem, usa-se o corpo (FREIRE, 2001). Descobrir a máquina-desejante (DELEUZE; GUATTARI, 2011a/b) em nós, constitui descobrir-nos corpos distintivos, de saber na experiência no real e no compartilhamento de práticas sociais. Dividir espaço com outras, com outros, de forma igualitária, constitui um desafio permanente de quem constrói lutas políticas em prol da liberdade de todas e todos. Dessa forma, entendemos que não existe poder *a priori*. Ele existe porque uma minoria o deteve e mantém meios de exploração de outros corpos, produzindo máquinas exploradoras de corpos, de territórios.

Para as formas de vida de mulheres ciclistas, lutas de corpos insurgem no território do espaço urbano público, nas cidades, por extensão a uma luta cujo primeiro território de batalha é o lar, como observamos na fala da ciclista Doroteia, ao relatar a sua experiência na família. Não se tratava apenas do que seu corpo revelara na condição de criança, pois seu irmão era bem mais jovem, bem menor, provavelmente. Seu corpo revelara a diferença binária de gênero: feminino, por isso, ao seu corpo é atribuída a marca da oposição ou, melhor dizendo, de um corpo ao qual somente podem ser conferidos alguns territórios, outros, não.

A máquina-desejante de Doroteia produz desterritorializações tais que a faz questionar seu território e a relação dele com seu corpo: deseja bem mais e pedala atrás! Assim, sobre a relação do corpo consciente, diz Paulo Freire:

Sem a luta política, que é a luta pelo poder, essas condições necessárias não se criam. E sem as condições necessárias à liberdade, sem a qual o ser humano se imobiliza, é privilégio da minoria dominante quando deve ser apanágio seu. Faz parte ainda e necessariamente da *natureza humana* que tenhamos nos tornado este *corpo consciente* que estamos sendo. Este corpo em cuja prática *com* outros corpos e *contra* outros corpos, na experiência social, se tornou capaz de produzir socialmente a linguagem, de mudar a qualidade da curiosidade que, tendo nascido com a *vida*, se aprimora e se aprofunda com a *existência humana*. (FREIRE, 2001, p. 8, grifos do autor).

As condições de validação para esse ser consciente estão pautadas na expressão de um *ser mais* que não nega o *ter*. Tem a ver com processos de humanização. “O corpo consciente e curioso que estamos sendo se veio tornando capaz de compreender, de inteligir o mundo, de nele intervir técnica, ética, estética, científica e politicamente” (FREIRE, 2001, 9). Ser mais implica ser dialógico, o que também constitui uma postura política, ética.

Mais que uma capacidade de aprender, somos seres curiosos. Saber e aprender são movimentos naturais. Freire (2001) reverbera que uma educação existe porque, além de poder aprender, sabemos que podemos aprender mais por sermos seres inacabados ou “programados para saber”. A história da formação, da educação, de ela ser permanente tem a ver com nossa própria história “ter incorporado à sua natureza (da educação) não apenas *saber que vivia* mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí.” (FREIRE, 2001, p. 12).

Modos criativos de intervir no mundo são formas de saber-fazer: práxis. As aulas e outras práticas do *Pedalzinho das Mina* são práticas educadoras com

propósitos libertários. O simples jogo de linguagem denominado “aula” constitui um saber sobre o saber mais, ou seja, saber que se liberta *com* o outro, pois não se ensina a liberdade: provoca-a. Na ocasião de um ano da criação do *Pedalzinho*, o seguinte cartaz era veiculado nas redes sociais:

Figura 9 – Um ano de *Pedalzinho*



Fonte: Pedalzinho das Mina (2017)

Para discutir esse tópico e considerando a educação como práxis relacionada à ação-reflexão, opto por destacar alguns verbos do cartaz que colaborarão para a construção de uma argumentação de um jogo de práticas que levam as *mina* a estabelecer uma relação política com o território-cidade. Primeiro, o cartaz anuncia o propósito do Pedalzinho das Mina, que se configura como um projeto. Projeto implica ação! E o propósito, vamos ao primeiro verbo, é: *ensinar*! Mas, ensinar o quê, a quem? Onde? Para quê? Veja que os verbos não são suficientes, mas nos levam à curiosidade, aos “porquês... *Ensinar a pedalar*: “Uma oração subordinada substantiva objetiva indireta reduzida de infinitivo”, conforme aprendemos na escola, pois, quem ensina (verbo bitransitivo pede dois complementos: direto (o quê) e indireto (a quem), ensina algo a alguém, segundo um ensino tradicional, fruto de estudos de tendência transcendentalista. Considerando outros contextos, poder-se-ia apenas dizer: “Fernanda ensina” e, ao pensarmos que Fernanda trabalha em uma escola, consideraríamos o verbo intransitivo, já que suporíamos que Fernanda é professora (como na situação do enunciado “João bebe” em que, ao não enunciarmos o objeto transitivo direto, pensaríamos que ele é alguém que costuma ingerir bebidas

alcoólicas, em um contexto comum). No entanto, a capacidade de “ensinar” não deriva apenas de quem segue a carreira de professor, nem ser um professor é garantia de que alguém aprenda algo (isso para considerar outras questões pragmáticas). Em suma: dois verbos em uma mesma oração. Considerando ainda a tradicional visão gramatical, o verbo pedalar estaria numa relação subordinada ao verbo ensinar? Talvez, em uma posição meramente linguística; no plano real, a quem interessa ensinar/aprender/pedalar?

A gramática do cotidiano sequer é alcançada por uma metalinguagem reguladora de sentidos, mas as circunstâncias de uso, sim. Por isso, nem me atrevo a usar a palavra “mina” no plural, pois é o que nos parece lógico ao usar a expressão Pedalzinho das Mina. Mina, no singular e de acordo com o Dicionário Informal (2019), significa adolescente ou moça, “ambas do sexo feminino”, frisa-se. Não é indicado, como no uso cotidiano, como diminutivo de menina, ou apócope, processo pelo qual se reduzem sons de expressões, diminuindo (vamos em boa hora > embora > bora > bó). “As mina” e “das quebrada” são expressões de um universo cultural jovem, feminino, oriundas da periferia, de modo que marca, nos jogos de linguagens, modos de vida insurgentes, capazes de criar falares, gestuais, visões e mundos singulares. São gramáticas do cotidiano desses modos singulares de ser, performatizados na vida real.

Alencar (2014a, p. 85), expandindo Michel de Certeau (1994), chama atenção para as manifestações e para os saberes dos falantes sobre como articulam a linguagem, sua inventividade e resistência, questões que devem ser consideradas pelos linguistas:

Esquecer os falantes, deixar de lado suas “táticas” de manipular e de alterar os discursos e ideologias hegemônicas e utilizar “os sistemas formais” e “supraindividuais” que lhe são impostos é perder de vista os atos de linguagem de inventividade e de resistência pelos quais os sujeitos praticantes criam para si “um espaço de jogo” para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar ou da língua. (ALENCAR, 2014a, p. 85).

Os atos de linguagem de mulheres ciclistas, ainda que criem entre si uma familiaridade, contrapõem-se a uma máquina subordinante do cotidiano, uma máquina-abstrata, “língua padrão”, que exclui as mulheres, homogeneíza, no masculino, outras formas de vida-linguagem, outras formas de vida.

Assim como há violência na linguagem, há luta, há reinvenção de “práticas culturais” (acrescento sociais e políticas) “questionadoras da violência linguística

instituída em nossa sociedade” (ALENCAR, 2014a, p. 87): há marcação de um território, não geográfico, mas de gênero, uma estilização (BUTLER, 2018b; PINTO, 2007) na linguagem, nos corpos. Há atos de corpo, atos de ocupar espaços urbanos com uma bicicleta, que performam corpos políticos.

Voltemos aos verbos: “*somar a nós*”, “*ocupar as cidades*”, “*curtir uma tarde/som*”, “*destino: você escolhe*”. Somar pressupõe unir. Certamente pedalar sozinha é mais complicado, de modo que a união das *mina* fortalece não somente o desejo, mas o ato-de-fala-corpo de apropriar-se dos territórios pouco ocupados pelas mulheres, as cidades. Somar é subverter a ordem que é ser menos, minoria no grande território, a grande sala de aula, a cidade. Esse trabalho de ensinar-aprender-pedalar é regido pelo prazer, pela curtição, pela musicalidade de uma caixa de som que, tentem visualizar, compete com o barulho de carros velozes e palavras-atos de motoristas, homens, que assediam, retrucam, lutam pelo espaço que consideram ser unicamente seu. Note que minha fala-pesquisadora reflete o que me afeta como a ciclista que me revisita e pela experiência que tive, bem como a memória afetiva com o grupo *Pedalzinho*. Pode-se considerar, portanto, uma educação-afetiva. Finalmente, para onde e por onde queremos ir? Ninguém escolhe o caminho a seguir sozinha, escolhemos juntas. O caminho é comunhão.

A Praça da Gentilândia, espaço público das aulas, ou as demais avenidas e ruas de Fortaleza constituem a cidade onde aprendemos a *ser mais*. Aprendemos por afeto, no sentido de conexão ou de carinho mesmo. Segundo Lima Filho e Giovana Rebouças (2019), a cidade de Fortaleza, sobretudo nas primeiras décadas do século XXI, tem passado por inúmeras transformações de infraestrutura, considerando, principalmente, mudanças na mobilidade urbana. O crescente fluxo de veículos automotores constitui principal interesse e justificativa dessas modificações, embora já se perceba algum investimento com relação a outros modais de transporte. Outro elemento que justifica as grandes mudanças foram eventos de envergadura internacional ocorridos em 2013 e 2014, a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol da FIFA.

Fortaleza se configura como a quinta cidade mais populosa do Brasil, com mais de dois milhões e meio de habitantes (IBGE, 2018). A cidade tem grande extensão geográfica e situa-se em um polo de uma Região Metropolitana, que agrega mais dois milhões de pessoas de mais dezoito municípios, dentre os quais estão Caucaia, Maranguape e Maracanaú (LIMA FILHO; REBOUÇAS, 2019).

Os números do IPECE (2016, 2017) informam o crescimento da frota de veículos em todo o estado do Ceará, com doze municípios com mais de 30 mil veículos [...] e Fortaleza com 1.039.062 veículos em 2016 (IBGE, 2016), dos quais bem mais da metade (566.423) são de automóveis particulares. Comparando os números de 2010, a frota da Capital cresceu 45,92% em apenas 6 anos. (LIMA FILHO; REBOUÇAS, 2019, p. 18-19).

Embora desde 1990 haja projetos de implementação de políticas de incentivo ao uso de modais como a bicicleta (LIMA FILHO; REBOUÇAS, 2019), o grande salto de investimentos se deu entre 2012 e 2018, como aponta o *site* da prefeitura (FORTALEZA, 2018; LIMA FILHO; REBOUÇAS, 2019). Dessa forma, a malha de extensão cicloviária passou de 68,2 quilômetros a 232,5 quilômetros, distribuídos em 103 quilômetros de ciclovias, 125,5 quilômetros de ciclofaixas, 3,9 quilômetros de ciclorrotas e 0,1 quilômetro de passeio compartilhado. A meta é atingir 400 quilômetros de malha cicloviária até 2020, segundo informou a Secretaria Municipal de Conservação e Serviços Públicos (SCSP) ao Diário do Nordeste (2019).

A notícia que o Diário do Nordeste anuncia, em outubro de 2019, é que 48% da população mora a, pelo menos, 300 metros da malha cicloviária. Entretanto, existem dois grandes problemas. Inicialmente, parte dessa estrutura não tem reforma há anos, como a Avenida Bernardo Manoel, pela qual transito para ir ao Bairro Serrinha, onde acontecem os projetos do Viva a Palavra, de modo que essa via tem muitos obstáculos, como entulhos); ou são de baixa qualidade e estão com muitos buracos, como a da Carlos Juaçaba, que trafego para ir a UECE, *campus* Fátima. O segundo problema de envergadura sociopolítico é que grande parte da malha cicloviária de Fortaleza e de projetos de compartilhamento de bicicletas, como o Bicletar, concentra-se nos bairros considerados “nobres” e, em menor grau, nos bairros periféricos ou onde há menor concentração de renda (DIÁRIO DO NORDESTE, 2019; LIMA FILHO; REBOUÇAS, 2019).

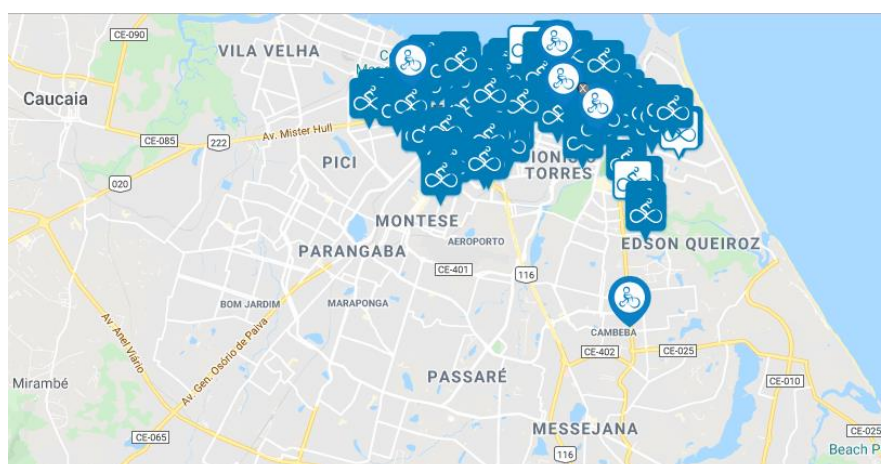
Para ilustrar, seguem os mapas da distribuição da malha cicloviária e das estações de bicicletas compartilhadas disponíveis pelo projeto Bicletar, em Fortaleza.

Figura 10 – Mapa da malha ciclovitária de Fortaleza



Fonte: Fortaleza (2018).

Figura 11 – Mapa de estações do projeto Bicicletar



Fonte: Bicicletar (2018).

Segundo a Prefeitura de Fortaleza, as mulheres constituem um terço do total de usuários do projeto Bicicletar. Embora não haja registros de quantas bicicletas há em uso em Fortaleza, os dados mostram que o número correspondente à população de Fortaleza é apenas o dobro do total de carros, o que implica dizer que circula um carro para cada duas pessoas. O fato de políticas públicas relativas ao tráfego de ciclistas estarem concentradas em regiões não periféricas implica que as políticas públicas ainda privilegiam uma certa população da cidade. Políticas para quem?

O percurso escolhido pelas Mina são trajetos que, em sua maioria, possuem ciclovias, isto é, área mais bem atendida pelos serviços públicos. Ainda

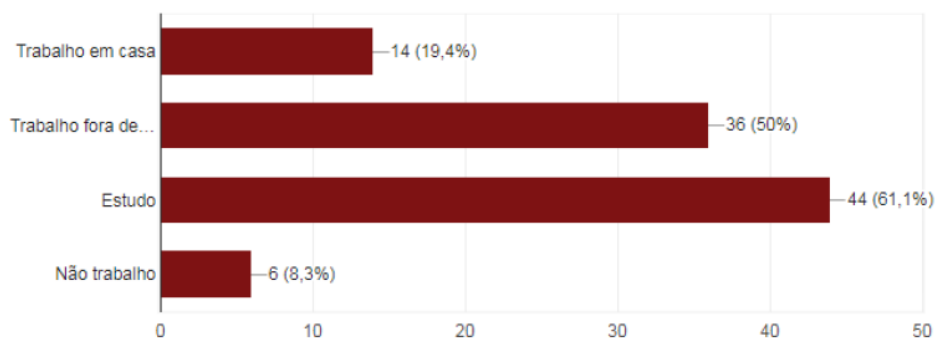
assim, para chegarem ao ponto de concentração, geralmente a Praça da Gentilândia, as ciclistas percorrem trajetos muitas vezes desfavorecidos na cobertura da malha ciclovitária, sobretudo nos bairros da periferia.

Rúbia Santos (2018), ciclista, participante do *Pedalzinho das Mina* e formada em arquitetura, desenvolveu um trabalho de pesquisa-interventiva na qual propõe requalificação dos baixios de viadutos, justificando seu trabalho como perspectiva de gênero. Ela nos lembra:

A experiência do corpo feminino na cidade está longe de ser uma experiência positiva, em sua totalidade as mulheres se sentem inseguras ao andar pela cidade. As que possuem determinados privilégios procuram refúgios em automóveis, bairros mais seguros e lares privados. É sabido que as soluções privadas aumentam ainda mais a segregação, deixando aquelas, não privilegiadas, se arriscando a vivenciar um espaço público dominado pelo descaso da sociedade. (SANTOS, 2018, p. 10).

A ciclista autora pesquisou 75 mulheres, dentre as quais 51,4% tinham entre 25 e 35 anos de idade. Dentre a amostra que compõe a maioria das entrevistadas, 72% declarou estado civil solteira, 80,6% não têm filhos e 30,2% delas declaram rendimento salarial na faixa entre R\$900,00 e R\$1.500,00. Aliás, Santos (2018) apresenta o perfil laboral das mulheres entrevistadas:

Figura 12 – Perfil laboral de mulheres entrevistadas



Fonte: Santos (2018, p. 35).

Das 75 mulheres entrevistadas, mais de 40 usam a bicicleta como meio de transporte e quase o mesmo número utiliza também outro transporte público. Uma média de 20 delas usa carro particular ou anda a pé. Menos de 5 usam transportes alternativos, como o Uber. Por fim, nenhuma mencionou o emprego de moto.

Como notamos, a partir dos dados apresentados, dentre as 75 mulheres, a maioria que cicla é composta de um público jovem que trabalha ou estuda fora de casa, fazendo uso do modal bicicleta como meio de transporte. Porém, a cidade é desproporcional ao uso do modal bicicleta em se tratando dos aspectos de sua infraestrutura. A forma como as políticas públicas de mobilidade urbana vem constituindo um isolamento social porque demanda recursos para áreas consideradas “nobres”, além de evidenciar as lacunas nos espaços periféricos.

Para as mulheres ciclistas, que narram histórias de assédio e riscos contra a vida, enfrentam desafios, sozinhas, até se tornarem um grupo e planejarem seus percursos educativos, políticos e de lazer. Nessa perspectiva, o enfrentamento do medo nos espaços públicos da cidade tem alimentado pautas dialógicas, convertendo as praças e as ruas onde pedalam em lugares educativos.

Cidades educativas se constituem pelas vidas que as compõem, assim como cidades máquinas-de-guerra que são, simultaneamente, modernas e movidas por máquinas capitais. Segundo Paulo Freire (2001), as cidades se constituem educativas em seus contextos:

[...] e a vida das cidades, enquanto contextos que não apenas acolhem a prática educativa, como prática social, mas também se constituem, através de suas múltiplas atividades, em contextos educativos em si mesmas. FREIRE, 2001, p. 11).

Dentre as pautas, as Mina são chamadas a contribuírem para a construção de alguns diálogos e constroem seminários, passeios e rodas de conversa a respeito:

Figura 13 – Roda de conversa sobre saúde mental

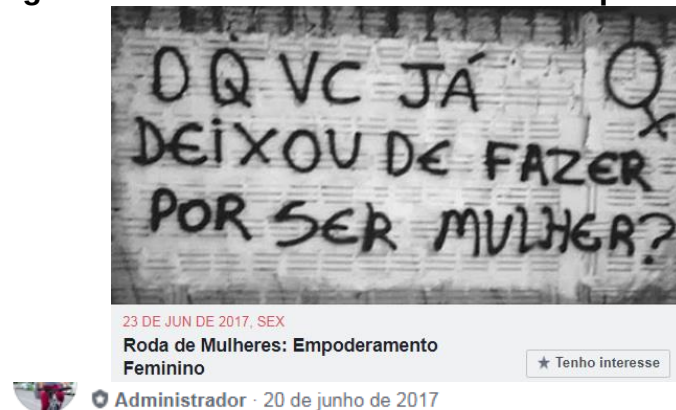


23 de agosto de 2018

Olá meninas! Boa noite! Algumas já me conhecem, mas pra quem não conhece eu me chamo [nome], e pesquiso sobre o cicloativismo feminista contemporâneo na pós de sociologia da UFC. Recebi um convite para participar de um evento acerca da saúde mental, onde um dos eixos é o ciclismo na UFC. Me pediram pra realizar uma atividade que tenha relação direta com o ciclismo, as mulheres e a saúde. Pensei então em realizar um pedal com as meninas e no fim ou intervalo do pedal realizarmos uma roda de conversa sobre o tema. Então vim aqui pedir ajuda de vcs pra essa atividade acontecer, queria saber quem pode somar comigo nessa! Vcs topam? (Ainda vou saber direitinho a data e o plano do evento e repasso aqui)

Fonte: Pedalzinho das Mina (2018)

Figura 14 – Roda de conversa sobre empoderamento



"A história do empoderamento feminino é mais antiga do que você pode imaginar. Diferente do que muitos pensam, não é uma causa de uma pessoa ou organização. Empoderar uma mulher engloba tudo o que qualquer pessoa pode fazer para fortalecer as mulheres e desenvolver a igualdade de gênero nos âmbitos onde as mulheres são a minoria." Fonte: <http://mulherlider.com.br/.../por-que-o-empoderamento-femini.../>

Quando se fala de EMPODERAMENTO FEMININO, não é da MULHER ter poder sobre os homens, mas, ela ser senhora de si mesmo, realizando suas conquistas, sem os impedimentos culturais que uma sociedade patriarcal a impõe. O Empoderamento Feminino é, sobretudo, a oportunidade de direitos iguais entre os gêneros.

Nós, Roda de Mulheres, como um espaço de acolhida e fortalecimento da mulher, convida você mulher, a se juntar a nós sexta-feira, dia 23/06 na Torrinha do CH II e debatermos esse tema, contribuindo com as suas vivências, partilhas e tudo que quiser trazer. Também quem quiser colar aqui no evento link de blogs, textos, vídeos, sintam-se bem à vontade.

Fonte: Pedalzinho das Mina (2017).

Figura 15 – Ciclofeminismo em pauta

Administrador · 1 de junho de 2017

Gente, já é amanhã. Nosso evento tá muito lindo.
Se liga na programação completa 🙌

EVENTO MISTO!

Link para inscrição: <http://uece.br/eventos/seminariociclofeminismoempauta/>

	02/06 SEXTA	03/06 SABÁDO	04/06 DOMINGO	05/06 SEGUNDA
08-10H	Credenciamento	Mesa: Assédio no trânsito		Mesa: Bicicleta: Esporte e Inclusão
10-12H	Mesa: Movimentos e Coletivos Ciclofeministas	Mesa: Ciclomaternidade		Mesa: A cidade para mulheres
14-16H	Mesa: Um papo sobre Ciclovigilância	Oficina de Mecânica e Bike Fit	Passeio de Bicicleta*	Mesa: Empreendedorismo com a bicicleta
16-18H	Apresentações: Projeto 'Giramérica' e 'Em busca de novos ares'	Aula de Bike*	Passeio de Bicicleta*	Cinebike: O Sonho de Wadja
18-20H	Palestra: História da bicicleta e o Ciclofeminismo		Passeio de Bicicleta*	Sarau: Aniversário de 1 ano do Pedalzinho das Mina

*Só para mulheres

CICLOFEMINISMO EM PAUTA
os desafios da mulher no trânsito
02 a 05 de junho 2017

Fonte: Pedalzinho das Mina (2017).

Não é suficiente que uma cidade educativa apenas eduque: ela também tem que aprender. Da mesma forma, não é suficiente termos professoras ciclistas: é importante que mulheres e homens se façam aprendizes, que as cidades educativas sejam também cidades aprendizes. Acerca do tema, Paulo Freire afirma:

Enquanto educadora, a Cidade é também educanda. Muito de sua tarefa educativa implica a nossa posição política e, obviamente, a maneira como exerçamos o poder na Cidade e o sonho ou a utopia de que embebamos a política, a serviço de que e de quem a fazemos. A política dos gastos públicos, a política cultural e educacional, a política de saúde, a dos transportes, a do lazer. A própria política em torno de como sublinhar este ou aquele conjunto de memórias da Cidade através de cuja só existência a Cidade exerce seu papel educativo. Até aí, a decisão política nossa pode interferir. (FREIRE, 2001, p. 13).

O que as cidades podem aprender com mulheres que pedalam? As cidades precisam ouvi-las, entender seus corpos-políticos, sua luta pela ocupação, pelo convívio harmônico com as ruas e as pessoas, com as praças e as memórias coletivas. Parte dos investimentos realizados na infraestrutura relativa ao ciclomobilismo foi fruto de protestos de ciclistas. Um episódio que habita a memória dos fortalezenses é o que aconteceu na rua Ana Bilhar, no Bairro Meireles (região nobre de Fortaleza). Um grupo de ativistas, conhecidos como *Massa crítica* pintou toda a extensão da rua, demarcando uma ciclofaixa, pois ali tinha um fluxo frequente de ciclistas, os quais se queixavam dos riscos de trafegar de *bike* naquele trecho. A prefeitura, rechaçando a intervenção popular, considerando-a fora dos padrões legais, apagou as demarcações da ciclofaixa. A repercussão foi tamanha que, depois, a prefeitura teve de refazê-la, desta vez com recursos do erário público. A partir de então, a sociedade civil organizada passou a cobrar e estar mais próximo à gestão pública de tais recursos (LIMA FILHO; REBOUÇAS, 2019).

4 CAPITALISMO E CIDADE: CONFLITOS, CICLOFEMINISMO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Não sei se estou entendendo o que falo, estou sentindo – e receio o sentir, pois o sentir é apenas um estilo de ser.

(Clarisse Lispector)

As transformações que ocorrem nas cidades na contemporaneidade e consequentemente o impacto negativo que elas causam na economia, cultura e sociedade, observáveis no aumento da desigualdade, da violência, da pauperização e do desamparo social, são aspectos consideráveis da globalização. As cidades, nesse sentido, vêm sendo “reconfiguradas pelo grande capital financeiro” (CARVALHO FILHO, 2019, p. 206).

Nessa perspectiva, Harvey (2014, p. 20) alerta para a morte das cidades tradicionais pela exacerbada produção das formas capitalistas de economia, cujo desenvolvimento é “vitimado pela sua interminável necessidade de dispor da acumulação desenfreada de capital, capaz de financiar as expansões intermináveis e desordenadas de crescimento urbano, sejam quais forem suas consequências”.

Por conseguinte, a urbanização e as grandes especulações sobre o desenvolvimento têm gerado expectativas na população, colaborando para o seu aumento na zona urbana. No entanto, a preocupação com o desenvolvimento sem considerar os meios também tem gerado frustrações porque as cidades não comportam suas necessidades de moradia, emprego, saúde e transporte. Pensar o transporte público de qualidade, nesse contexto, é elaborar um pensamento sobre a existência (pragmática) que tem sido determinada pelo capitalismo e manifestadas por algumas frustrações da população.

O caso do autoatendimento nos ônibus em Fortaleza no ano de 2019, por exemplo, reflete essa configuração de sistema neoliberal e o desgaste nas relações humanas: uma guerra de corpos, uma guerra na palavra. As empresas de transporte público de Fortaleza prestam serviços terceirizados. Dessa forma, o poder público realiza um repasse a elas e a população efetua o pagamento de uma taxa que custa R\$ 3,60 por viagem. No entanto, só é possível fazer a integração entre as viagens por meio de um cartão, do qual parte da população não dispõe.

Com a oferta de serviço de autoatendimento, as empresas diminuíram a frota de veículos que contam com atendimento feito pelo profissional cobrador(a). Com isso, não apenas desempregaram 400 trabalhadoras e trabalhadores, como também passaram a exigir da população, obrigatoriamente, a aquisição de um cartão magnético, cujo valor cobrado para a compra chega a valer 3% do salário mínimo. Com isso, parte da população que não podia alocar esse dinheiro, além do recurso já planejado, ficou à mercê da espera de um ônibus que não fosse autoatendimento. Isso provocou um caos, pois muitas pessoas chegaram atrasadas ou faltaram a diversos compromissos como trabalho, estudo, dentre outros⁴⁰. Eu mesma cheguei a me atrasar para chegar na universidade algumas vezes. O caso chegou à Câmara dos Deputados. Segundo Paula, do jornal *O Povo*:

Na tribuna, passageiros explicaram que, após a mudança, o tempo de espera para quem paga com dinheiro aumentou. Estes usuários são obrigados a esperar pela linha e por um ônibus que não seja de autoatendimento. A demora na parada implica em **insegurança**. A medida resultou ainda na **demissão de trabalhadores**. Na audiência, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Transportes Rodoviários do Estado do Ceará (Sintro), Domingos Neto, afirmou que seriam 400 cobradores dispensados. (PAULA, 2019, online, grifo nosso).

Assim, o modelo de economia neoliberal, baseado no capital financeiro, tem contribuído para a produção de conflitos sociais que, por sua vez, têm sido combatidos com igual ou maior truculência pelas forças capitais privadas, além de encontrar reforço pelo poder estatal (ou vice-versa). Sobre o caso do autoatendimento nos ônibus, por exemplo, ouvi relatos de usuárias que presenciaram motoristas que defendiam a medida da empresa, argumentando que isso traria mais segurança, pois não haveria assaltos nos transportes coletivos, tendo em vista que não haveria dinheiro em espécie, já que o crédito era eletrônico.

O capitalismo divide opiniões e esfacela relações. Nesse caso que relatamos, defender a empresa, e não o companheiro trabalhador ou a companheira trabalhadora que foram desempregados, é conflitante. Ademais, a ação não evitaria

⁴⁰ Eu mesma cheguei a atrasar em um compromisso na universidade por conta de um problema de transição de créditos da antiga carteira estudantil para a nova. Não cheguei a perder o compromisso porque, pelo fato do serviço de autoatendimento estar ainda em fase de teste, a motorista me deixou seguir até um terminal, onde pude, acompanhada de um fiscal, dirigir-me até um ônibus comum e realizar o pagamento em dinheiro. Outras pessoas não tiveram o mesmo privilégio.

assaltos, pelo menos não aos usuários, mas à empresa, talvez. Ou seja, seu modo de se proteger não implica a proteção da maioria, representada pela população.

Outro conflito gerado entre as pessoas que vivem o espaço urbano público diz respeito às diferenças de modais de transporte. Motoristas, motoqueiros, ciclistas, pedestres dividem razões no calor dos dias. Observei isso, pela primeira vez, no passeio que fiz com as ciclistas, depois pedalando algumas vezes sozinha e, mais recentemente, em uma palestra.

Pelas redes sociais, vi um cartaz da Livraria Lamarca. Era um convite para uma palestra (ou “bate-papo”, como dizia no cartaz virtual) com uma ciclista. Peguei meu caderninho e fui ao evento⁴¹, que ocorreu no dia 02 de dezembro de 2018 e cujo ambiente, repleto de livros, plantas, bicicletas e mesas de bar, proporcionou um tom intimista ao encontro.

Anastasia, a convidada da noite, apresentou-se como letróloga, produtora cultural e ciclista urbana. Essa última descrição nos faz pensar em uma mulher que usa a *bike* como meio de transporte. A conversa foi iniciada em tom dramático, pois Anastasia expôs sua relação com o trânsito e narrou o fatídico acidente que lhe deixara na condição de PCD, como se denominou (pessoa com deficiência física). Sim, a ausência da perna direita era notória, de onde, contudo, percebi que desviava o olhar, pois me parecia que, se eu ficasse olhando, a intimidaria: o corpo era dela e eu não poderia transgredi-lo, mirando-o fixamente, pensei no instante.

O acidente ocorrera por imprudência de um motorista, afirmava ela, que, no momento do acidente, trafegava pela ciclofaixa lateral esquerda da Av. Antônio Sales, que tem sentido único (Bairro de Fátima-Aldeota) e é constituída de duas faixas livres para trânsito motorizado e uma terceira faixa mais à direita de uso exclusivo para transportes coletivos. Um carro vinha à sua direita, e, na faixa do meio, trafegava o ônibus que deveria fazer a conversão à esquerda na rua Dona Leopoldina. Para executar a manobra, o motorista do ônibus invadiu a pista à esquerda e, logo em seguida, a faixa onde ciclava Anastasia. Em resumo: o acidente poderia ter sido evitado.

Sobre o acidente, o supervisor da Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania (AMC), Roberto Félix, esclareceu ao representante do jornal O Povo:

⁴¹ As observações realizadas sobre o “bate-papo” foram registradas em caderno de anotações, um instrumento de coleta de dados cuja perspectiva antropológica permite fazer uso da técnica observação participante.

[...] o correto seria esperar a ciclista, que estava em sua faixa, atravessar o cruzamento. “A preferência é do ciclista, o ônibus que ia fazer essa conversão à esquerda teria que aguardar o ciclista atravessar o cruzamento para, então, entrar”, diz. (O POVO, 2018).

Diante dessas questões e por mais que, durante a narrativa de Anastasia, os presentes esperassem indignação da moça, ela demonstrou *desterritorialização*: estava sendo solidária com motorista. A justificativa da ciclista urbana, reterritorializando novas produções de subjetividade (isto é, sendo diferente do geral ou senso comum), era que o motorista era um trabalhador explorado pelo sistema econômico capital, representado pela empresa que não o capacita, mal o remunera e produz condições de estresse e subalternidade perante o exercício de seu poder de pessoa jurídica contratante. “Ônibus oferece serviço público de risco que não oferece treinamento aos funcionários”, dizia Anastasia produzindo um ato de fala solidário enquanto eu aprendia ouvindo!

Além dessa narrativa (comovente para mim⁴²), ouvi e anotei outros atos de fala, tanto vindo da parte dela como de demais interlocutores. Anotei-os sem capturar todos os nomes das/dos interlocutores, empreendimento que se tornou difícil quando os turnos de fala foram sendo permutados com mais dinamicidade e, às vezes, até concomitantemente. Enumerarei os atos para melhor relacioná-los. Indico apenas alguns nomes (femininos, claro, que me chamaram a atenção) entre parênteses.

1. O maior sempre tem que proteger o menor.
2. Tem muito preconceito com ciclista.
3. Sai do meio, seu lascado.
4. Bicicleta é meio de transporte barato.
5. Vi um cara de moto gritando com uma mulher ciclista.
6. Os caras fecham o vidro achando que a gente é ladrão.
7. Se um ciclista passando um carro é problema, imagina quando a ciclista é uma mulher.
8. Eles ficam doido, querendo ultrapassar.
9. São poucos que se afastam para ciclistas.
10. Há preconceito de classe por conta do tipo de *bikes*.
11. Eles tentam competir com a gente (Diomira, do coletivo de mulheres ciclistas *Ciclanas*).
12. Cicloativismo também é ocupar a faixa inteira (Maurilia, do *Pedalzinho das Mina*).
13. Educação para o trânsito é garantia para o ciclista (Anastasia).

⁴² Durante as falas, foram lembrados os casos outros dois ciclistas que sofreram acidentes, recentemente, Nathália e John. Foram meio-palavras acompanhadas de pesar e silêncio, o que me fez não anotar a respeito.

Para lembrar, um ato de fala (AUSTIN, 1990) é dito e pode se performar de diversas formas, e o contexto ajuda a percebê-lo. Assim, uma frase que simplesmente poderia ser uma afirmativa, pode se tornar uma ameaça ou aviso (“Chego já em casa.”, por exemplo: constatação, aviso ou ameaça?). Aliado às palavras-mundo (FREIRE, 1987), selecionei os atos destacados anteriormente, conforme relações entre si e, ao final, apresentarei como eles são constitutivos de formas específicas de vida (WITTGENSTEIN, 2017), a estilização (BUTLER, 2018b; PINTO, 2007) de homens e de mulheres e a partir de sua relação com a *bike*, a produção de diferentes enunciados maquínicos e coletivos de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 2011 a/b).

É com os estoicos, na elaboração de uma filosofia da linguagem, que ocorre a distinção entre *corpo* e atos *incorpóreos*, estando o primeiro relacionado a um conteúdo e a uma formalização própria: mão-ferramenta. Já os segundos estão relacionados ao enunciado: rosto-linguagem. O fato é que, para os pensadores do *acontecimento*, as transformações e atributos incorpóreos estão relacionados às transformações do próprio corpo. Isso não implica na representação de estados de coisa pela linguagem, porque de algum modo intervimos no mundo, nos corpos ou no estado de coisas, por meio dos enunciados, esclarecem Deleuze e Guattari (2011b). Os autores elucidam mais profundamente:

Se os atributos não corpóreos são ditos acerca dos corpos, se podemos distinguir o expresso incorpóreo “avermelhar” e a qualidade corpórea “vermelha” etc, é então por uma razão bem diferente do que a da representação. Não se pode nem mesmo dizer que o corpo, ou o estado de coisas, seja o “referente” do signo. Expressando o atributo não corpóreo, e simultaneamente atribuindo-o ao corpo, não representamos, não referimos, *intervimos* de algum modo, e isto é um ato de linguagem. (DELEUZE; GUATTARI, 2011b, 28-29).

Intervindo, atos de linguagem antecipam, retrocedem, retardam ou precipitam, destacam ou reúnem, recortam os corpos de algum modo. Assim, são constituídos os agenciamentos de enunciação, intervindo nos corpos, no estado de coisas (DELEUZE; GUATTARI, 2011b).

A teoria dos *atos de fala* de Austin (1990), a despeito de suas múltiplas leituras e de outros esforços para classificar os *atos ilocucionários* (a partir de verbos performativos ou famílias), permite-nos pensar para além da linguagem como *constativa*, mas como *performativa*. Consideremos para esse momento o seguinte:

Teóricos dos atos de fala procuram compreender o fato de que falar do mundo 'lá fora' necessariamente acarretará não só proposições a serem avaliadas em termos veritativos, como também algo a mais: intenções comunicativas. A significação das nossas palavras deve assim depender não só daquilo que dizemos, mas também do que nós somos e do que esperamos que os nossos interlocutores saibam. (ROSALDO, 1982 *apud* RAJAGOPALAN, 2010, p. 52).

Então, importa ressaltar que, para os estudiosos dos *atos de fala*, sempre que falamos algo estamos atuando sobre o mundo, dizendo quem somos e o que queremos. Segundo essa concepção, ao utilizar a linguagem, realizamos ações no mundo social, desta forma, significado e ação estão diretamente relacionados, pois, utilizando a linguagem, fazemos coisas no mundo, intervimos sobre corpos e estados de coisas. Consequentemente, tais ações são produtoras de *efeitos* de significado, que, por sua vez, são chamados *atos perlocucionários*. Quando empregada, então, em contextos específicos, a linguagem “performa” ações e projeta significados. Deste modo, algumas palavras, ao serem repetidas, podem ser performativas não simplesmente por relatarem algo, mas por realizarem ações específicas. (AUSTIN, 1990).

Assim é que se diz que Austin (1990) e Wittgenstein (2017) – e sua concepção de discurso como formas de vida – aproximam-se, isto é, quando se referem sobre a forma como, a partir de que discursos e práticas de grupos sociais, criam-se identidades e se ressignificam as práticas (ALENCAR, 2014a). Se a pragmática de Wittgenstein (2017) nos *impulsiona a imaginar os jogos de linguagem como forma de vida*, Austin (1990) nos *convida a dar um passeio* – sem esquecer os tropeções – pela linguagem, observando que *dizer também é fazer*.

A estratificação que faremos agora não esgota as possibilidades de relacionar os atos de fala apresentados anteriormente, explicita apenas um modo pelo qual podemos organizá-los em defesa de um posicionamento político específico, de construir um enquadramento que garanta o que propomos nesse trabalho, que é levantar notas para a construção de um argumento sobre um corpo político ou produção de jogos de linguagem de ciclistas como forma de vida, em específico de mulheres.

Voltemos aos atos do bate-papo. Primeiramente, a partir dos extratores 2, 3, 4, 6 e 10 percebemos como as falas de ciclistas conferem um pensamento comum, qual seja: de que, no mundo do trânsito urbano, há **preconceito** com ciclistas. Em 2

e 4, a categorização se estreita para a diferença entre **modais** (bicicleta-carro); já em 3, 6 e 10, o preconceito se estende para o preconceito de **classe**.

Em 10, há a relação de diferença entre ciclistas de *bikes* diferentes com relação a estilo e valores: há bicicletas novas que podem ser compradas com preços a partir de por R\$ 300,00, um terço do salário mínimo, enquanto os modelos medianos custam um pouco mais que um salário mínimo (a partir de R\$ 1.050). Há um mercado novo, hoje em dia, que é o de comprar *kits* separadamente, assim, é possível montar sua própria bicicleta e compor um exemplar que pode chegar a valer R\$ 100.000,00. Um amigo meu, professor, chegou a avaliar a sua própria bicicleta em R\$ 70.000,00.

O *preconceito social* pode ser visto como um isolamento ou segregação que se configura na linguagem, nos corpos e nas cidades. Se observarmos atentamente, semioses de medo e violência são construídos na transposição de muros de casas (nas cidades), nos vidros fechados dos carros, nas expressões e gestos das pessoas (na linguagem). Segundo Caldeira (2000), a violência e o medo estão relacionados a processos de mudança social nas cidades contemporâneas e podem produzir formas de segregação espacial e discriminação social.

Tais questões nos levam aos atos de fala 8 e 11. Ser ultrapassado por um ciclista nos multiplicou a ideia de que há uma competição natural no trânsito, de quem corre mais, quem acelera mais. Nessa busca desenfreada de **poder**, parece-nos, as relações se desgastam, há perdas.

O ritmo que vem irrompendo nas grandes cidades pode ser compreendido como consequência da economia do trabalho explorado e que repercute em outras cadeias de relações, gerando hierarquias e poderes. Se um trabalhador precisa chegar em tempo ao seu trabalho, ele é oprimido pelo sistema capital-patrão. Assim, ele pode ver em outras formas de vida menos “perigosas” uma oportunidade de oprimir, de expor seu poder a outrem. O *poder*, na linguagem, “opera por meio de estratificação, pelo processo não igualitário de construção de camadas e pela ordenação de uma ordem social e cultural desejada: uma ordem de indexicalidade” (BLOOMAERT, 2014, p. 76). Os atos aqui estratificados sob a palavra-mundo *poder* encontram sua indexicalidade, sua referência, na realidade das ruas, a compensação de ciclistas-motoristas, homens-mulheres.

Já a compensação de gênero binário, homem-mulher, nos levará aos atos de fala 5 e 7. Assim como o capitalismo é uma forma de constituição de poderes, o **patriarcado** também o é. Este deve anteceder aquele, pois práticas de invisibilização

da mulher, pela força física, pelo poder econômico, já existem há muito tempo e em muitas culturas. As ações de gritar com uma mulher no trânsito ou ofender-se porque uma mulher o ultrapassou refletem o desequilíbrio que corpos-agentes da cultura patriarcal não deseja que se desfaça.

O patriarcado é um sistema social, político e econômico, no qual os homens controlam, individual e coletivamente, o trabalho, o corpo e a sexualidade das mulheres. [...] Este sistema consagra o poder masculino, engendra violências e exclusões, e imprime ao capitalismo atual um viés extremamente sexista. Assim, capitalismo e patriarcado se alimentam reciprocamente e se fortalecem mutuamente para manter a grande maioria das mulheres em uma situação de inferioridade cultural, desvalorização social, desigualdade econômica, invisibilidade de sua existência e de seu trabalho, mercantilização de seus corpos (SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA, 2013)

Nos atos de fala 1 e 9, aborda-se a **legalidade** no que concerne à proteção, ao cuidado no trânsito. Os **cuidados** com a vida no trânsito deveriam funcionar independentemente de modal, classe ou gênero. No entanto, há um regime de leis que asseguram proteger o “menor”, o ciclista (como no ato 1), ou “afastar-se” para garantir sua segurança (no ato 9). A primeira está prevista pelo artigo 29, §2º, da Lei 9.503/97 que institui o Código de Trânsito Brasileiro – CTB (BRASIL, 1997) e que retoma o que o ato de fala 1 pressupõe:

Respeitadas as normas de circulação e conduta estabelecidas neste artigo, em ordem decrescente, os veículos de maior porte serão sempre responsáveis pela segurança dos menores, os motorizados pelos não motorizados e, juntos, pela incolumidade dos pedestres (BRASIL, 1997).

A segunda, constitutiva do ato de fala 9, diz respeito ao conhecido ordinariamente por ciclistas como o “metro e meio”, ou seja, uma distância mínima e segura ao ultrapassar ciclista. Seu não cumprimento pelo condutor de veículo motorizado constitui infração, penalizada com multa, conforme está regido no artigo 201, do CTB: “Deixar de guardar a distância lateral de um metro e cinquenta centímetros ao passar ou ultrapassar bicicleta: Infração - média; Penalidade – multa” (BRASIL, 1997). Talvez, esses sejam os dois artigos do CTB mais conhecidos por ciclistas porque dizem respeito diretamente à sua segurança e ao cuidado consigo e com o outro.

Como percebemos até agora, é ainda possível relacionar as questões de classe, poder, preconceito, patriarcado, capitalismo, relações sociais, cuidado e

proteção, como territórios conhecidos por ciclistas, havendo ainda a diferença de gênero, aí imbricada. Os dois últimos atos, 12 e 13, relacionam-se a uma postura **política**, um modo de estar nas ruas, sobretudo um modo de ser mulheres e ciclistas. O primeiro constitui uma performance de resistência aos modos tradicionais de ciclar: ao invés de ser (uma mulher) sozinha, sermos (mulheres em) grupo, um corpo só, político, uma máquina-revolucionária, *ocupando a faixa inteira*, constituindo forma de vida latente e potente, como fazem as mulheres do Pedalzinho das Mina e do Ciclanas (outro grupo representado no “bate-papo”).

Assim, resistindo à máquina de guerra-capitalista, mulheres ciclistas produzem subjetividades, produzem uma ética-estética para si no trânsito, criam novos mundos, constroem territórios para sua visibilidade, para seus corpos-políticos, seus corpos femininos e não femininos, seus corpos pretos, seus corpos da favela.

Finalmente, o que dizer do ato 13, enunciado performado pela Anastasia como fala de conclusão do bate-papo? “Ser político” é ser contagiante: uma cidade política, uma cidade educativa, uma cidade feita por todos, para homens e para as mulheres.

4.1 CICLOATIVISMO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

O cicloativismo é uma atividade que vem ganhando destaque nas cidades, a exemplo de Fortaleza, e estimula a popularização da bicicleta no espaço urbano. O agrupamento de ciclistas se deu por volta do final do século XIX e início do século XX. Já no Brasil, aponta-se um crescimento de venda de bicicletas na década de 1980, em ocasião das práticas esportivas e do uso das *mountain bikes* (MTB), conferindo aos anos 1990, sobretudo em São Paulo, atividades relacionadas ao cicloativismo, de acordo com o que nos conta Gisele Xavier (online).

O investimento dos poderes estadual e municipal realizado desde a década de 1990 em Fortaleza, voltado para obras relacionadas à mobilidade urbana, tais como a criação de grandes viadutos, rodovias, a ampliação de ruas e a pequena estrutura de estímulo à prática de ciclismo, está relacionado a recomendações de financiadores internacionais, a exemplo do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento, e é justificado por uma agenda de “inserção da cidade no circuito internacional de turismo”, como afirmam o pesquisador Irapuan P. Lima Filho e a pesquisadora Giovana Rebouças (2019, p. 20).

Esse ato de inserção da cidade em *um circuito internacional de turismo* constitui um ato político, já que é norteado por uma política estatal cuja pauta é domesticada por órgãos de desenvolvimento internacional. Constitui ainda um colaborador para a especulação imobiliária, uma prática decorrente do capitalismo e muito comum na contemporaneidade que consiste na aquisição de bens imobiliários e espaços urbanos que são posteriormente vendidos por altos valores. Além da capitalização do solo, outros efeitos da especulação imobiliária são apontados por Pena (2019): aumento do preço do solo, formação de bairros especializados ou socialmente diferenciados entre si, concentração de lotes vagos, crescimento horizontal das cidades e, o pior, segregação socioespacial ou urbana.

Os efeitos podem ser relacionados como “efeito dominó”, um leva ao outro. O impacto disso na circulação de pessoas, em diferentes modais de transporte, gera riscos, medo e violência. A impressão que motoristas de veículos maiores têm de quem guia um veículo menor, como bicicleta e moto, é de que são sujeitos pobres e, conseqüentemente, violentos, como observamos nos atos de linguagem anteriormente indicados. Em outras palavras, há uma visão estereotipada de quem usa meios de transporte mais baratos (exceto quando a bicicleta ou a moto tem o aspecto de que vale mais que um carro popular, como sugere outro ato), configurando, portanto, preconceito e segregação.

Um exemplo de que as cidades são planejadas veloz e erroneamente, ignorando uma inclusão de fato dos modais de tração humana, como a bicicleta, são as instalações das ciclovias, que não são pensadas para preservar o pouco do verde nas avenidas e ruas, além de pôr em risco a vida de seus usuários. É o caso mais recente da “ciclovía do poste” ou do “Sr. Poste”, pois, conforme exibido na imagem a seguir, havia um poste na ciclovía da avenida Aguanambi, no cruzamento com a rua Mestre Rosa, no bairro José Bonifácio, de Fortaleza. Nas redes sociais, era possível acompanhar grupos de pedais e ciclistas reclamando do mau planejamento do poder público, cuja obra, além de não ser funcional, ainda gerou conflitos entre ciclistas, pedestres e motoristas. Vejamos a disposição das vias de acesso aos três modais:

Figura 16 – Sr. Poste na ciclovia da avenida Aguanambi



Fonte: Mauri Melo/O Povo (2019).

A faixa para pedestre é a mesma para ciclistas. Notemos as faixas brancas, destinadas a pedestres, sobreposta pela vermelha. Isso é comum nas vias públicas e exige, de ciclistas (e outros modais), cuidado com o pedestre. Por outro lado, ao desviar do poste, ciclistas se submetem aos cuidados de condutores(as) de veículos motorizados. Em contrapartida, esse evento mobilizou a comunidade na realização de saraus e rodas de conversa nas proximidades do poste, em local mais seguro para tanto, na produção de vídeo, na criação de “memes”, entre outros jogos de linguagem, com o intuito de dar visibilidade ao problema até que chegasse ao conhecimento das autoridades competentes, a prefeitura e a empresa de energia, para que tomassem as providências necessárias.

Essa avenida passou por um processo de reforma (2018-2019) que consistiu em instalar faixas exclusivas para ônibus à esquerda, com paradas no mesmo lado (apesar de ainda manter paradas de ônibus à direita), três faixas centrais e uma ciclovia à direita, beirando a calçada ou mesclando-se a ela (semelhantemente ao que se demonstra na imagem adiante). Isso nos remete a mais outro embate, agora, demonstrativo pela linguagem.

Uma forma inventiva de linguagem hoje em dia são os “memes”, jogos de linguagem plenos de humor veiculados pela internet que chamam atenção a alguns problemas da realidade, sejam temas banais, sejam temas de maior relevância. O “meme” que destacamos nos fará produzir um agenciamento coletivo de enunciação que estiliza uma postura egoísta hegemônica, produto da máquina capitalismo, e que é, pela produção de sentido do “meme”, reinventiva de sentidos. Experimentemos:

Figura 17 – “Meme” A maldição da bicicleta



Fonte: Ciclovida Fortaleza (2018).

A partir do jogo de linguagem “meme”, um ato constativo se tornaria inválido. Primeiro, há um ato de execração: o motorista do veículo automotor particular rechaça outros modais de transporte: a bicicleta e o ônibus público. Segundo, fica evidente que o ato constativo de que esses dois modais ocupam mais espaço no trânsito do que o veículo que ele dirige é uma inverdade. Sabemos disso não somente pelo demonstrativo na imagem, mas porque nosso conhecimento de mundo – que antecede a leitura da palavra-imagem (FREIRE, 1987) – deixa-nos incrédulos com relação a essa proposição. O que nos leva a produzir, sob o efeito performático do “meme”, a ideia de que o “meme” em questão se constitui como uma crítica às formas de vida do mundo moderno, produtos do capitalismo.

Há não somente o tom inventivo de quem produziu o “meme” (autoria desconhecida), mas um saber metalinguístico de quem publicou o “meme” no *Instagram*, aplicativo virtual de comunicação e informação, cuja veiculação ocorre através da internet e é acessado via aparelho móvel de comunicação, *tablets* ou computadores. Nessa plataforma, nossos interlocutores diretos são os membros da Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza – CICLOVIDA, cuja diretoria e cujos membros encarregados pela comunicação com o público nas redes sociais usam o perfil @ciclovidafortaleza. Abaixo do “meme”, nossos interlocutores escrevem a seguinte legenda:

Figura 18 – Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza – CICLOVIDA



Fonte: Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza (2018).

O estímulo à produção de uma pauta coletiva por meio da criação e mobilização de uma associação potencializa a formação de um diálogo entre ciclistas, poder público e sociedade. O perfil @minasbikes, que dialoga com a associação (ver Figura 18), é a conta de um homem natural de Minas Gerais, proprietário de loja de bicicletas, por isso o nome “minas bikes”. Conhecemo-nos pelas redes sociais virtuais quando eu procurava uma bicicleta para comprar e nos encontramos algumas vezes em reuniões mobilizadas pela Associação Ciclovida com o poder público. Notemos o interesse dele em participar da pauta de cicloativismo, como representante da iniciativa privada, manifestado com o ato de fala: “gostaria de participar”. Assim como falou, fez!

A despeito das políticas públicas e governamentais sobre a prática de mobilidade urbana com modal bicicleta, há um crescente movimento em rede, ou rizoma, de atividades desenvolvidas por grupos de ciclistas no Brasil e no mundo. Acompanhei alguns deles pelas redes sociais, na internet, e, em seguida, elenquei uma série de grupos de Fortaleza, suas rotinas de ciclismo e algumas especificidades.

Quadro 2: Grupos de ciclismo em Fortaleza

Nome do grupo	Forma de organização	Dias do pedal	Local de encontro	Gênero	Observações (ritmo)
Pedalzinho das Mina	Autogerido	Último domingo do mês	Praça da Gentilândia	Feminino	Passeio de ritmo leve, aulas, rodas de conversa.
Ciclanas	Autogerido	*	*	Feminino	Passeio de ritmo leve, aulas, rodas de conversa.
Velodelas	Autogerido	*	*	Feminino	Passeio de ritmo leve a moderado.
Katrakas Matrakas	Algumas atividades são coordenadas por mulheres, outras são submetidas à coordenação do grupo maior	Terça e quinta	Polo do Bairro Conjunto Ceará	Feminino, subgrupo de um grupo misto	Passeio de ritmo moderado, subgrupo do C. C.Bikes
C. C. Bikes	Proprietário de loja	Terça e quinta (noturno) e domingo (diurno)	Polo do Bairro Conjunto Ceará	Misto	Patrocinado por outras lojas
Pedal Benfica	*	Vários dias	Praça da Gentilândia, bairro Benfica	Misto	Patrocinado
Pedal Bike na Veia	*	Segunda e quarta	Park del sol, Park Açaí, Bairro Parque Iracema	Misto	Passeio de ritmo moderado, Patrocinado
Pedal Aventura	*	Sexta	Praça da Polícia, Bairro Maraponga	Misto	Patrocinado
Pedal FJ Ciclo	Proprietário da FJ Ciclo	Terça e quinta	Loja FJ Ciclo, Bairro Henrique Jorge	Misto	Patrocinado
Pedal Livre	*	Segunda	Academia JR Lutas, Bairro José Walter	Misto	Passeios de ritmo leve e moderado.
Pedal da Vila	*	*	Praça da Coelce, Bairro Vila Pery	Misto	Passeio de ritmo leve.
Amigos pela bike	*	Segunda	Igreja Redonda Bairro Parquelândia	Misto	Passeio de ritmo leve.
Confraria Bike	*	Segunda	Praça Central, Bairro Cidade Dois Mil	Misto	Passeio de ritmo leve.
Bike Club	*	Segunda	Praça Central, Bairro Cidade Dois Mil	Misto	Passeio de ritmo intermediário (50km/h).

Anonymous Bike	Segunda	Segunda	Praça do Varandão, Bairro Maraponga	Misto	Passeio de ritmo leve.
Equipe pé de pano	*	Segunda, quarta e sexta	Puro Açaí, sem informação de bairro	Misto	Passeio de ritmo leve.
Fênix	Proprietário de loja	Segunda	Praça Ari de Sá, Bairro Parque Araxá	Misto	Passeio de ritmo moderado.
Monster Bike	*	Segunda (leve) e quarta (moderado)	Center Box, Coronel de Carvalho, Bairro Barra do Ceará	Misto	Passeios de ritmo leve e moderado.
Ciclistas Sem Rumo	*	Sexta	Praça José Jatahy, Bairro Benfica	Misto	Passeios de ritmo leve e moderado. Um dos parceiros é o Minas Bike.

* Informação não obtida; as informações sobre os dias podem variar.

Fonte: Elaborado pela autora.

Importante dizer que o registro dos pedais foi realizado a partir de conexões, um grupo levava a outro, assim, passei a adicioná-los e acompanhá-los por meio das redes sociais. Esse mapa nos permite uma visão superficial, ainda, sobre algumas questões que ponderaremos.

A primeira delas é que não encontramos grupos exclusivamente masculinos, apesar de saber da existência de alguns ao pedalar por bairros como Aldeota. Os grupos exclusivamente femininos estão parados, exceto o *Katrakas Matrakas*, que é um subgrupo do *C. C. Bikes*, grupo no qual eles e elas pedalam juntos.

A segunda questão é que alguns grupos mistos são coordenados por proprietários de lojas de bicicleta ou recebem apoio de patrocinadores, mantendo um circuito de atividades semanais mais intenso. Durante a semana, os pedais ocorrem, geralmente, a partir das 19h; aos finais de semana, os horários variam, mas prevalecem os diurnos. Os femininos não demonstram preocupação com apoio financeiro, exceto o *Katrakas Matrakas* que, como dito, é um subgrupo de um grupo misto.

Terceira questão concerne aos os grupos patrocinados e/ou organizados por proprietários de lojas de bicicleta, que recebem dicas de cuidado com equipamentos de segurança, cobram uma taxa e oferecem, além de uma pulseira de participação, aluguel de *bikes*, carro de apoio, sorteio de brindes e dentre outros serviços.

Finalmente, entre outras questões que deixaremos para uma outra oportunidade, a maioria dos grupos fazem passeios temáticos, padronizam roupas (exceto os grupos exclusivamente femininos), estimulam aspectos de saúde, prevenção e autoestima, como mostra a figura a seguir.

Figura 19 – Cuidados e segurança no pedal



Fonte: C. C. Bikes (2019).

A partir desse mapa, da figura e das observações colocadas, questionamos: 1. O cicloativismo vem, com a popularização das bicicletas, promovendo uma estilização dos corpos e formas de vida, posto que padronizam roupas e cuidados com o corpo? 2. Isso constituiria produção de identidades em vez de subjetividades? 3. Os grupos que recebem apoio de patrocinadores e/ou são coordenados por proprietários de loja de ciclismo constituem grupos que encontraram, a partir das formas de vida capitalistas, um modo de sobrevivência? 4. A pausa dos pedais exclusivamente femininos, como o *Pedalzinho das Mina*, pode estar em uma crise produzida pelo capitalismo, tendo em vista a autogestão e o compromisso com as subjetividades (não padronização) das minas?

Em diálogo com uma das ciclistas que pensou o *Pedalzinho das Mina*, ela abordou que uma das crises foi a articulação do grupo no que concerne à política de autogestão, pois estaria sendo difícil articular o grupo sem uma pessoa à frente. Assim

Doroteia atribui a um propósito do grupo de se assumir mais político. Disse: “não tem como se colocar no mundo sendo corpo apolítico” e continua:

[...] eu leio que a questão de classe é intrínseca às pessoas. Se... eu sei que sou pobre, ando numa bicicletinha de ferro e tal. Os grupos que eu vou participar obviamente eu vou pensar nas pessoas que são como eu. Que não vão tá comprando roupa especial, que moram na Parangaba, não é legal um pedal na Água Fria e aí outros grupos que se organizaram a partir de pessoas de outras classes, eu não sei se é por maldade, mas, às vezes, falta essa questão da inclusivi... ser inclusivo, né, de pensar naqueles que pedalam também, mas não são como eles. E aí eu me faço muito essa pergunta assim: se é uma decisão ser excludente ou se é falta de noção. Se é falta de visão de mundo mesmo. De entender que o ser ciclista não é só esse ser que surgiu nos últimos anos que pedala porque é saudável, que é sustentável, porque vai salvar o meio ambiente. (ARAUJO, 2019).

Grupos da periferia, a exemplo do *CC Bikes* e o *Monster Bike*, por estarem performando um grupo com roupas padronizadas, participando de outras formas da maquinaria do patrocínio capital, poderiam ser considerados como constituintes de formas de conviver no capitalismo ou estariam sendo alvos de produção de subjetividades capitalistas? Acerca da indagação, durante o diálogo com Doroteia, eu produzo a seguinte reflexão:

Assim, eu acho que é louvável quando ele coloca essas questões de desenvolver, estimular o ciclismo como uma prática mais saudável, menos poluente e tudo o mais... é... eu vejo assim um outro tipo de resistência. É um resistente ainda do trabalhador: não é aquele que está numa classe alta, mas já não é aquele, digamos, subalterno. [...] Ele já se vê num, né... aí, fico me perguntando será que ele faz isso com certa criticidade ou se faz isso apenas pra se manter nesse jogo que gera desumanidades, né?!

E a ciclista Doroteia complementa:

É. Tu falou, agora eu lembrei da ascensão da classe média mesmo, como se deu aqui no Brasil, né. Porque muita gente conseguiu ascender, mas ascendeu numa visão meritocrata, numa visão empreendedora [...] É uma classe média que ascendeu mas sem uma consciência de classe, querendo se separar do trabalhador e não se vê como um trabalhador que ascendeu.

“Empreendedorismo social”, “protagonismo”, “capital social”, “vulnerabilidade social”, “resiliência”, dentre outras expressões, dão o tom de um discurso de “sociedade” homogeneizada e homogeneizadora (SOUZA, 2009). Assim

como há máquinas-socioeconômicas que produzem subjetividades capitalistas, há máquinas-revolucionárias que produzem subjetividades políticas.

4.2 CICLOFEMINISMO, POLÍTICA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

O feminismo surge como um movimento político, haja vista que a despeito da relação binária sobre o gênero, o sexo é político. Para Alves e Pitanguy (1981), o feminismo rompe estruturas tradicionais que sustentam as relações de modo assimétrico. O movimento rompe com a noção discursiva de objetividade e neutralidade como características inatas do sexo masculino, pois identificam sistemas de hierarquização entre homens e mulheres. “Dessa forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública. (ALVES; PITANGUY, 1981, p. 8). Dessa forma, a partir dos anos 1960, o feminismo vai incorporando outras frentes (trabalhistas e civis, além da política), questionando a sujeição e a naturalização do discurso de que mulher é inferior, frágil, sempre agenciada por fatores biológicos (ALVES; PITANGUY, 1981).

O ciclofeminismo pode ser percebido como uma das várias linhas de multiplicidade do feminismo, uma vez que se produz pelo ativismo de mulheres em torno da autonomia e voz femininas, como menciona Sheryda Lopes (2016), membro do grupo de ciclistas Ciclanas, jornalista e escritora do *site* Vá de Bike. Ela tece essa história: em um grupo no Facebook, um ciclista homem sugeriu, como atividade comemorativa ao 8 de março de 2015, a distribuição de flores e cartões a mulheres em uma certa ciclofaixa de Fortaleza. Algumas mulheres que participavam das discussões nos comentários discordaram e “mesmo explicando as razões políticas da data, as mulheres que disseram não à iniciativa foram hostilizadas por membros do grupo que não compreendiam suas razões” (LOPES, 2016). Essas mulheres decidiram, então, criar um grupo fechado para que pudessem abordar temas de seu interesse sem serem rechaçadas. Foi aí que surgiu o Ciclanas.

No ato do dia 8 de março, a convite da Associação dos Ciclistas Urbanos de Fortaleza – CICLOVIDA, as Ciclanas realizaram uma roda de conversa com outras mulheres que tinham interesse em pautas sobre ciclofeminismo, luta contra assédio, machismo, dentre outras (LOPES, 2016, online).

Assim nascia o movimento de mulheres ciclistas. Um ano depois, surgia também o Pedalzinhas das Minas e suas ações congregavam pedais, aulas de ciclismo para mulheres, rodas de conversa e seminários. As influências não pararam, nem iniciaram aí. Grupos ciclofeministas afetam outras iniciativas, que afetam outras, conectam-se, em rede, por similaridades de temáticas e atividades:

(J)á existe o Ciclanas Blumenau, inspirado na experiência em Fortaleza, e durante o I Fórum Nordeste da Bicicleta realizado em Recife, no ano passado, um debate com a presença do grupo provocou reuniões com outras mulheres nordestinas, que já começam a se articular em suas cidades. Lembrando ainda que essa não é a primeira experiência feminista que envolve o ciclismo: em São Paulo, por exemplo, o coletivo Pedalinas iniciou suas atividades em 2009. (LOPES, 2016).

Agenciamentos políticos são produzidos pelos grupos ciclofeministas e constituem condição para a liberdade. Mulheres e homens são sujeitos historicamente situados, em cuja luta para manterem vivas suas histórias, no caso das mulheres por exemplo, torna-se fulcral o reconhecimento de seus corpos com as propriedades as quais reivindicam: a liberdade, o desejo, a existência e a visibilidade (não objetificada, claro). Esses direitos foram/são historicamente minados por uma máquina-cultural-machista. Mulheres, mulheres pobres, mulheres pretas, mulheres indígenas, mulheres ciclistas, as muitas multiplicidades de mulher reivindicam uma anticultura, necessária, politicamente engajada. Nesse sentido, e colaborando com a pauta feminista de Alves e Pitanguy (1981) sobre sexo e política, Paulo Freire (2001) multiplica os sentidos da luta que se performa política, uma luta de poder, uma luta por liberdade, uma luta de corpos que são oprimidos contra corpos que oprimem e lutam para manter esse *status*:

Sem a luta política, que é a luta pelo poder, essas condições necessárias não se criam. E sem as condições necessárias à liberdade, sem a qual o ser humano se imobiliza, é privilégio da minoria dominante quando deve ser apanágio seu. Faz parte ainda e necessariamente da natureza humana que tenhamos nos tornado este corpo consciente que estamos sendo. Este corpo em cuja prática com outros corpos e contra outros corpos, na experiência social, se tornou capaz de produzir socialmente a linguagem, de mudar a qualidade da curiosidade que, tendo nascido com a vida, se aprimora e se aprofunda com a existência humana. (FREIRE, 2001, p. 8).

Para pensar o gênero feminino como corpo político, precisamos falar de seus múltiplos feminismos e seu lugar de fala (RIBEIRO, 2017). Historicamente, o gênero feminino foi marcado, principalmente pelas teorias freudianas, pela *ausência*,

no corpo, de atributos do “masculino-heterossexual-branco”. Em termos de agenciamento, o gênero, fixo, binário, reflete o que Butler enunciou como “estilização repetida do corpo” (BUTLER, 2018b). A autora menciona que, nas proposições de Foucault, as distinções do gênero advêm de *prática reguladora* e sobre ações punitivas àquele que desobedece às “leis” de seu gênero: as linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2011a).

Djamila Ribeiro (2017) apresenta uma discussão muito relevante, a do espaço ou *lugar de fala* de mulheres negras no Brasil, como sujeitos da opressão em um país que respira herança racista, patriarcal e heterossexual, um discurso autorizado. Rebate ainda a “crítica” que fazem do chamado lugar de fala dos oprimidos e oprimidas:

Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém”, como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade. (RIBEIRO, 2017, p. 92).

O discurso de ninguém, neutro, é um discurso autorizado pelas “doxas” normativas da sociedade. Todos nós temos um lugar de fala, uma certa geografia, constituída pelo que nossos corpos denunciam e nossas palavras intervêm. Dessa forma, as *representações de gênero* homem-mulher, estão situados na linguagem do cotidiano. *Estilizações de gênero em discurso* consistem em uma perspectiva teórica que radicaliza as noções de performatividade austiniana. Joana Plaza Pinto (2007, 2014) tece um diálogo entre as teorias dos atos de fala austiniana, noções de iterabilidade derridiana e estilização de corpo butleriana, relacionando-os às questões de identidade. Para a autora, “uma visão performativa da linguagem deve integrar a complexidade das condições do sujeito que fala, e levar às últimas consequências a identidade entre o dizer e o fazer, insistindo na presença do ato na linguagem; ato que transforma, opera”. (PINTO, 2007, p. 7).

Pretendo ir além! De modo similar ocorre com as representações que fazemos de usuários e usuárias de modais de transporte: motorista, pedestre, ciclista, de modo que facilmente deslocamos as identidades de um e outro, remetendo à simbiose que aferimos entre a pessoa e o modal. Sobre o tema, usando o exemplo do “estribo”, Deleuze e Guattari (2011b, p. 33) associam a simbiose entre homem e cavalo a um *agenciamento maquínico* Natureza-Sociedade. Assim, pedal,

engendraria uma simbiose entre pessoa e bicicleta, definindo um *agenciamento maquínico* Cultura-Sociedade. Fazendo rizoma, mulheres-ciclistas, ciclofeminismo, engendrariam um agenciamento maquínico político de corpo, Política-Sociedade-feminina. Por que usar o terceiro elemento, “feminino”? Porque, historicamente, a constituição de sociedade se deu pelo viés do objetivo, do neutro, o homem (ALVES; PITANGUY, 1981), assim, o devir mulher constitui o diferente: corpos femininos se distam em devir, o diferente do sujeito-neutro-objetivo, o homem.

A iterabilidade de Derrida (PINTO, 2007) é uma espécie de momento ou envergadura ritualística, repetição, que torna um dado jogo de linguagem inteligível de tal modo, e não de outro, até que novas performances ou novos jogos ou novas formas de vida contornem novas práticas, novos fazeres. Ainda para Butler, se somos capazes de fazer na linguagem, nós também a produzimos, dado que linguagem não é apenas ferramenta, mas sobretudo produção, produzimos significados *a priori* sobre o corpo, sobre a diferença sexual. “O gênero é uma estilização repetida no corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (BUTLER, 2018b, p. 69).

Várias são as forças ou agenciamentos maquínicos e enunciados coletivos de enunciação (DELEUZE; GUATARRI, 2011 a/b,) a policiar a aparência social do gênero (BUTLER, 2018b). Vejamos as duas figuras a seguir:

Figura 20 – Meu corpo, minhas regras



Administrador · 22 de janeiro

Por que o corpo da mulher é sempre sexualizado enquanto o corpo do homem tudo é visto com tanta normalidade? Por que desde o início da vida social, o corpo feminino tem uma função para o outro e não para a própria mulher? Essas e outras questões nós buscamos responder no debate que vai acontecer agora sexta-feira, dia 25/01 às 14:00 na Torrinha da UFC – CH II. Venha, traga suas experiências, seus anseios, suas indagações, mas, sobretudo, vamos juntas descobrir como sermos as donas do nosso próprio corpo.



Fonte: Pedalzinho das Mina (2016).

Figura 21 – Corpo vigiado



Administrador · 2 de janeiro

Nosso corpo é vigiado, comentado, analisado por pessoas conhecidas e desconhecidas a todo momento, como se o único propósito da existência feminina fosse caber dentro de um padrão inventado por sei lá quem e que é nisso que ela deve se empenhar a vida toda.

Por isso nós da Roda de Mulheres convidamos todas vocês para a próxima roda com o tema O CORPO, venham desabafar, compartilhar, conversar sobre conosco na primeira Roda do ano. Será na sexta-feira, dia 04/01, às 14h na Torrinha do CHII na UFC. Aguardamos todas vocês.



Fonte: Pedalzinho das Mina (2016).

Ambas as imagens reverberam inquietações: corpos são vigiados e por quê? O corpo, sobretudo o feminino, é “perseguido” por falas-ato. Tais atos produzem efeito no corpo de tal modo que mulheres constituem tais agenciamentos em seus corpos, pela omissão de serem o que quiserem, devires-livres. Por outro lado, nesses cartazes, há também a potência de se desprender de atos corpóreos punitivos,

violentos e objetificadores (“sexualizado”, “tem uma função para o outro”, “vigilado”, “comentado” etc.) para corpos livres (“sermos donas do nosso próprio corpo”, “desabafar”, “compartilhar”).

As palavras-atos podem constituir modos de violência contra o corpo de mulheres. Silva e Alencar (2014, p. 262) mencionam que “violência na linguagem pode ser vista como algo que não só destrói a significância e a identidade do sujeito, mas também a constitui”. Essa perspectiva em Pragmática Cultural nos cumpre observar os modos de recepção e apropriação dos falantes em torno muito mais do que eles percebem a linguagem como ação que representação (2014a).

Assim, em nossa cartografia, pudemos ainda conversar com um motorista de caminhão-guincho, Marco⁴³. O encontro se deu por ocorrência de um problema que tive com o carro, certa vez. Acionei o reboque, cujo operador conduziu a mim e ao carro até a oficina. Durante o percurso, conversamos sobre diferenças no trânsito. Foi aí que lhe falei da pesquisa com mulheres ciclistas e perguntei se poderia fazer algumas perguntas e gravar nosso diálogo.

Perguntei-lhe, por exemplo, sobre sua percepção relativa a outras pessoas que dirigem no trânsito, em modais distintos, se há diferença no modo de conduzir caminhão/carro/bicicleta, “quem chega a ser mais agressivo?”. A esse respeito, deu-se o seguinte diálogo entre nós:

MARCO: [...] Eu acredito que o motorista de carro ele é mais agressivo, porque ele acha que ele pode ser o dono da pista. Ele acha que, porque tem um carro, pode fazer a ultrapassagem que quiser, pode fechar quem ele quiser porque ele acha que tá protegido. E não é bem assim. Cada um deveria ter seu espaço. Né? Saber dos seus limites não só o motorista, não só o ciclista, não só o pedestre. E tem pedestre que se arrisca também na frente dos carros. Ele entra e não quer saber: ele quer que o motorista pare pra ele. E já o motorista já tem seu erro, o motorista tem que parar pro pedestre. [...]

PESQUISADORA: [...] E minha preocupação, assim, é que sou ciclista e também dirijo carro. Então, por exemplo, tomo muito mais cuidado quando estou dirigindo bicicleta, mas o cuidado é comigo, mas quando estou no carro eu sinto que a responsabilidade do cuidado com o outro é maior. Mas, não sei se, se eu não fosse ciclista, se eu teria esse cuidado, entende? Quando você fala, assim, que quando dirige um carro maior ou quando dirige um carro pequeno você tem essa consciência de que são modos de dirigir diferentes.

MARCO: São responsabilidades diferentes, né? [...] Um é maior, o outro é menor. Aqui tô me sentindo o maior, né, que eu tô mais alto que os outros, né? [...] Os carros pequenos passam... Na cabeça do motorista, o do carro pequeno tem que obedecer o maior, né?! Eu tô maior que ele aqui. Por isso

⁴³ Em virtude da preservação da identidade do participante, optamos por chamá-lo de Marco, em alusão a Marco Polo, personagem do livro de Calvino (1990) que é viajante.

que ele tem medo, muitas vezes, os carros pequenos têm medo de um ônibus que vai virando uma esquina... de repente, um caminhão, que ele é maior... ele consegue fazer uma destruição maior também, né?

No diálogo, compartilhamos a percepção de que, quanto maior o veículo, maior é o sentimento de segurança de nossos corpos e mais riscos se oferecem a quem conduz veículos menores. O carro, dentre a escala caminhão/carro/bicicleta, parece oferecer ou estimular sensações de potência superior à da bicicleta por oferecer velocidade maior, mas também incita riscos ao se “confrontar” com um veículo maior em manobras que podem oferecer maior perigo. Essa foi a primeira diferença estabelecida: o tamanho do veículo afeta o comportamento do condutor, quanto maior, mais “potente”.

Aqui, compartilharemos a segunda diferença, retomando a fala de Doroteia que aborda sua relação com a cidade, com a sua família e com o aprendizado do modal bicicleta.

[...] quando eu fiz 10 anos de idade, a minha mãe me deu uma bicicleta, só que aí foi uma briga porque ela queria que eu pedalasse só dentro de casa né [...] e ainda disse assim: é sua e do seu irmão. Meu irmão era três anos mais novo que eu, acho que tinha uns 7, 8 anos, na época [...] aí quando permitiram a gente pedalar na rua de casa, que ainda era uma ruazinha de calçamento e tal, aí eu podia... eles diziam assim "é de cinco em cinco minutos". Aí eu podia dar a volta na rua e quando eu voltava da volta aí diziam: "pronto, entregue pro seu irmão". Aí ele ia até a esquina, dava a volta no quarteirão, aí subia, ia lá num sei aonde, aí voltava [...] me entregava a bicicleta. Aí eu podia dar só uma volta na rua.

Sobre sua infância, sua relação com a família e seu aprendizado com o modal automóvel, Marco nos relata:

Desde os meus onze anos de idade que eu dirijo. A gente morava num interiorzinho aqui, do Maranguape. E meu pai como era gerente da fazenda, a gente tinha mais livre acesso sobre os carros da fazenda, os caminhões os tratores da fazenda. E, desde cedo, a gente foi aprendendo a lidar com os carros, as coisas. E muito cedo também a gente passou a frequentar as cidades e foi ganhando uma responsabilidade maior ainda, né? [...] E nas cidades, tá respeitando o trânsito, conhecer o trânsito, né? Que ninguém nunca conhece também, várias cabeças pensando. É uns achando que tá certo, outros que tá errado achando que tá certo. O trânsito é doideira. Né verdade?

Não consideramos essa questão uma premissa, uma generalidade, mas uma multiplicidade. A diferença que se apresenta aqui é uma diferença relativa ao

gênero: aos homens é proporcionada a liberdade como natural. A mulheres, essa liberdade é condicionada ou não existe. No relato de Doroteia, a família se comporta e educa os filhos distintamente: o menino é livre para transitar em um espaço maior da rua, um trecho maior da cidade, enquanto a menina não pode fazer o mesmo. A cidade, nesse discurso implícito, impõe-lhe riscos, obstáculos, sua liberdade é condicionada pelo gênero, “ela é frágil”. O menino aprende responsabilidades com a cidade, ocupa-a. A menina aprende a ter medos, a voltar quando é mandada, a não explorar a cidade.

PESQUISADORA - Me parece que o trânsito tende a reproduzir outras questões de outros âmbitos da sociedade.

MARCO - É.

PESQUISADORA - Se a gente vê... na política, um querendo ser mais que o outro. Uma igreja querendo ser melhor que as outras... A gente vê essa desigualdade...

MARCO - Praticamente um conjunto, né? Um sempre querendo ser melhor que o outro (Ininteligível).

Diferenças. Desigualdades. Vou pensando nas lutas, no enfrentamento de máquinas, no trânsito, de corpos, em todas as vidas. Sigo com interesse sobre a linguagem, o que nos leva à terceira das diferenças: jogos particulares de uso da linguagem.

PESQUISADORA - E sobre a linguagem, você chegou a notar que as pessoas falam de modo diferente a partir do lugar que elas ocupam na sociedade?

MARCO - Sim. Ocupam... Falam diferente, né. A gente... eu me denomino caminheiro. Caminhoneiro tem sua linguagem própria. Não é linguagem, sua gíria, né? Do dia a dia.

PESQUISADORA - Me fale sobre isso.

MARCO - Os ciclistas já têm outra maneira de conversar... ele... (pausa) no caso, ele sabe... (pausa)

PESQUISADORA - Têm assuntos específicos?

MARCO - É. Têm vários assuntos específicos. Tem sua gíria do dia a dia, né? Cada qual tem uma maneira diferente de conversar, né?

PESQUISADORA - Pode me dar exemplo de alguma gíria de caminhoneiro?

MARCO - A gente fica brincando, né? Agora não, que na outra empresa que eu trabalhava a gente ficava brincando no *WhatsApp*, né? Ficava mandando

mensagem uns pros outros: “Tá por onde?”, (mudando o tom da fala, como se fosse uma “X”); “Tô por cá” (continua o jogo de vozes, como uma pessoa “Y”). “No momento, na cidade fulano de tal”. Tô imbicado (corrigindo, como se fosse a pessoa “X”, novamente): com carro imbicado pra cidade fulano de tal”.

PESQUISADORA - E imbicado quer dizer o quê?

MARCO - Seguindo pra aquela cidade, né?!

PESQUISADORA - Ah, entendi!

MARCO - Aí, sempre ficava naquilo, naquela brincadeira da gente. É legal, é uma coisa que não agride nem um nem outro. Não desrespeita ninguém. São brincadeiras pra desestressar. Tem gente que acha que o trânsito estressa. Eu não! Eu no trânsito eu me alívio. Me estresso é em casa sem fazer nada.

PESQUISADORA - (Risos) Você gosta de trabalhar no que faz mesmo!

MARCO - É. Dá pra brincar bastante. [...] Vai virando rotina, né? De tanto conviver com aquilo, um diz uma brincadeira, outro vai e confia e vai gerando aquela coisa, virando costume, né? A gente brinca bastante, agora não, que a gente se desligou da outra empresa. Aí, as amizades, querendo ou não, vão ficando pra trás, e a gente vai é fazendo novos amigos...

PESQUISADORA - E quanto mais novos amigos, mais brincadeiras novas, né?

MARCO - Por enquanto, não.

PESQUISADORA - Não?!

MARCO - Não. Que... a gente é novo na empresa. Primeiro, a gente vai conhecendo cada um, como é que eles agem, o jeito que conversam. Aí, depois é que a gente vai começar aquele ciclo de amizade de novo, né?! (silêncio) Eu sou novo nessa empresa, tem duas semanas de empresa.

PESQUISADORA - Sério?!

MARCO - É!

PESQUISADORA - Então, sucesso nessa nova empreitada!

Arriscando-me mais uma vez a segmentar o não categorizável, é possível estabelecer, a partir dos diálogos anteriores, algumas relações com fins de observar as diferenças que propomos observar no início desse texto: de gênero, modal, espaço, mas que estão relacionados de tal modo que será mui difícil destituí-los. Tentemos!

As expressões: “maior”, “tô me sentindo o maioral”, “maior destruição”, “caminhão”, “carro maior” tendem a reverberar noções de poder relacionadas ao modal. Quanto “maior” o meio de transporte, maior é a sensação de “segurança” que ele provoca para quem está dentro e “medo”, “risco” para quem está fora. Por outro lado, expressões tais como “menor”, “os pequenos”, “medo”, “cuidado” sugerem *status*

de subalternidade, de exposição aos riscos no trânsito. Aqui reside a diferença entre os usuários dos *modais* de transporte. Parece que foi fácil instituir as diferenças (parecendo exceção para as expressões “certo-errado”; não poderia haver consenso sobre as práticas de acesso ao ou de permanência no trânsito).

Já com as expressões “acesso”, “frequentar a cidade”, “permissão” (para transitar na cidade quando se é menina-mulher), tanto nos impulsiona a pensar as diferenças de *espaço* como as de *gênero*. Aparentemente, mulheres, meninas, minas não dispõem da mesma permissão para acessar o território-urbano. Frequentar as cidades, de *bike*, é uma atividade que não só constitui dificuldade para um ciclista como se potencializa em grau de dificuldade para ciclistas-mulheres, que pouco ocupam o território urbano, por medo e/ou cuidado, como também ocupam pouco espaço no trânsito, pelo tamanho do modal que utilizam. Vã tentativa de segmentação.

Finalmente, no diálogo com o motorista, é possível perceber conhecimento metalinguístico: os jogos que permeiam um dado grupo ou comunidade de falantes e o batismo (eu me denomino motorista) perfazem construções identitárias, territorializações, subjetivação, assim como o fazem mulheres ciclistas. O jogo de linguagem constitutivo de “identificação” no sentido de pertencimento a grupos específicos, como formas de vida. O motorista ainda julga necessário, para jogar como os novos companheiros, *con-viver* mais, aprender as regras do jogo jogando.

4.3 CORPOS POLÍTICOS E A POLÍTICA DAS RUAS

Voltemos às ruas, o lugar das ciclistas, mulheres, negras, e outras inúmeras linhas de fuga ou jogos de identificação identitária. O que fazem, em coletivos ciclofeministas, senão agenciar uma potente voz, corpo-política?! Observemos uma última figura, seguida de um texto que a modalizava mais uns jogos de linguagem:

Figura 22 – Anúncio “Pedalzinho das Mina: Cidade Ciclável para as Mulheres”



Fonte: Pedalzinho das Mina (2018)

Pedalzinho das Mina adicionou um evento.

25 de agosto ·

O projeto Pedalzinho das Mina nasceu em junho de 2016, mas, por questões particulares ficou um pouco mais de um ano sem atividade. Nós temos como proposta principal ocupar a cidade de mulheres pedalando e usando a bicicleta como meio de transporte diário, mas, nem sempre isso é possível exatamente pela a própria insegurança da cidade. A cidade é insegura para todo mundo, mas, para nós mulheres existem muito mais fatores que nos fazem muitas vezes pensar bem antes de usar a bike como modal.

“Existem outras diferenças na maneira como a mulher vivencia a cidade. Em um mundo majoritariamente androcêntrico, é de se imaginar que o desenvolvimento urbano tenha ignorado as necessidades das mulheres em particular. A elas é reservado o passaporte de turista em cidades construídas para os homens e urbanizadas de acordo com o deslocamento deles pelas ruas e avenidas. Tornar as cidades mais amigáveis para as mulheres envolve a compreensão da sua rotina e da sua relação com o espaço urbano. Esse entendimento envolve, em boa parte, as conquistas femininas que transformaram a realidade das mulheres nos últimos anos.”

Não é fácil pedalar em Fortaleza com um trânsito perigoso, com assédio, assalto, violência de diversos tipos, mas, quando nós mulheres nos reunimos, a gente ganha força que supera todas essas dificuldades e nos empodera a tornar a cidade ciclável para nós mulheres.

Se você acredita nisso, quer reestruturar esse projeto com a gente, venha dia 02 de setembro às 15h00min à Praça da Gentilândia. Vamos pedalar até a Praia de Iracema e lá nos reunir para conversar melhor sobre o retorno do projeto Pedalzinho das Mina. Traga cangas, comida e bebida para compartilhar, traga sua bike e principalmente sua alegria, será um domingo muito animado e de muita energia boa ❤️ <3

Fonte: <http://sosmulherefamilia.blogspot.com/.../a-mans-world-querem...>

(PEDALZINHO DAS MINA, 2018)

Nas ruas, as mulheres ciclistas agenciam, por *rotas de fuga*, as diversas subjetividades, agenciam “heteroglossicamente” corpos-políticos, que lutam contra

“insegurança”, “assédio”, “assalto”, palavras usadas no jogo acima, em um “mundo majoritariamente androcêntrico”, cujas cidades são construídas para “eles”, relegando às mulheres “o passaporte de turistas”. Nota-se peremptório lutar contra os empecilhos que a sociedade patriarcal impõe, a fim de transformar as cidades e deixá-las mais cicláveis e harmoniosas para o convívio de todas as pessoas.

Finalmente, para uma teoria performativa de assembleia, Judith Butler (2018a) discute política de gênero, relação de corpos em aliança, o direito de aparecer, dentre outras questões. Diz, por exemplo, que, quando os corpos ou movimentos populares, organizados ou não, vão às ruas, reinvidicando questões de saúde e outros direitos, buscam também, a partir da visibilidade, o direito de uma “vida a ser vivida”, a partir da valorização e do reconhecimento de suas subjetividades. Argumenta que cada vez mais os direitos das mulheres, entre outros devires minoritários, são subjugados e que é bem possível e necessário um engajamento da luta de todas as minorias, dos corpos minoritários, no sentido de fortalecer direitos de sujeitos historicamente invisibilizados.

Para Butler (2018a, p. 31), “quando os corpos se reúnem em assembleias nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício – que se pode chamar de performativo – do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais visíveis”. O corpo visível, o corpo nas ruas, constitui direito à liberdade, à existência. Podemos dizer que pensar o corpo nas ruas é pensar, em termos de uma pragmática cultural, um corpo que fala, que reivindica, ou seja, um corpo performativo, expressivo, em ruas que, costumeiramente, silenciam a vida de mulheres pela violência, pelo desejo de que não lá estejam.

Reconhecimento e valorização são os propósitos desses corpos performativos, superando as noções de que “presumimos que todos os sujeitos humanos são igualmente reconhecíveis” (BUTLER, 2018a). Não, não somos! O campo do reconhecível é um direito de todos! – ou, pelo menos, deveria sê-lo. Interessa pensar, em um plano de ação política dos corpos na rua, como organizar o espaço público, com fins de torná-lo plural? A autora, citando Hanna Arendt⁴⁴, diz que o espaço do aparecimento não surge, ele é construído a partir de falas-ação. O espaço

⁴⁴ “(S)empre que os homens se reúnem na modalidade da fala e da ação, e, portanto, precede toda e qualquer constituição formal do domínio público e as várias formas de governo, isto é, as várias formas possíveis de organizar o domínio público”. (Butler 2018a, p. 86-87). A filósofa cita Hanna Arendt, mencionando a obra de Arendt, *Human Condition*, situa a página 197, porém, não há mais detalhes, como ano, local, editora de publicação.

público, nesse sentido, é constitutivo de atos de fala. E a questão crucial é: os que não têm voz na constituição desse espaço público “plural” não existem? Então, Butler continua:

O corpo nas ruas persiste, mas também busca encontrar as condições de sua própria preservação. Invariavelmente, essas condições são sociais e exigem uma reorganização radical da vida social para aqueles que experimentam sua existência em perigo. Se estamos pensando bem, e nosso pensamento nos compromete com a preservação da vida de alguma forma, então a vida a ser preservada toma uma forma corporal. Por sua vez, isso significa que a vida do corpo – sua fome, sua necessidade de abrigo e proteção contra a violência – se torna uma importante questão política. Mesmo os aspectos mais determinados ou não escolhidos da nossa vida não são simplesmente determinados. Eles são determinados na história e na linguagem, por meio de vetores de poder que nenhum de nós escolheu. [...] As categorias sociais que nunca escolhemos atravessam esse corpo determinado de algumas maneiras mais do que de outras, e o gênero, por exemplo, nomeia esse atravessamento, bem como suas transformações. (BUTLER, 2018a, p. 105).

As vozes e corpos não legitimados, como aqueles pertencentes às mulheres, ciclistas, podem não constituir um plano “ideal” de espaço público, mas, por linhas-rizomático-transgressivas, ou *rotas de fuga* (DELEUZE; GUATTARI, 2011a), um espaço clamado ao direito de sua visibilidade, ao direito de constituir outras formas de vida, a partir de seus jogos de linguagem, performatizados em nossos corpos, nas ruas, nas redes sociais, nos seminários, na vida.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Não proponho performatizar conclusões ou considerações finais porque, como rizoma, pressupomos *meio*, e não fim. Desse modo, lamentamos não registrar-narrar outras experiências, como o pedal do dia 29 de setembro de 2019, em que ajudei a construir, com moças e rapazes, um ato contra a violência praticada contra as mulheres. Nesse evento, cheguei a sofrer um ato-físico-violento enquanto pedalava. Tive uma fratura diminutiva do platô lateral da perna esquerda. O joelho fragmentou-se em pequenos pedaços. Depois de uma semana internada, realizei cirurgia para instalação de placa e pinos de aço.

Meu desejo, nessa cartografia, era multiplicar-relacionar esse evento-corpóreo às discussões aqui abordadas como espécie *platô* a que os autores do rizoma entendem como *meio*, ponto de junção. Desejei falar sobre meus medos antes e depois do incidente, a violência, formas capitais e identitárias refletidas pelos amigos e amigas que estavam comigo, a cidade no dia do evento, o ato político daquele dia, o enfrentamento sobre acessibilidade (ou seja, do quão estamos pouco preparados e preparadas, como sociedade, a pensar em lares, instituições, cidades mais acessíveis física e subjetivamente), a resistência, os cuidados como mulher (por mulheres), as sensações e reações do meu corpo a medicações ostensivas que me fizeram perceber como nossos corpos são vulneráveis, entre tantas questões, sobretudo, as palavras “cuidado” e “gratidão”!

Dito isso, continuo o ritual que me permite avaliar propósitos e resultados. Propúnhamos a realização de cartografia dos jogos de linguagem como modos de subjetivação de mulheres ciclistas. Nesse trabalho, concentramo-nos em apresentar agenciamentos coletivos de enunciação que performam formas de vida de mulheres ciclistas, enunciados que revelam não somente a produção de subjetividades como também a relação dessas mulheres com o espaço, a cidade, o outro gênero, outros modais.

Propomos ainda analisar-narrar a influência das experiências socioculturais na produção de subjetividades de mulheres ciclistas em espaços públicos. Discutimos como a experiência de resistir a formas capitais, construção de cidades educadoras e educandas, relações opressoras produzidas pelo capital e pelo patriarcado amolam e reprimem não apenas a liberdade pessoal e dos corpos de mulheres, mas também seu livre acesso às vias urbanas.

Indicamos descrever-narrar práticas discursivas de mulheres ciclistas como forma de analisar uma espécie de gramática sociocultural que lhes é peculiar, construída a partir das relações entre si e com os diferentes. Produzimos um diálogo a partir de palavras-mundo que destacamos como repetição, estilizações discursivo-corpóreas que apresentam multiplicidades da relação mulheres-bicicletas-cidades em alegorias, ritualizando e performando diferenças de gênero, modal e espaço. Uma gramática de uso constituindo formas de vida distintas (mulher-homem, bicicleta-carro, cidade como espaço livre-proibição).

Insistimos em analisar, entre os jogos de linguagem, relatos e postagens virtuais de mulheres ciclistas com fins de compreender, a partir de suas perspectivas, tais jogos como subversivos às práticas discursivas dos jogos de linguagem constitutivos histórica e socialmente hegemônicos nas relações estabelecidas a partir do e no espaço urbano. Tentamos construir, de modo rizomático, alguns diálogos com mulheres ciclistas. Certamente não se é possível acessar de modo totalizante as perspectivas das participantes, nem de modo “objetivo”, muito menos sem deixar de envolver-me como sujeito pesquisadora. Colocadas as “limitações”, foi possível perceber, a partir dos jogos de linguagem de algumas mulheres ciclistas, associações de resistência a jogos de linguagem que minimizam formas de vida associadas ao modal bicicleta e seu uso por mulheres.

Múltiplos jogos de linguagem aqui estudados como ensaio narrativo constituem as multiplicidades, também subjetividades, em devir corpo-mulher-ciclista. Um devir no qual atuam corpo-voz e simbioses, por múltiplas rotas de fuga, pelos desejos de felicidade, isto é, o desejo de ocupar a geografia das cidades de forma simétrica.

Ao usarem a linguagem-corpo como protesto ou como que para marcar seu espaço no trânsito, como o fazem ao não comporem a tal fila indiana, ocupando maior espaço no trânsito, elas promovem formas de vida, feitas com as palavras-corpo, estabelecidas através de seus jogos de linguagem. Essas mulheres ciclistas constroem identidades no jogo que fazem *na* e *pela* linguagem, a linguagem vozeada, a linguagem das redes sociais, a linguagem do corpo, a linguagem nas ruas, a ciclo-político-linguagem.

Estar nas ruas, com suas *bikes*, pode constituir uma forma de resistir ou, ainda, de re-existir. Expor-se, a despeito de todos os riscos permeados pelo estar nas ruas, constitui ainda uma maneira de preservar seu espaço, sua visibilidade, através

de sua linguagem-corpo, sua forma de vida. A preservação de uma forma de vida, como a das mulheres ciclistas, constitui a preservação de seus corpos, conseqüentemente, estar nas ruas em busca de sua preservação é um ato político, que atravessa, junto a todas as outras subjetividades (as categorias sociais, no texto de Butler), os desejos de transformação de uma realidade que devesse plural. Se utopia? Bem, já dizia o poeta: “é de batalhas que se vive a vida!”⁴⁵

Acessando esse texto como *agenciamento maquínico*, posto que “[um livro] existe apenas pelo fora e no fora” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 18), agora que virtualmente se atualiza “um fim”, *peço* que o *façam, performativamente, perguntem-se, não* “o que ele quer dizer”, mas “com o quê”, “para quem” ou “em que circunstância” ele *funciona(?)*! Como uma *máquina desejante*, portanto produção ao invés de representação, que outras máquinas ela afeta?

⁴⁵ Trecho da música “Tente outra vez”, conhecida na interpretação de Raul Seixas. Composição: Raul Seixas, Paulo Coelho, Marcelo Motta. Álbum: Novo Aeon, CBC, Rio de Janeiro, Gravadora Philips Records, 1975.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Claudiana Nogueira. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. *In*: RODRIGUES, Marília Giselda et al. (org.). **Discurso**: sentidos e ação. São Paulo: Universidade de Franca, 2015. (Coleção Mestrado em Linguística), 10., p. 141-162.

_____. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os jogos de linguagem. *In*: SILVA, Daniel Nascimento; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (org.). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014a. p. 78-100.

_____. **Por uma pragmática cultural**: cartografias descoloniais e gramáticas culturais em jogos de linguagem do cotidiano (PRAGMACULT). Mimeo, Fortaleza, 2013.

_____. **Programa Viva a Palavra**: Circuitos de linguagem, paz e resistência da juventude negra na periferia de Fortaleza. Mimeo, Fortaleza, 2014b.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ASSOCIAÇÃO DOS CICLISTAS URBANOS DE FORTALEZA – CICLOVIDA. Ciclovida fortaleza. *Instagram*. @ciclovida. Fortaleza, 18 de abril de 2018.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. *In*: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221. Obras escolhidas, v.1.

BICICLETAR. Bicicletas compartilhadas de Fortaleza. **Mapa das estações**. 2019. Disponível em: <<http://www.bicicletar.com.br/>>. Acesso em: 10 nov 2019.

BLOOMAERT, Jan. Ideologias linguísticas e poder. *In*: SILVA, Daniel Nascimento; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (org.). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014, p. 67-77.

BRASIL. Casa Civil. **Lei nº 9.503**, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro. Distrito Federal, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9503.htm>. Acesso em: 02 nov. 2019.

BRITO, Adriano Naves de. Filosofia da Linguagem. Centro de Educação Aberta a Distância. CEAD. **Universidade Estadual do Piauí**. Disponível em: <<http://www.uapi.edu.br/upload/filosofia/documentos/Brito%20-%20O%20que%20e%20filosofia%20da%20linguagem.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.

_____. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018b.

_____. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. 1. ed. 3. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

CALDEIRA, Teresa Pires. **Cidade de muros-crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000.

CARVALHO FILHO, Benedito José de. Notas para compreender as transformações de uma cidade na era do capitalismo financeiro. In: BARREIRA, I. A. F.; GONÇALVES, D. N. (org.). **A cidade**: sob o chão do espaço público. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 205-226.

CC BIKES. Passeios ciclísticos. *Instagram*. @passeiosciclisticos. *Instagram*. Fortaleza, novembro de 2019.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 3. ed. Tradução de Epharain Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CRUZ, Willian. A bicicleta como ferramenta de emancipação da mulher. **Vá de bike**. 2015. Disponível em: <<http://vadebike.org/2013/03/bicicleta-emancipacao-feminina/?fbclid=IwAR3PRkP4E4rxK0TIJ0INqLW-l8D9RIU3uBDD6QjY19JO4DD1GOV3vBsfcKw>>. Acesso em: 29 out. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. 2. ed. São Paulo, Editora 34, 2011a.

_____. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 2. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011b.

48% DA POPULAÇÃO moram a, pelo menos, 300m da malha cicloviária. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 26 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/48-da-populacao-moram-a-pelo-menos-300m-da-malha-ciclovitaria-1.2166917>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Verbetes “mina”**. 2019. Disponível em <<https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/mina/22966/>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Verbetes “pedal”**. 2018. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pedal/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira. Contexto: problemáticas *ad infinitum*. In: SILVA, Daniel Nascimento; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR,

Claudiana Nogueira de (org.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.

FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil. Apresentação. In: _____ (org.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2016.

FORTALEZA. Prefeitura Municipal de Fortaleza. **Malha cicloviária**. 2018. Disponível em: <<https://mobilidade.fortaleza.ce.gov.br/>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Política e educação: ensaios**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GARCIA, Roza. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

GOMES, Cristina. Por que o empoderamento feminino favorece uma sociedade inteira? **Mulher líder**. 13 de setembro de 2017. Disponível em: <<http://mulherlider.com.br/blog/por-que-o-empoderamento-feminino-favorece-uma-sociedade-inteira/>>. Acesso em: 20 set. 2019

GOMES, Emanuel Pedro Martins. **Problemas do Consórcio Análise do Discurso Crítica/Realismo Crítico**: descrevendo os circuitos e os cursos de ação para uma análise sócio-crítica do discurso. Tese (Doutorado em 2018). Universidade Estadual do Ceará, 2018.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUBER, Rosana. **La etnografía método, campo y reflexividad**. Barcelona: Norma, 2001.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS – **IBGE**. Cidades@2018. Disponível em: <www.ibge.gov.br/cidadesat/index.php>. Acesso em: 20 dez. 2018.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano em comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25 – n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013

LIMA FILHO, Irapuan Pinheiro; REBOUÇAS, Giovanna Freitas. Mobilidade urbana e ciclismo: o uso do sistema de bicicletas compartilhada em Fortaleza. In: BARREIRA, I, A, F, GONÇALVES, D, N. (org.) **A cidade: sob o chão do espaço público**. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora, 2019. p. 15-42.

LOPES, Sheryda. Com mais de duas mil integrantes, coletivo ciclofeminista Ciclanas completa um ano. **Vá de Bike**. 23 de março de 2016. Disponível em:<>. Acesso em: dez 2018.

MARTINS, Helena. Para levar a sério a mitologia alheia: linguagem, crítica e alteridade em Wittgenstein. *In*: FERREIRA Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.) **Um Mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas, SP, Pontes Editora, 2016. p. 63-84.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **El árbol del conocimiento**: las bases biológicas del entendimiento humano. V ed.- Buenos Aires, Lumen, 2003.

MEDOUX, Irma Julienne Angue. Richard Rorty: Um pragmaticista iconoclasta. **Revista Redescrições** – Revista on line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte-americana. Ano I, número 3. 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/view/14452/9643>>. Acesso em 03 set 2018.

MEY, Jacob Louis. **As vozes da sociedade**: seminários de pragmática. Campinas, SP, Mercado das Letras, 2001.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: _____ (org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

O POVO. Ciclista é atropelada na ciclofaixa por ônibus que fazia curva na Antônio Sales. **O Povo Online**. Fortaleza, 08 de maio de 2018. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2018/05/ciclista-e-atropelada-por-onibus-em-cruzamento-da-antonio-sales-com-do.html>>. Acesso em: 13 nov 2019.

O POVO. "Ciclovía do poste" causa riscos e irrita ciclistas na avenida Aguanambi. **O Povo Online**. Fortaleza, 23 de maio de 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/05/23/ciclovía-do-poste--causa-riscos-e-irrita-ciclistas-na-avenida-aguanambi.html>>. Acesso em: 15 nov 2019.

PAULA, Izadora. Autoatendimento em ônibus na Capital é discutido em audiência pública. **O Povo Online**. Fortaleza, 18 de junho de 2019. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2019/06/18/autoatendimento-em-onibus-em-fortaleza-e-discutido-em-audiencia-publica.html>>. Acesso em: 14 dez 2019.

PEDALZINHO DAS MINA. **Página de Eventos do Pedalzinho das Mina**. FACEBOOK, *online*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pedalzinhodasmina/>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

PEDALZINHO DAS MINA. **Página da Comunidade do Pedalzinho das Mina**. FACEBOOK, *online*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pedalzinhodasmina/>> Acesso em: 22 ago 2019.

PENA, Rodolfo F. Alves. Efeitos da especulação imobiliária nas cidades. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/efeitos-especulacao-imobiliaria-nas-cidades.htm>>. Acesso em 28 set 2019.

PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidade. **D.E.L.T.A.**, 23:1, 2007.

_____. Linguagem, feminismo e efeitos de corpo. *In*: SILVA, Daniel Nascimento; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (org.). **Nova Pragmática: Modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014, p. 78-100.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Nova pragmática: fazes e feições de um fazer**. São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

_____. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão da ética**. 1ª ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2003. 5ª reimpressão, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte-MG, Letramento, Justificando, 2017.

SANTOS, Rúbia Rodrigues Gomes dos. **Proposta de requalificação de baixo de viaduto, espaços residuais e sistema viário em fortaleza** - Urbanismo com perspectiva de gênero. (Monografia), Centro Universitário Estácio, Fortaleza, 2018.

SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA – SOF. **Prostituição: uma abordagem feminista**. São Paulo, Pigma, 2013. Disponível em: <https://br.boell.org/sites/default/files/prostituicao_uma_abordagem_feminista.pdf?fbclid=IwAR1tehEhPD0syh9kzoE_KmY_owIGZLEG5-RKXGbmgz2YePhwGgpWeCDpm2I>. Acesso em: 20 out 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Daniel Nascimento; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. *In*: SILVA, Daniel Nascimento; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (org.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 259-286.

SILVA, Daniel. Nascimento; FERREIRA, Dina Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de. (org.). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.

SILVA, Jony Kelsen Castro. **Produção de subjetividade geek: uma cartografia dos jogos de linguagem na rede geek**. 2015. Dissertação (Mestrado em 2015). Universidade Estadual do Ceará. 2015.

SOARES, Leonardo Barros; MIRANDA, Luciana Logo. Produzir subjetividades: o que significa? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Revispsi. Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ. 2008. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a10.html>>. Acesso em 12 de novembro de 2018.

SOUZA, Regina Magalhães de. Protagonismo juvenil: o discurso da juventude sem voz. **Rev. Bras. Adolescência e Conflitualidade**, 1(1): 1-28, 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodoensinomedio.ufpr.br/wp->

content/uploads/2014/02/Protagonismo-juvenil-o-discurso-da-juventude-sem-voz.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2018. p. 01-28.

VARIKAS, Eleni. Gênero, Experiência e Subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. 1994. Trad. Ricardo Augusto Vieira. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 63-84. **Biblioteca Digital da UniCamp**. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=51009>. Acesso em: 16 set. 2017.

VASCONCELLOS, M. J. E. de. **Pensamento sistêmico**: o novo paradigma da ciência. 10ª ed. rev. e atual. Campinas-SP, Papirus, 2013. 2ª reimpressão, 2015.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multiculturalismo na América indígena. In: _____, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 347-399.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Tradução Marcos G. Montagnoli. 9ª ed. Petrópolis, RJ, Vozes; Bragança Paulista, SP, Editora Universitária São Francisco, 2014. 4ª reimpressão, 2017 [1953, primeira edição bilíngue alemão/inglês, cuja tradução para o inglês foi feita por G. E. M. Anscombe].

XAVIER, Giselle Noceti Ammon. O cicloativismo no Brasil. **Escola de Bicicleta**. Online. Disponível em: <<http://www.escoladebicicleta.com.br/cicloativismoatores.html>>. Acesso em: 13 ago. 2019.